

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

BOLETIM
CULTURAL
E
ESTATÍSTICO



VOLUME I—N.º 1
JANEIRO — MARÇO DE 1937

SUMÁRIO

JÚLIO DANTAS — O antigo Passeio Público.

ANTÓNIO BAIÃO — Afonso de Albuquerque, o primeiro Presidente da Câmara de Lisboa.

ALFREDO DA CUNHA — Gil Vicente na Lisboa antiga e a antiga Lisboa nas obras de Gil Vicente.

FRANCISCO RODRIGUES — O Colégio de Santo Antão de Lisboa.

ÁLVARO DA FONTOURA — A habitação das classes trabalhadoras.

Resumo em francês — Resumo em inglês.

DA ESTATÍSTICA MUNICIPAL

PELOURO DA PRESIDÊNCIA — Mapa 1 a 6.

» DE FINANÇAS — Mapa 7 e 8.

» » ENGENHARIA — Mapa 9 a 11.

» » URBANIZAÇÃO — Mapa 12 a 15.

» » SERVIÇOS CULTURAIS, CEMITÉRIOS E JARDINS — Mapa 16 a 19.

» DA LIMPEZA URBANA — Mapa 20 e 21.

» DO MATADOURO E ABASTECIMENTO DE CARNES — Mapa 22 a 26.

» DOS SERVIÇOS SANITÁRIOS — Mapa 27 a 34.

» DE OUVIDORIA — Mapa 35 e 36.

DA ESTATÍSTICA GERAL

ÍNDICES-NÚMEROS — Mapa 37 e 39.

DEMOGRAFIA — Mapa 40 a 43.

COMÉRCIO EXTERNO — Mapa 44 e 45.

COMUNICAÇÕES — Mapa 46 a 50.

PREÇOS — Mapa 51 a 53.

COMÉRCIO INTERNO — Mapa 54 a 56.

BOLSAS — Mapa 57 e 58.

MOEDA — Mapa 59 e 60.

BANCOS — Mapa 61.

PROPRIEDADE — Mapa 62 a 65.

DIVERSOS — Mapa 66 a 68.

352 (469. 499.6)(05)

H



Boletim Cultural e Estatístico

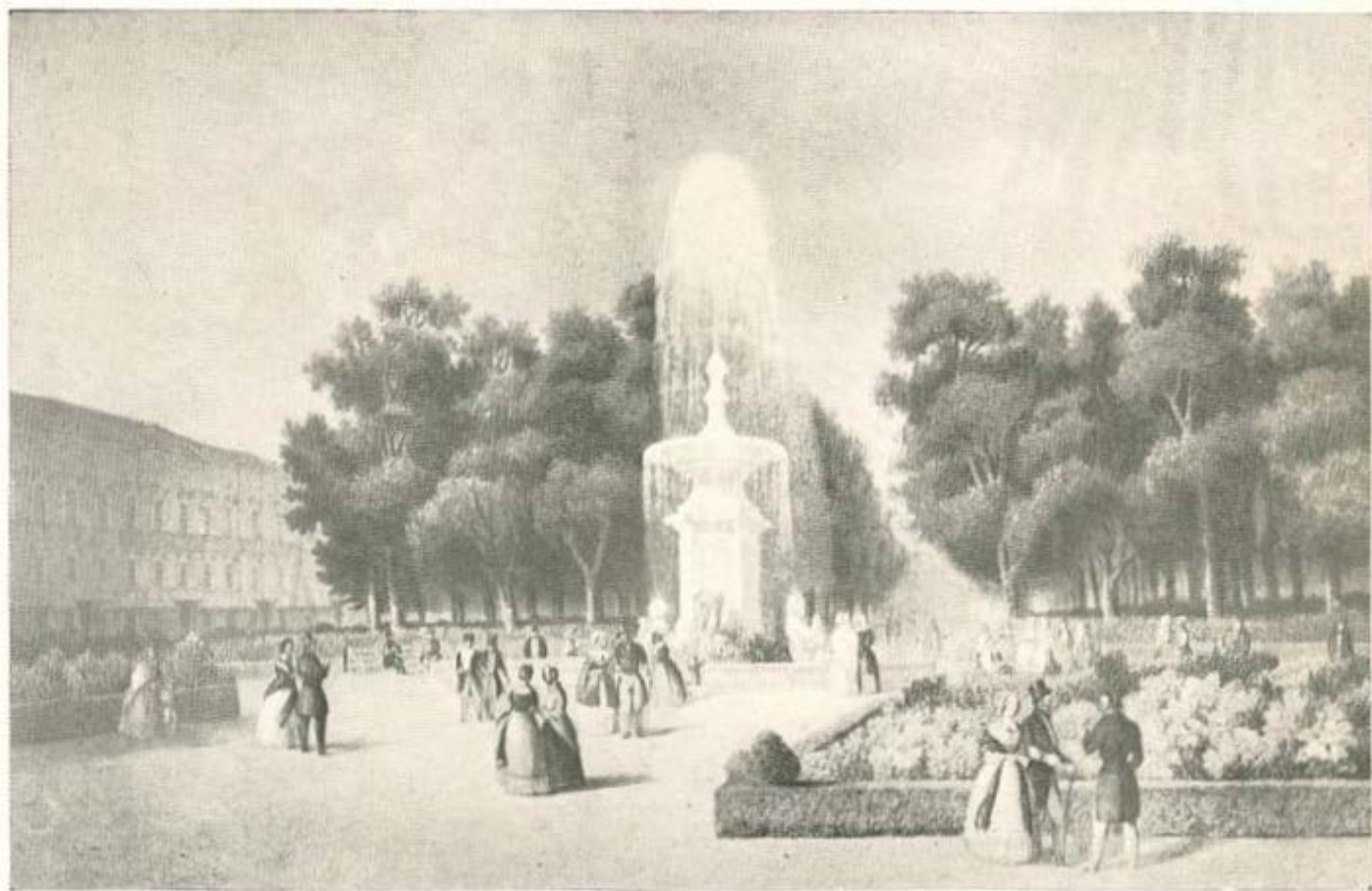
Câmara Municipal de Lisboa

BOLETIM CULTURAL
E
ESTATÍSTICO

VOLUME I



Lisboa
1937



O ANTIGO PASSEIO PÚBLICO

Litografia da época

O ANTIGO PASSEIO PÚBLICO

ATE 1750, pode dizer-se que Lisboa não tinha um passeio.

Os elegantes esticados e empoados da primeira metade do século XVIII, quando queriam passear, iam para o Rossio. Davam dez voltas, vinte voltas, cortejavam para todos os coches e tôdas as berlindas que passavam, gastavam os sapatos de grande fivela de prata no empedrado grosseiro da rua,—e aos domingos, depois da missa, com o seu tricorne e o seu capote branco, o seu espadim doirado e a sua face pintada de carmim, podiam jurar com verdade que tinham visto passar em estufins e em florões, de liteira ou a pé, o que de mais fidalgo, de mais rico e de mais illustre havia em Lisboa. O Rossio era, no meiado do século de D. João V, o picadeiro das grandes elegâncias.

Mas, com franqueza, nada se prestava menos do que o velho Rossio para o fim que a «francezia» elegante de 1750 lhe destinou. Era um terreiro irregular, atravancando pela escadaria sumptuosa do Hospital de Todos os Santos, pela fachada procidente do Palácio da Inquisição e pelos arcos das lojas tão características dos algibebes e dos mercadores do lado oriental, que avançavam as suas pilastras escuras e antigas na sombra confusa dos ressaltos da casaria.

Tinha sido, séculos antes, logradouro público; e ainda se ressentia da imundicie dos velhos tempos, sempre cheio de cães e de mendigos, de mulatos e de ciganos, de tôda a malta dos *bas-fonds* lisboetas do século XVIII, que tanto dava que fazer às corregedorias dos Bairros. Coche que passava, a bambolear a sua talha doirada, era logo assaltado por um enxame tumultuoso de pobres. Os garotos cortavam com tesouras as casacas de sêda dos «facei-

ras», pescavam-lhes as cabeleiras de rabicho, faziam-lhes assuadas enormes e estrondosas. Não se podia namorar. Os próprios «baetas» circunspectos e graves eram acometidos pela garotada, que os fazia de fel e vinagre. As escadas do Hospital Real tinham-se tornado coio certo de mendigos e de frades pedintes; e, cá fora, ouviam-se os gritos dos loucos e dos possessos aferrolhados no pavimento térreo do grande hospital manuelino, ali mesmo, no coração da cidade, por detrás das grades que deitavam para o terreiro. Se juntarmos a isto a fachada sombria da Inquisição, antigo paço dos Estãos, com a sua figura da Fé a rematar-lhe o frontão severo, compreende-se decerto que o Rossio do meiado do século XVIII não podia ser, nem um refúgio cómodo, nem um passeio agradável.

Foi isso justamente que pensou o grande Marquês de Pombal, depois do terremoto de 1755, ao lançar os fundamentos da sua Lisboa moderna. O ilustre ministro pensava em tudo: na política e na administração, na diplomacia e nas finanças, na indústria e no amor, nos jesuítas e nos passeios. Não havia dúvida: a cidade precisava dum jardim, de um grande jardim onde os coches rodassem sumptuosamente, com alamedas de buxo cheias de sombras que pequenos pés calçados de veludo vermelho pisassem, bancos de pedra junto de estátuas onde o Amor espreitaria, por detrás duma roseira, o diálogo empoadado, frisado, pintado e perfumado da loira Nise e do galante Coridon. E, como Lisboa precisava dum jardim, Pombal, sempre generoso, sempre hábil, sempre previdente,—mandou-lhe dar um jardim.

¿Onde havia de ser? ¿Em que local? ¿Em que ponto central da cidade? Aí estava um problema. Mas Pombal resolveu-o fácilmente. Havia em Lisboa um sítio lúgubre, alagadiço, cheio de ruínas e de pedras, para onde depois do terremoto se iam lançando todos os entulhos. Chamavam-lhe *Hortas da Cêra*, e ficava pouco adiante do Rossio, ao tornejear o palácio Cadaval, entre as eminências da Cotovia, de S. Roque e de Santana. Iam aí habitualmente os ladrões roubar moedas ou jóias que ainda apareciam nos escombros. De noite ninguém por ali passava, a não ser os quadrilheiros à caça dos larápios,—que, se caíam nas mãos da justiça, eram pendurados sumàriamente numa fôrca erguida mais acima, na *Praça do Verde*, depois Alegria de Baixo. Esse terreno sombrio estava por conseguinte encravado entre o patíbulo e a Inquisição. Mas o grande ministro não se preocupou com a vizinhança sinistra que o acaso dera às *Hortas da Cêra*, e encarregou em 1764 o architecto Reinaldo Manuel de delinear um jardim sôbre aquêlê rincão ala-

gadiço de Valverde que os entulhos do terremoto atravancavam. Era ordem de el-rei-Pombal: executou-se.

Pouco depois, a velha e nobre Lisboa já não precisava do Rossio para fazer rodar os seus coches, bambolear as suas berlindas e mostrar os penteados imensos e caricaturais das suas mulheres: tinha um *Passeio Público*.

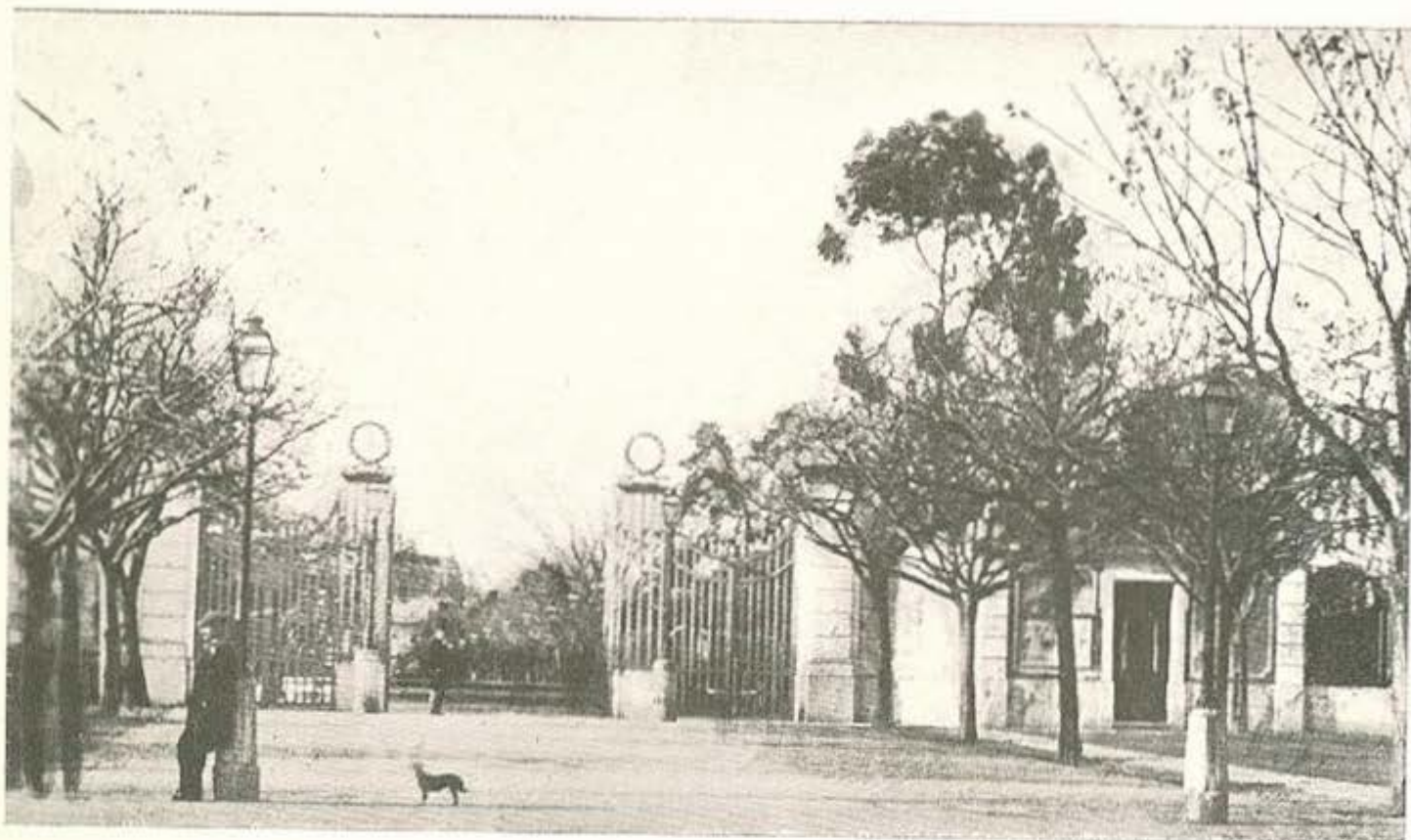
Mas êsse *Passeio Público* do marquês de Pombal e do architecto Reinaldo não era ainda o que os nossos pais e os nossos avós conheceram. Ficava no mesmo local, é certo; mas tinha fisionomia diferente daquela que apresentou mais tarde. Rodeavam-no muros altos, conventuais, onde de vez em quando se abria uma janela gradeada, com os competentes poiais de pedra. Parecia uma quinta nobre, com os seus freixos imensos transplantados das propriedades de Ratton, na Barroca de Alva, as suas banquetas de buxo tosquiado, o seu ingénuo desenho *Le Nôtre*, a sua alta cancela verde. A proximidade dos palácios Lumiares e Castelo Melhor contribuia para a ilusão de que o novo *Passeio* era apenas o jardim fidalgo de alguma das duas grandes casas. Por aí passearam as elegantes do tempo da Sr.^a D. Maria I, cheias de jóias e de polvilhos; por aí fizeram tilintar as suas espadas os oficiais de Junot, brilhantes de impudor e chamarrados de oiro; por aí se juraram, sob a folhagem sombria dos freixos, muitos amores eternos em idílios de dez minutos; por aí sonharam os visionários de 1820, orgulhosos do seu briche como de uma toga romana, o sonho azul e branco da Constituição. Era nêsse fresco e primitivo jardim que as elegantes de Lisboa no êxtase do romantismo nascente, vestidas de musselina e toucadas de rosas, faziam o seu «*embarquement pour Cythère*». Com uma pedra de armas sôbre a porta seria um jardim solarengo; com um jôgo-da-bola ao fundo seria uma cêrca monástica. E, entretanto, era apenas um ingénuo e grave *Passeio Público*, como o compreendera a onipotência dum grande ministro e a arte modesta dum pequeno jardineiro.

Mas um *Passeio* que convinha à segunda metade do século XVIII, não podia convir à primeira metade do século XIX. A Lisboa jacobina de 1834 não saberia passear agradavelmente num jardim que tinha todo o ar conventual e recolhido duma cêrca fradesca. O velho *Passeio* pombalino, com o seu geito *Le Nôtre*, as suas urnas e os seus bancos de murta, o seu caramanchão de azulejos e a sua cancela verde, os seus muros altos e as suas árvores alinhadas a cordel, era muito do século XVIII, demasiado antigo regime para uma cidade de *sans-culottes* que acabara de roubar e de enxotar os frades.

Por conseguinte, no mesmo ano em que foram extintas as ordens religiosas,—quási no mesmo dia, principiou a reconstruir-se e a transformar-se o *Passeio Público* de Lisboa.

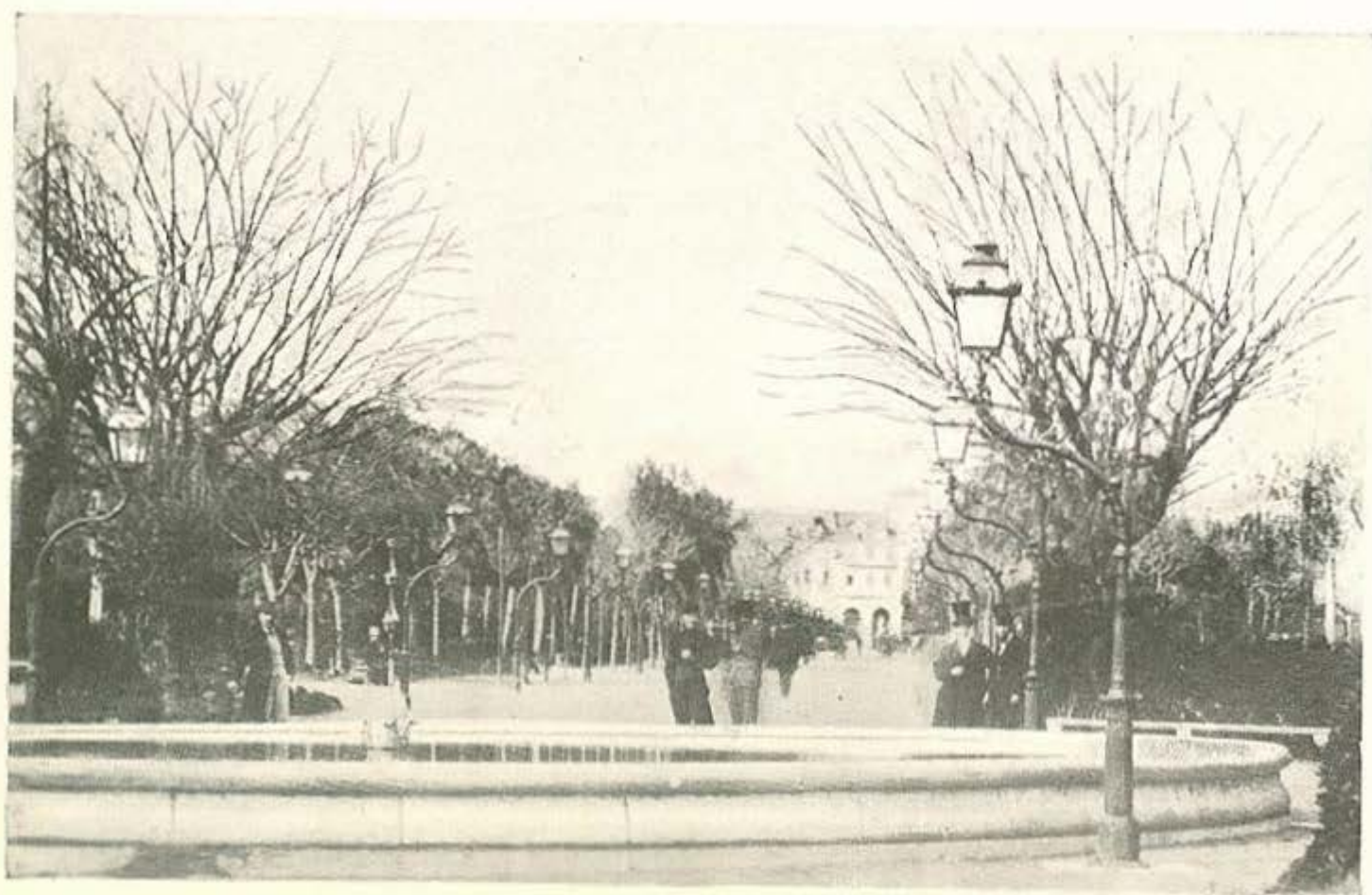
A primeira coisa que fizeram foi arrasar-lhe os muros e substituí-los por um gradeamento de ferro interrompido de espaço a espaço por grossas pilastras de pedra. O velho jardim monacal tomou logo um ar moderno de *square* europeu. Depois, em vez da antiga cancela de quinta nobre, levantaram duas enormes portas de ferro, «*mais seguras que a Bastilha*», como dizia Alexandre Herculano num artigo desalentado e triste do *Panorama*. O largo anterior à cancela, que primitivamente não estava compreendido nos muros, foi envolvido pela nova cinta de varões de ferro: o *Passeio Público* ficou por conseguinte mais extenso e menos abafado, mais inglês e menos solarengo, mais civilizado e menos conventual. Depois, o novo architecto, que se chamava Malaquias Ferreira, lembrou-se de que no antigo jardim do Paço dos Estáos havia quatro figuras de pedra representando duas sereias e dois tritões; teve a ideia luminosa de as ir buscar, e applicou-as, com um mau gôsto verdadeiramente notável, no meio dum tanque estupidiíssimo que fêz construir à entrada do *Passeio*. O tanque era pequeno, as figuras gigantescas: o efeito não podia deixar de ser monstruoso,—em que pesasse ao pobre autor dos monos, o escultor Alexandre Gomes, obscuramente morto em 1801. Em seguida, à fantasia fértil do jardineiro-architecto ocorreu a ideia de uma grande cascata,—uma cascata onde pudessem aproveitar-se dois cisnes e uma náíade de pedra que a sua boa vontade infatigável descobrira também nalgum outro jardim velho. A cascata fêz-se, como se fizera o tanque. Por fim, Malaquias foi-se às árvores, aos velhos freixos anosos de Raton—freixos de cabelos brancos, freixos de quási um século—e deu em cortar nêles com uma dendrofobia em tudo digna dum vereador municipal de 1906. Então, o bom Alexandre Herculano não poudé dominar-se, e protestou:—«*Queríamos ao menos que se poupassem as árvores, senhores!*» Mas a fúria arboricida do homem não se importou com o profeta da biblioteca da Ajuda, as árvores foram decotadas,—e o novo *Passeio Público* appareceu com menos verdura e mais estátuas, menos caramanchões e mais jogos de água, pronto para absorver patriarcalmente os ócios duma cidade aborrecida, que já começava a sentir a falta dos lausperenes e das procissões, dos frades e dos outeiros de Abadessado.

Era êste o *Passeio Público* que os nossos pais e os nossos avós conheceram, com a sua larga rua central, e o seu gradeamento em volta à moda de



A ENTRADA PRINCIPAL.

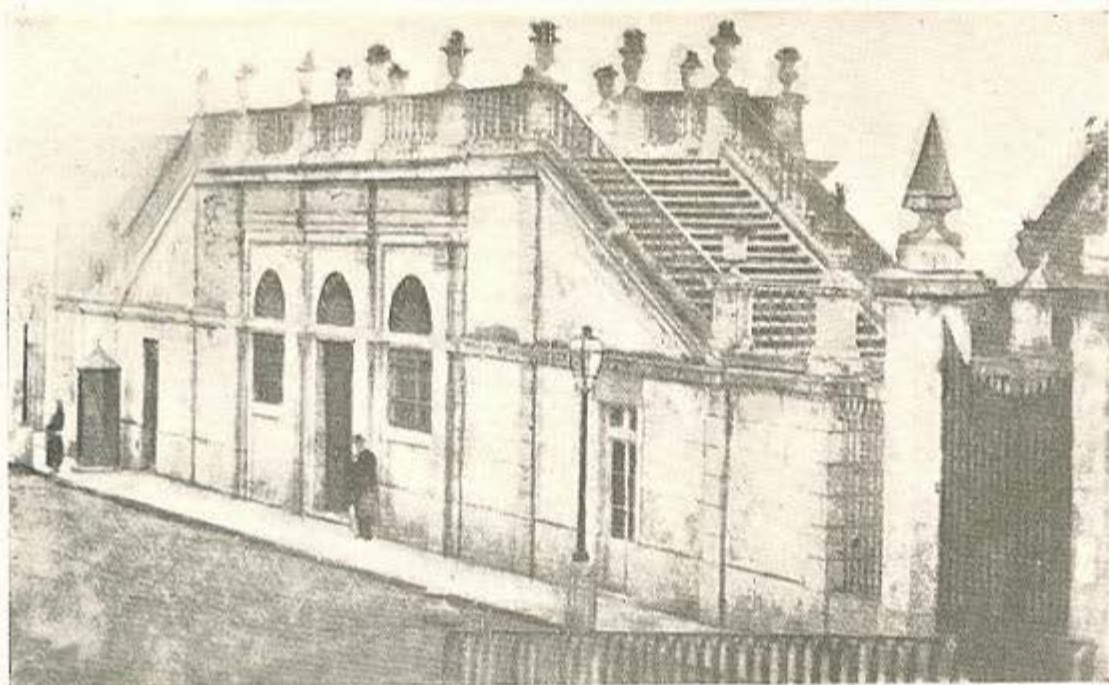
Fotografia de Amorim



A RUA CENTRAL E O LAGO DA ENTRADA

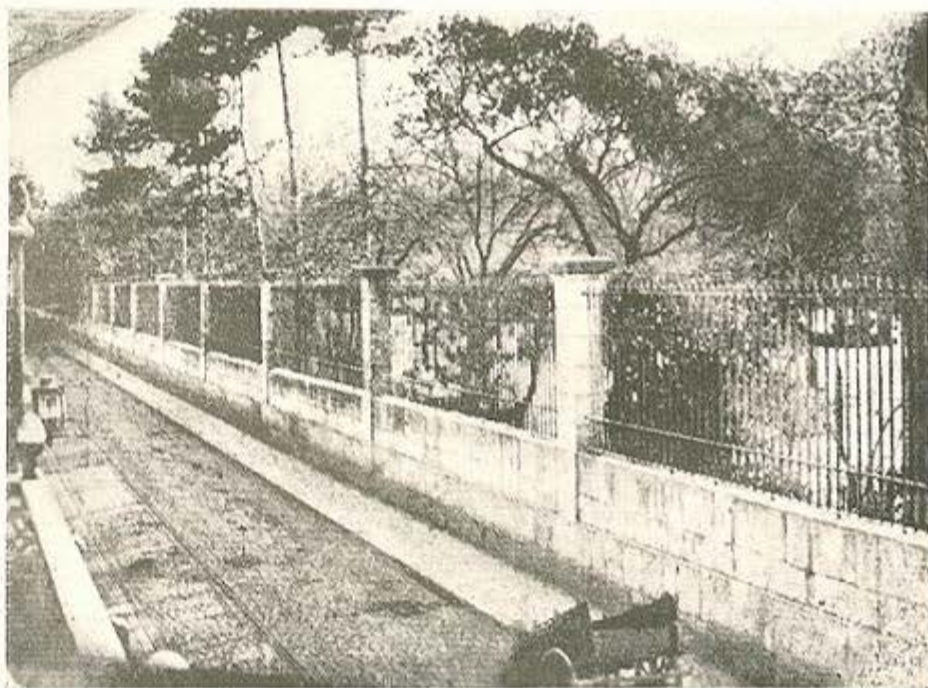
Fotografia de Amorim

O ANTIGO PASSEIO PÚBLICO



A ENTRADA NORTE

Rep. da «Ilustração Portuguesa»



O GRADEAMENTO

Rep. da «Ilustração Portuguesa»



A CASCATA

Rep. da «Ilustração Portuguesa»

parque inglês. Ainda assim, em 1847, o velho jardim sofreu uma modificação imposta pelo bom gosto do tempo: foi suprimido o tanque, com as suas sereias e os seus tritões, a sua bacia acanhada e o seu pequeno repuxo. A alameda seguia direita, dum tópo a outro do *Passeio*. As árvores cresceram, as banquetas de buxo desenvolveram-se,—e o velho jardim tomou então definitivamente a fisionomia grave e austera que nós ainda lhe conhecemos, quando em 1879 lhe foi dada sentença de morte e quando em 1882 começou a demolição do gradeamento.

Foi precisamente depois de retirado o tanque, que no *Passeio Público* começaram a dar-se as grandes festas que ficaram na tradição e a que toda Lisboa concorreu. Eram iluminações com fogos de artifício deslumbrantes, que faziam as delícias da burguesia de merinaque e de bambolins, de calça de ganga amarela e de casaca azul com botões dourados. Tudo o que havia de melhor em Lisboa ia ao *Passeio* sentar-se nas cadeiras dos velhos do Asilo de Mendicidade, em cujo benefício eram dadas as festas. A mais brilhante das iluminações do *Passeio* foi em 1851, já depois de haver gás em Lisboa. Não se imagina o movimento de entusiasmo que sacudiu a cidade, durante as noites de Agosto em que se realizaram os festejos anunciados. As antigas velas de cêbo, as primitivas tigelinhas de azeite, os balões venezianos multicôres foram substituídos por enormes renques de estrélas luminosas; levantou-se um obelisco, rodeado de 7.300 lumes, a meio da alameda principal; os jogos de água da cascata, batidos de focos de luz amarela, azul e vermelha, deslumbraram as belezas lisboetas de botinha de duraque e saia de balão; e num transparente hábilmente disposto, ao fundo do *Passeio*, os efeitos luminosos do *Calospintechromocrema* fizeram as delícias do falecido infante D. Augusto,—a quem o povinho, sempre bem disposto, passou a designar, daí por diante, pela alcunha pitoresca de *Carlos-Pinto-come-crema*. A partir de 1857, quasi todos os anos se fizeram festas e iluminações. Não havia celebridade alguma estrangeira que não viesse exhibir-se no *Passeio Público*. Em 1869 estreiou-se um cançonetista negro. Em 1878, a Spelterine, funâmbula admirável, atravessou o *Passeio* numa corda bamba, de pantalonas e maromba, à altura dum terceiro andar. Organizavam-se orfeons de crianças, cantava-se a *Sulipanta*, executavam-se coreografias imaginadas pelo bailarino Justino Soares,—e a população de Lisboa, alegre, despreocupada, com os ouvidos cheios de música, com os olhos cheios de luz, esquecia as tristezas da política e as misérias dos seus grandes homens,—como uma grande criança a quem acenam com um brinquedo luminoso.

Mas o sonho municipal duma grande Avenida—que surgira num discurso do vereador Severo de Carvalho, em 1863—vinha de há muito ameaçando a existência do velho *square*. Por fim, foi dada a ordem de demolição, e as pesadas grades e as espessas pilastras de pedra abateram, restituindo o antigo terreno das *Hortas da Cêra* à nova e aristocrática Avenida da Liberdade.

Acabara o *Passeio Público*.

A maldição honrada de Herculano, em 1840, quando viu o Município a cuidar de lagos e de cascatas em vez de tratar do povo e das estradas,—ficara suspensa sôbre o velho jardim, com uma sombra funesta:

—«*O camponês não irá por certo com o seu jaleco de burel ver a cascata do Passeio, mas há-de bendizer quem melhorar a estrada por onde êle guia a muito custo o fiel companheiro das suas jornadas*».

Agosto de 1906.

JÚLIO DANTAS.

AFONSO DE ALBUQUERQUE, O PRIMEIRO PRESIDENTE DA CÂMARA DE LISBOA

A FIGURA do autor dos *Comentários*, notável na nossa história literária quinhentista, e até na nossa história política e em especial na da nossa capital, é todavia amesquinhada pela proximidade sangüínea do grande génio que lhe deu o sêr.

Afonso de Albuquerque, o Grande, saindo para a Índia em 1506, deixou no reino um filho natural, por nome Braz, legitimado em 26 de Fevereiro do mesmo ano, quando tinha apenas cinco anos de idade. Aos cuidados de sua tia paterna, D. Isabel de Albuquerque, casada com D. Pedro da Silva, o *Reles*, de alcunha, foi confiado e, após a morte de seu pai, por ordem de D. Manuel I, entrou no mosteiro de Santo Elói a cujos cônegos foi encarregada a sua instrução.

Teria dezanove ou vinte anos quando, para casar com D. Maria de Ayala e Noronha, filha do conde de Linhares, D. António de Noronha, D. Manuel I lhe assinou um juro de 400\$00 reais e lhe mandou pagar mais 180.000 cruzados dos soldos em atrazo ao governador da Índia e das quintaladas ao mesmo devidas (1).

(1) *Lendas da Índia*, tomo II, pág. 461.

Estava pois herdeiro de um grande nome e senhor de uma grande fortuna, por cuja causa em muitas questões andou envolvido. Passaremos por alto sôbre as suas tenças minuciosamente enumeradas na nossa monografia *Alguns ascendentes de Albuquerque e o seu filho*. Para aí remetemos o leitor curioso.

«Em 1521—escreve Joaquim Rasteiro (1)—Afonso de Albuquerque, ou melhor, o genro do escrivão da puridade de D. Manuel, foi escolhido com fidalgos de boa estirpe para acompanhar a Saboya a infanta D. Brites, filha do rei, casada com o duque Carlos e teve o comando de um galeão de duzentos e trinta toneis.»

Com efeito na *Hida da iffante dona Breatriz a Saboya*, de Garcia de Rezende, isso minuciosamente se refere, tendo o séquito saído de foz em fora a 10 de Agôsto de 1521.

Em Fevereiro de 1526 foi também um dos portuguezes que acompanharam a imperatriz D. Isabel quando foi para Castela. Assistiu ao seu casamento em Sevilha, regressando pouco depois a Portugal, onde o chamavam os cuidados da sua casa (2).

Vejamo-lo agora como proprietário e proprietário abastado.

«D. Brites de Laura vendeu, escreve Joaquim Rasteiro (3), em 1 de Dezembro de 1528, a Afonso de Albuquerque, filho, por *quatro mil cruzados de ouro a sua quinta em Azeitão da banda dalem, em Ribatejo, com todos os seus paços, casas adegas, lagares, terras de pão, vinhas, pomares, olivais, etc.* Aí, na quinta da Bacalhôa, habitou Afonso de Albuquerque com sua mulher muitos anos e no friso do portão que, pelo norte, dá entrada para o páteo do palácio lê-se ainda hoje a seguinte inscrição: *Anno 1554—Alfonsus Albuquerqueus Alfonsi Magni indorum debellatoris filius sub Joanne III Portugaliae rege condidit—anno MDLIIII*».

Além disto bem conhecida é a Casa dos Bicos, cujos restos ainda hoje se admiram às portas do mar, edificada pelos fins do primeiro quartel do século XVI.

(1) *Quinta e Palácio da Bacalhôa em Azeitão*, pág. 51.

(2) *Vida e obras de Gil Vicente* por A. Braamcamp Freire, pág. 390.

(3) *Quinta e Palácio da Bacalhôa em Azeitão*, pág. 14.

Afonso de Albuquerque assiste às côrtes de 1562 celebradas em Lisboa, a 15 de Setembro, aquelas em que D. Catarina renunciou à administração do reino, que assim passou para as mãos do cardeal D. Henrique e foram as primeiras do reinado de D. Sebastião (1).

Em 15 de Abril de 1564 foi determinado que a Afonso de Albuquerque fôsem pagos os cem mil reais de tença pelo rendimento das sisas de Azeitão.

«Da união, escreve Rasteiro (2), de Afonso de Albuquerque com D. Maria de Noronha nasceram dois filhos, António que morreu môço e D. Joana de Albuquerque, primeira mulher de D. Fernando de Castro, primeiro conde de Basto, capitão-mor de Évora e que faleceu sem geração.

Afonso de Albuquerque, em 1568, era sem sucessor e no dia 27 de Janeiro, em Azeitão, êle e sua mulher D. Maria de Noronha, vincularam a *quinta de Azeitão com seu assento de casas, pomar e vinha, cercados, fôros havidos e por haver e as casas de Lisboa às Portas do mar, que partiam com o dr. Luiz da Veiga e com a mulher, que foi de Ayres Tavares, instituindo um hospital na igreja do bem aventurado S. Simão, que era junto da quinta de Azeitão, para nelle se agasalharem pobres caminhanes*. O título foi escrito a rogo dos instituidores, pelo licenciado Aleixo de Albuquerque, seu capelão, e foi aprovado no dia 28 de Fevereiro do mesmo ano, na *quinta do Snr. Affonso de Albuquerque* pelo tabelião João Rodrigues».

Em Setembro de 1578 foi Afonso de Albuquerque convidado para vir assistir às côrtes de Almeirim.

¿Qual seria a sua opinião em tão grave e momentoso assunto? Não o sabemos e apenas nos chega a notícia de, a 1 de Junho de 1579, prestarem, perante D. Henrique, juramento os três estados do reino. Em tal acto compareceu, como procurador de Lisboa, Afonso de Albuquerque (3).

«Nos últimos dias, escreve Rasteiro a pág. 23 da sua monografia *Quinta e Palácio da Bacalhoa*, talvez dementisado pela idade, peralta, encontramos Albuquerque, filho, requestando uma jovem fidalga, D. Catarina de Mene-

(1) *Memórias de D. Sebastião*, tomo II, pág. 162 e *Chronica do Cardeal Rei D. Henrique* (1840), pág. 164.

(2) A pág. 51 da sua monografia.

(3) *Provas da História Genealógica*, tomo III, pág. 424 e *Memórias para a História das Côrtes*, pelo Visconde de Santarém, pág. 25. O treslado do respectivo auto encontra-se na Torre do Tombo, m. 6 de Côrtes, n.º 1.

zes, com quem casou, fazendo política ibérica contra a independência da pátria e concorrendo a entrevistas com Cristóvão de Moura disfarçado com barbas postiças» (1).

Do respectivo assento paroquial consta que a 6 de Maio de 1581 se finou o autor dos *Comentários*, deixando por testamenteiro sua viuva D. Catarina de Menezes que, diga-se de passagem, pouco tempo se conservou nêsse estado pois veio a casar com D. João Coutinho de quem teve dois filhos.

Vários são os aspectos que nos apresenta a personalidade do autor dos *Comentários*. Se não manejou a espada soube empunhar a pena; se não conquistou cidades deixou nos *Comentários* um perdurável monumento à memória do pai. Com um intervalo de dezanove anos duas edições dessa obra publicou: a primeira em 1557 e a segunda já no declinar da existência, em 1576. Conselheiro de D. João III, como tal figura no livro dos moradores da casa real com 5500 reais de moradia (2).

Provedor da irmandade da Misericórdia de Lisboa, como tal o sabemos em 1542, 1545, 1552, 1563, 1571 e 1577 (3).

Presidente do Senado da Câmara de Lisboa foi nomeado pela carta régia de 12 de Dezembro de 1572 (4), que deu nova forma à eleição e organização da Câmara, estatuinto para ela um presidente *fidalgó principal* e dois vereadores letrados *que hão de ser meus desembargadores*.

Como se vê por êste diploma só no reinado de D. Sebastião veio a Câmara de Lisboa a ter presidente, pois que, até aí presidiam os vereadores às semanas e portanto foi Afonso de Albuquerque o primeiro presidente da edilidade lisbonense. Durante dezóito meses exerceu Albuquerque o seu elevado cargo até ser-lhe nomeado, como sucessor, D. Duarte da Costa por carta régia de 17 de Junho de 1574.

Nêstes dezóito meses são de iniciativa da câmara presidida por Albuquerque (5)—1.º As diligências feitas para o abastecimento da «Agoa livre» à cidade, assunto que foi agradecido por D. Sebastião em Carta Régia de 2

(1) Salvá, *Col. do doc. inéditos para a hist. de Hespanha*, tomo VI. Carta de Cristóvão de Moura ao rei Filipe, em 9 de Março de 1579.

(2) *Provas da História Genealógica*, vol. II, pág. 792.

(3) *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, de Vítor Ribeiro, pág. 331.

(4) *Elementos para a História do Município de Lisboa*, tomo I, pág. 13.

(5) Benévola informação do erudito académico Gomes de Brito.

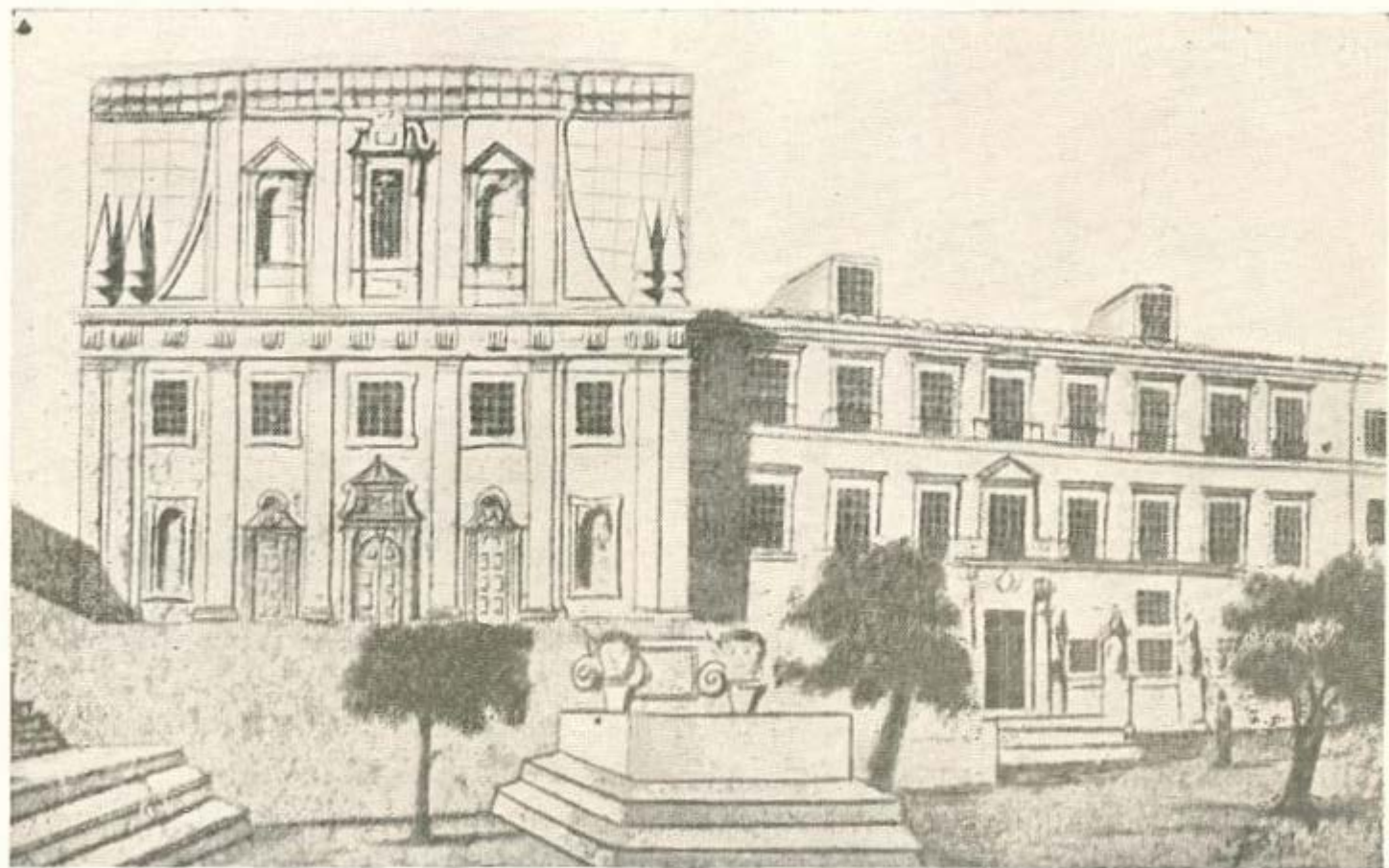
BUSTO DO AUTOR
DOS «COMENTÁRIOS» EXISTENTE
NO PALÁCIO DA BACALHOA

*Reproduzido da obra
de Joaquim Rastrelro*



A «CASA DOS BICOS» SEGUNDO UM QUADRO DE AZULEJOS SEISCENTISTAS
*Reproduzido de «O Trajo Popular em Portugal»,
de Alberto Sousa*

AFONSO DE ALBUQUERQUE, O PRIMEIRO PRESIDENTE
DA CÂMARA DE LISBOA



O COLÉGIO DE SANTO ANTÃO DE LISBOA

de Março de 1573;—2.º A demolição da tórre do muro da cidade, «diante da porta principal da igreja de N. S.^a do Loreto», para o que el-rei deu permissão por Carta Régia de 10 de Julho de 1573;—3.º jurisdição que os vereadores obtiveram por Alvará Régio de 3 de Março de 1574, por 2 anos, como solicitaram, para devassarem e conhecerem em Câmara das delinquências sôbre venda de pão, vinho e azeite, até 10 léguas fora de Lisboa, etc.;—4.º As providências para o calcetamento de algumas «Ruas mais correntes» da cidade de Lisboa, mandando o Alvará Régio de 3 de Março de 1574 que todos os barcos que viessem do Pôrto e de Viana, trouxessem por lastro pedra da que no Pôrto serviu para calçar a Rua das Flôres, e em Viana as ruas desta vila, a-fim-de se calçarem com ela algumas ruas de Lisboa;—5.º A permissão para que a Câmara elevasse a taxa do vinho, pelas razões constantes da Carta Régia de 3 de Abril de 1574.

Foi, pois, um cidadão prestante à sua pátria e à sua terra natal. À sua pátria como autor duma das obras mais requintadamente patrióticas da literatura portuguesa, à sua terra natal como autor de vários melhoramentos locais, seu representante em côrtes e Presidente da sua edilidade.

ANTÓNIO BAIÃO.

GIL VICENTE NA LISBOA ANTIGA E A ANTIGA LISBOA NAS OBRAS DE GIL VICENTE

MAIS uma vez se pretende, muito louvavelmente, incitar o sentimento patriótico dos portugueses a que preste homenagem ao fundador do teatro nacional. Não me proponho a *centenarista*, para me servir do neologismo de Camilo, ou a *centenariante*, como, recentemente, o Dr. Agostinho de Campos chamou aos que se utilizam dos centenariados para, à custa da glória dêstes, ir previdentemente preparando os centenários de si próprios. Mas não desejo desprezar o ensejo de, correspondendo ao honroso convite da Câmara Municipal de Lisboa para colaborar neste *Boletim*, aliar, de algum modo, à comemoração vicentina esta publicação de cultura mental.

Procurarei fazê-lo sem exorbitar do programa que aos colaboradores é imposto. Julgo que legitimamente se inclue no que respeita às «individualidades notáveis que pela sua vida e obras» ilustraram Lisboa, e aos «usos e costumes da sua população em épocas pretéritas», quer a personalidade egrégia de Gil Vicente, quer o que nas obras dêste se reflecte daquêles costumes e usos.

Assim, pois, nas simples notas que vão seguir-se, reportar-me-ei ao que a Lisboa quinhentista representou para o poeta dos *Autos*, ou como lugar onde grande parte das suas peças se puseram em cena, ou como personagem de ficção de algumas delas, ou como objecto de patrióticas invocações e de

entusiásticos louvores à nobreza e lustre das suas tradições, ou à excelência e encanto das suas belezas naturais. Por outras palavras: limitar-me-ei a notar onde e como Gil Vicente se apresentou na Lisboa antiga, e onde e como esta se apresenta nas obras de Gil Vicente. Eis o modesto propósito do presente escrito, em que não intento ensinar mestres, mas apenas proporcionar alguns elementos de estudo aos menos versados em assuntos literários.

Em 1900, Júlio de Castilho e Anselmo Braamcamp Freire, com o pseudónimo de—*Os novos «obsequiosos» de Sacavém*—publicaram, numa tiragem de 16 exemplares, os *Indices do Cancioneiro de Rezende e das obras de Gil Vicente*, vindo mais tarde a saber-se que o seu único autor fôra o primeiro daquêles escritores, isto sem o menor desdouro para o segundo.

Conforme a confissão de quem o elaborou, tal *Índice* é «um pouco menos completo, quanto a referências locais, mas minucioso bastante, das pessoas masculinas e femininas mencionadas».

Quando o Dr. Mendes dos Remédios se propôs reeditar as obras vicentinas (1), Júlio de Castilho ofereceu-lhe, além duma *Cronologia Gil-vicentina*, a reprodução, correcta e aumentada, do *Índice das obras de Gil Vicente*, sendo ambos os trabalhos insertos no tomo III da reedição aludida. Apesar, porém, de melhorado, o *Índice* ainda acusa deficiências, o que não quer dizer que não seja de grande préstimo para os estudiosos.

Por mim, apenas pretendo fazer a explanação, e, uma ou outra vez, o preenchimento de alguma lacuna dos escritos citados, no que respeita aos assuntos que especialmente agora me interessam.

I

OBRAS VICENTINAS REPRESENTADAS EM LISBOA

Segundo a *Cronologia* e o *Índice* de Castilho, representaram-se inicialmente na capital as seguintes peças:

Visitação—Em 8 de Junho de 1502, no paço da Alcáçova. «Primeira coisa que o autor fêz e que em Portugal se representou», diz a didascália do

(1) Tôdas as citações das obras de Gil Vicente são feitas pela edição, em três tomos, revista e prefaciada pelo Dr. Mendes dos Remédios (Coimbra 1907-1914).

monólogo, também chamado *do Vaqueiro*, que se destinava a festejar o nascimento do príncipe que veio a ser D. João III. Representou-o então o próprio autor.

Quando Afonso Lopes Vieira intentou a sua benemérita *Campanha Vicentina*, ou seja a tarefa eminentemente patriótica de reavivar a memória e divulgar entre o público a obra literária de Gil Vicente, modernizando, para as tornar presentemente representáveis, algumas das suas peças, começou pela *Visitação do Vaqueiro*, por êle vertida à letra do castelhano para português. Precedida dum prólogo dito pelo actor Augusto Rosa, subiu à cena no teatro então chamado de D. Maria II, em 17 de Fevereiro de 1910, e repetiu-se, em 19 de Maio de 1912, em Gaia, na casa do escultor Teixeira Lopes.

Auto pastoril castelhano—«Endereçado às Matinas do Natal» de 1502, «provavelmente (conjectura Castilho) na capela do paço da Alcáçova, a pedido e instigação da Infanta D. Beatriz, mãe de el-rei D. Manuel.»

Auto dos Reis Magos—Escrito em castelhano, como os precedentes, e porque a «Senhora Rainha, satisfeita desta pobre coisa (o *Auto pastoril castelhano*) pediu ao autor que para dia de Reis logo seguinte lhe fizesse outra obra», sendo assim representado em 6 de Janeiro de 1503», e no mesmo paço da Alcáçova.

Farça de «Quem tem farelos»—«Este nome (diz a didascália) pôs-lho o vulgo». Foi representado ao rei D. Manuel, nos paços da Ribeira, em 1505.

Auto da Alma—«Feito à muito devota rainha Dona Leonor», foi representado a D. Manuel, seu irmão, «por seu mandado», nos paços da Ribeira «em a noite de endoenças» de 1508. Do final do auto infere o Sr. Dr. Queiroz Veloso (*Gil Vicente e a sua obra*) que a representação se fêz, não em quinta, mas em sexta feira santa (21 de Abril), como a *Pasion y Muerte de Jesus*, de Encina.

Este auto místico, um dos mais belos do autor, e sobre o qual tanto se tem dissertado dentro e fora do país, e de que eu próprio tratei, quando, em 1886, escrevi àcerca dum interessante estudo do professor belga Ch. Ducarme, e em 1932 tentei responder a esta pergunta, que a mim mesmo formulara—

Goethe haveria lido Gil Vicente? (1) — êste auto, repito, foi levado à cena, por ocasião das festas vicentinas de há 35 anos, em 7 de Junho de 1902, no teatro de D. Maria II, com um prólogo do académico J. de Sousa Monteiro recitado pelo actor Ferreira da Silva.

Farça chamada «Auto da Fama»—Representada à Rainha D. Leonor, e depois a D. Manuel, em Santos-o-Velho, em 1510, segundo a didascália, a que se cingiu Castilho. O Sr. Dr. Queiroz Veloso pondera, todavia, que, sendo alguns dos feitos dos portugueses celebrados pela *Fama*, posteriores àquela data, ficaria esta errada na impressão, pois só em 1515 ou 1516 Gil Vicente poderia referir-se-lhes na peça.

Auto da Barca do Inferno—Representado «pera consolação da muito catholica e santa Rainha D. Maria, estando enferma do mal de que falleceu na era do Senhor de 1517». São os dizeres da didascália.

D. Carolina Michaëlis (*Notas Vicentinas* II, p. 9) afirma, porém, que êste auto se representou na câmara da rainha, «não nos antigos paços da Alcáçova, (como a *Visitação*) mas sim nos novos da Ribeira, nas Matinas do Natal de 1516».

Foi a segunda tentativa de adaptação do teatro vicentino feita por Afonso Lopes Vieira, essa «obra portuguesíssima de humor, de independência, de alegria, de justiça—bela lição de pátria!».

Com um prólogo do adaptador, recitado pelo actor Chaby Pinheiro, subiu à cena no teatro da República (hoje de S. Luiz), em 18 de Dezembro de 1911. Repetido em 15 de Janeiro de 1912, no mesmo teatro, foi depois representado no Pôrto, em Coimbra e no Rio de Janeiro.

Exhortação da Guerra—Tragicomédia lhe chama a rubrica. Foi representada ao Rei D. Manuel «na partida para Azamor do ilustre e mui magnífico Senhor D. Gemes Duque de Bragança e de Guimarães, na era de 1513».

«Simple engano de escrita ou de imprensa, deve haver na datação da *Exhortação da Guerra*, êsse inspirado hino patriótico, cheio de fervor religioso,

(1) Comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, lida na sessão de 28 de Abril de 1932, e editada pela livraria J. Rodrigues & C.^ª, de Lisboa.

em que Gil Vicente encarece o ideal hispânico da cavalaria cristã», observou D. Carolina Michaëlis, que a datou de 1512. «A expedição infructuosa contra Azamor capitaneada por D. Jaime de Bragança realizou-se em 1513.»

Durante a Campanha Vicentina, e posteriormente, foi a *Exhortação* recitada pelo actor Chaby Pinheiro no teatro da República, em 15 de Janeiro de 1912, e depois no Pôrto, Coimbra, Rio de Janeiro, etc.

Auto da Barca do Purgatório—Representado à Rainha D. Leonor, no Hospital de todos os Santos, nas Matinas do Natal de 1518.

Côrtes de Jupiter—Tragicomédia feita ao Rei D. Manuel, à partida da Infanta D. Beatriz, representada nos paços da Ribeira em 1519. Castilho e o Dr. Queiroz Veloso substituem esta data da didascália pela de 1521, notando o segundo que foi nesta tragicomédia, composta para solenizar o casamento da Infanta com o Duque de Sabóia, e nos pretendidos amores de Bernardim Ribeiro com D. Beatriz, que Garrett architectou o drama *Um Auto de Gil Vicente*, «com que inaugurou o renascimento do moderno teatro português», em 15 de Agosto de 1838, na velha sala da Rua dos Condes.

À morte de El-Rei D. Manuel. Romance ao mesmo assunto e **À aclamação de D. João III** em 1521. A segunda destas composições, que começa pelos versos

Pranto fazem em Lisboa,
Dia de Santa Luzia,
Por ElRei D. Manuel
Que se finou nesse dia,

termina com a *Oração dos Grandes de Portugal a N. Senhora, depois de enterrado D. Manuel*.

Auto da Feira—Representado a D. João III, às Matinas do Natal de 1527. Algumas cenas dêste *Auto* entraram no espectáculo do teatro D. Amélia (actualmente de «S. Luiz») em 9 de Junho de 1902, por ocasião das festas então celebradas em honra da memória do autor, e depois de desempenhadas, em sessão solene do Conservatório, por alunos dêste estabelecimento de ensino, repetiram-nas êles no teatro Nacional, em 29 de Abril de 1911.

Nao d'Amores—Segundo a didascália, representou-se esta tragicomédia a D. João III, à entrada em Lisboa da Rainha D. Catarina, em 1527, mas Castilho aponta também a data de 1525.

Triumpho do Inverno—Tragicomédia representada a D. João III, ao parto da Rainha D. Catarina. Castilho hesita entre as datas de 1529 e 1530, e o mesmo sucede com o Dr. Queiroz Veloso, que não escolhe entre as de 28 de Abril de 1529 e 15 de Fevereiro de 1530, respectivamente dos nascimentos das infantas D. Isabel e D. Beatriz, inclinando-se, porém, para a primeira.

Desta peça foi representada a cena da *Velha* namorada no teatro D. Amélia, em 9 de Junho de 1902.

*

Além destas peças representadas em Lisboa, e assim mencionadas, com as datas, na *Cronologia* e no *Indice* citados, mais cinco, de Gil Vicente, não foram tão pormenorizadamente registadas por Castilho.

São as seguintes:

Auto da Sibilla Cassandra—Representado no mosteiro de Enxobregas, à Rainha D. Beatriz, nas Matinas do Natal, sem que a rubrica indique a data Castilho deixa-a em claro, e o Dr. Queiroz Veloso aponta dubitativamente a de 1503.

Auto dos Quatro Tempos—Representado na capela de S. Miguel, do paço da Alcáçova, por mandado da irmã do Rei D. Manuel, nas Matinas do Natal. A didascália não indica o ano. O Dr. Queiroz Veloso fixa-lhe, porém, o de 1504, «visto que, em 1505, já a farça *Quem tem farelos* foi dada em serão, nos novos paços da Ribeira».

Farça do Velho da Horta—Representada ao Rei D. Manuel, em 1512, sem que a didascália mencione o lugar onde. O Dr. Queiroz Veloso deduz da própria farsa que foi Lisboa.

Farça chamada «Auto das Fadas»—Não esclarece a didascália onde e quando se representou. No *Indice*, Castilho conjectura que fôsse entre 1502 e

1504, «visto aparecerem mencionados o Príncipe D. João (depois rei) e as Infantas D. Isabel e D. Beatriz», e não indica o lugar da representação. O Dr. Queiroz Veloso, quanto a êste, aponta Lisboa, e quanto à data, marca dubitativamente o ano de 1515.

Farça chamada «Auto da Lusitania»—Representada ao Rei D. João III, ao nascimento do Príncipe D. Manuel, seu filho, em 1532. Não diz a didascália qual o lugar da representação, e Castilho, na *Cronologia*, indica, duvidosamente, o de Alvito, marcando-lhe como data os fins de 1532 ou princípio de 1533, ao passo que no *Índice*, atrasando um ano, diz que devia ter subido à cena no fim de 1531 ou comêço de 1532.

D. Carolina Michaëlis que, nas *Notas Vicentinas*, se refere desenvolvidamente a êste *Auto*, que classifica de «obra de arte complicada», «uma das mais complexas do repertório de Gil Vicente», divergindo de Teófilo Braga, Brito Rebêlo e Sousa Viterbo, escreveu (I, pág. 37): «Não foi em Alvito, nem foi em 1531, no próprio dia do nascimento (do Príncipe D. Manuel, filho da Rainha D. Catarina) foi *post-festum*, em Lisboa (em 1532) depois de a Rainha e o Príncipe estarem restabelecidos e de regresso à capital já sanada, que o *Auto* foi representado». «A data fixada pelo Poeta na rúbrica que acompanha o *Auto*, é a da representação; e não a do successo celebrado».

Êste *Auto* foi incluído no *Rol dos Livros Defesos pelo Cardeal Infante Inquisidor Geral nestes Reinos*, com esta condenação condicional: «O *Auto da Lusitania*, com os diabos—sem eles poderse ha emprimir.»

O fragmento dêle—*Todo o mundo e Ninguém*—foi dito no dia 9 de Junho de 1902, no teatro D. Amélia, tendo antes sido recitado em sessão solene do Conservatório de Lisboa. Também nos saraus vicentinos do teatro da República (antes, «de D. Amélia», e, depois, «de S. Luís»), em 15 de Janeiro de 1912, e, mais tarde, no Porto, em Coimbra e no Rio de Janeiro, foi levado à cena o mesmo diálogo.

*

Jubileu de Amor—Êste *Auto*, desconhecido, e do qual D. Carolina Michaëlis largamente trata na primeira das suas *Notas Vicentinas*, parece ter sido representado em Lisboa, entre os anos de 1525 e 1531, nos paços da Ribeira,

antes de o ser em Bruxelas, em casa de D. Pedro Mascarenhas, a 21 de Dezembro de 1531. Assim o conjectura aquela ilustre escritora.

Foi esta peça uma das incluídas no *Rol dos Livros Defesos*, e condenada em absoluto, havendo-se perdido, talvez porque a condenação a impediu na *Copilção* de 1562.

II

LISBOA NAS OBRAS VICENTINAS

No elenco ou sumário de um dos capítulos do volume III da *Lisboa Antiga*, obra preciosa que o Município lisbonense teve a feliz ideia de fazer reeditar sob a competentíssima revisão do Sr. Engenheiro Augusto Vieira da Silva, diz o autor: «É chamado Gil Vicente». Isto a propósito duma das ruas da velha capital coevas do poeta dos *Autos*. E cita uns versos do *Pranto da Maria Parda* alusivos à *rua da Ferraria*

onde as portas eram mayas.

Referia-se às portas das tabernas, que já não apareciam enfeitadas de ramos, a bêbeda *Maria Parda*, que no seu *Pranto* deixou como que um roteiro ou guia das vendas de vinho da Lisboa quinhentista.

Pois eu, arremedando o benemérito Júlio de Castilho, *chamarei* também Gil Vicente, para que, pela boca de tantas personagens ou figuras das suas peças, me fale, a mim, e fale a quem me leia, da Lisboa do seu tempo.

Eis, pois, citados por versos vicentinos, e brevemente anotados, os nomes dos sítios da capital a que se encontra referência nas obras dêsse génio poético, tão português de falar e de sentir, de quem D. Francisco Manuel de Melo escreveu que foi «o mais engraçado cómico que nasceu dos Pyreneos para cá».

Alfama—Era a parte da cidade ainda hoje conhecida por êste mesmo nome. A ela se referia a *Maria Parda* nêstes têrmos, e noutros que, por decência, omito:

Bem alli, ó Sancto Esprito,
Ia eu sempre dar no fito
N'hum vinho claro roseto.

Cais da Madeira—Foi um dos lugares aonde, na tragicomédia *Nao de Amores*, a *Cidade de Lisboa* prometeu ao *Pagem do Príncipe da Normandia* ir falar a seu amo «hiço de un Rey de Levante». Era provavelmente o mesmo que a estacada ou *ponte da Madeira* a que na *Lisboa Antiga* (vol. IV, p. 67) se alude como um dos locais de «buliçosos ajuntamentos», e perto do qual D. Manuel mandou construir barracas para as oficinas das ferrarias que serviam as armadas reais. (Vol. III, p. 282).

Os outros pontos indicados pela *Cidade ao Pagem*, eram o *Chafariz de El-Rei* e a *Tôrre da Varanda*.

Calca-frades—*Calça-frades* (bêco) lhe chama Gomes de Brito (*Ruas de Lisboa*, Vol. I, p. 112 e 288). Alude-se-lhe na *Comédia de Rubena*, dizendo-se que ali

Um berço tem hũa mogueira,
Na rua de Calca-frades,
Manceba de dous abades.

Mogueira, talvez por *mogeira* «alcoviteira velha», segundo o Dr. Mendes dos Remédios.

Calçado Velho—«Sítio da antiga Lisboa mencionado na *Farça do Juiz da Beira*», explica-se no *Índice* de Castilho. Na respectiva rubrica da peça lê-se, porém: «Vem um Çapateiro, Cristão novo, de calçado velho, e diz», o que me leva a crer que se trata dum simples e gracioso trocadilho, e não do nome dum local lisbonense, embora entre o Campo Grande e Palma de Cima haja efectivamente uma estrada do Calçado Velho. Da própria ortografia das palavras «calçado velho» com iniciais minúsculas, e do emprêgo da preposição «de», e não «do», se infere que elas não são o nome próprio de qualquer lugar. É como se dissesse: «Cristão novo com calçado velho».

Capela de S. Miguel—Segundo Castilho, que largamente se lhe refere na *Lisboa Antiga* (Vol. IV, p. 40), ali se representou nas Matinas do Natal de 1502, o *Auto Pastoril Castelhana*; no dia de Reis de 1503, o *Auto dos Reis Magos*; e noutro ano próximo, o *Auto dos Quatro Tempos*.

Era situada na Rua de S. Miguel essa capela do paço da Alcáçova, residência real, pelo menos desde D. Deniz até D. Manuel.

Carniçarias velhas—Citadas no *Pranto de Maria Parda* como local onde se veriam em tabernas, certamente,

Muitas sardinhas nas grelhas.

Suponho-as vizinhas da Rua da Padaria .

Cata-que-farás—Era a terceira travessa à direita, ao descer-se a Rua do Alecrim, e terminava na Rua das Flôres, (*Itinerário Lisbonense* de 1818) e um dos sítios de «buliçosos ajuntamentos» a que na *Lisboa Antiga* se faz alusão.

Trocaram-lhe, em 1885, o nome pelo de Travessa do Alecrim. (*Ruas de Lisboa* I, p. 127). *Maria Parda*, no seu *Pranto*, exclamava:

Rua de Cata-que-farás
Que farei e que farás!
Quando vos vi taes, chorei,
E tornei-me por detrás.
Que foi do vosso bom vinho,
E tanto ramo de pinho,
Laranja, papel e cana,
Onde bebemos Joanna
E eu cento e um cinquinho.

Cinquinho era, segundo Santa Rosa de Viterbo, cinco réis de prata, moedinha mandada lavar por D. João II e D. Manuel.

Chafariz de El-Rei—Já o citei ao tratar do *Cais da Madeira*. Veloso de Andrade insere a seu respeito uma nota curiosa na *Memória sôbre chafarizes, fontes e poços públicos de Lisboa*, etc. Tivessem ou não trocado o nome, anteriormente de S. João, ao chafariz, como homenagem ao Rei Lavrador, é interessante lembrar o que, em meados do século XVI, a menos de duas dezenas de anos depois da representação da *Nao de Amores*, se expunha, numas alegações dos herdeiros de Lopo de Albuquerque: «que a cidade de

Lisboa era uma das principaes da Christandade, e muito nobre, e de grande renda, e uma das cousas mais necessárias, que tinha, sem a qual se não podia manter, era o Chafariz d'El Rey, de que bebia toda a Cidade— e não havia outra agua de beber a gente da Cidade.»

Dizendo-o de «construção admirável, com colunas e arcarias de mármore», Damião de Goes foi muito mais longe no encarecimento, e escreveu na *Olisiponis Descriptio*: «Lança tal abundância de água, por seis torneiras, que ela só bastaria para dar de beber ao mundo todo» !

Chão de Alcami—A êste sítio alude a môça do *Auto da India*, que foi lavar os panos

Alem do chão d'Alcami,
E logo partiu a armada
Domingo de madrugada.

Convento de S. Domingos—Ali se realizou a aclamação de D. João III, à qual Gil Vicente fêz o *Romance*, em que há esta referênciã a S. Domingos, situado então no mesmo lugar onde está hoje a igreja:

Chegou assi a San Domingos,
Onde estava o Cardial:
Benzeo o mui alto Rei
De benção pontifical,
E deu logo juramento:
Jurou n'hum livro missal
De fazer cumprir as leis
Como lei imperial;

e, referindo-se a Lisboa, diz que ali o monarca

Confirmou os privilégios
Desta cidade Real.

Fr. António do Sacramento, nas *Memórias curiosas*, publicadas há poucos anos pelo Sr. Engenheiro Vieira da Silva, depois de relembrar que «o mar

chegava quasi ao seu sitio, até Santa Justa, e era sitio doentio» (o «mar» está na *Memória* em vez de rio), dá a notícia de que «antigamente, antes do terremoto, hia por bayxo do convento e das antigas galerias de cazas e Hospital Real, até invocar na Rua Augusta, hũas arcarias, e por baixo dellas um espassoço corredor, onde vendião suas fazendas ao povo os capelistas».

Espírito Santo—Seria a «antiquíssima Igreja, que se chama da Pedreyra, por lhe servir de alicerses uma grande pedreyra, que antigamente cahia sobre o Rio Tejo, a qual Igreja tem hoje (comêços do século XVIII, em que o P.^o Carvalho da Costa escrevia estas notas na sua *Corografia Portuguesa*) serventia para a rua nova, que chamão de Almada». Era dos mercadores e homens de negócio de Lisboa.

No *Auto da India*, a *Ama* que andava, na ausência do marido,

Fazendo mil devações,
Mil choros, mil orações,

diz:

E logo à quinta feira
Fui-me ao Spirito Sancto
Com outra missa tambem.

Ferrarias (Rua das)—Nas freguesias de S. Julião e da Madalena, segundo o testemunho de Castilho, e à borda do rio, havia, nos séculos XV e XVI, diversas *ferrarias* ou *tendas* de ferro, e na freguesia de S. Bartolomeu existia uma viela chamada da *Ferraria velha*, para a distinguirem das outras. Seria talvez desta que a *Maria Parda* assim falava:

Ó Rua da Ferraria,
Onde as portas erão mayas, (1)
Como estás cheia de guaias, (2)
Com tanta louça vazia!
Já m'a mim aconteeo
Na manhan que Deos naceo,
A hora do nacimiento,
Beber alli hum de cento,
Que nunca mais pareceo.

(1) «Isto é, onde cada uma das portas das tuas tabernas aparecia dantes enfeitada de ramos, como as maias na festa de Maio, enfeitadas de flôres e verdura» *Lisboa Antiga*, vol. III, p. 283 (2.^a edição).

(2) «Soluços, chôro, suspiros, canto lúgubre», (Dr. Mendes dos Remédios).

Fornos (Rua dos)—Antiga rua da freguesia de S. Julião, pela *Maria Parda* pranteada, em têrmos tais que, por decoro, apenas reproduzo o começo da lamentação:

Ó triste rua dos Fornos
Que foi da vossa verdura!
Agora rua d'amargura
Vos fez a paixão dos tornos.

Hospital de Todos os Santos—Foi na sua igreja que em 1518 se representou o *Auto da Barca do Purgatório*.

«O Hospital Real, ou Hospital de Todos os Santos, antes do terremoto do primeiro de Novembro de 1755, estava fundado com grandeza e largueza no sítio que por estes annos de 1778 estão fundadas hum quarteirão de cazas ou galarias, que da parte do norte fazem frontaria á grande Praça do Rocio, seguidas ao quarteirão que formão os dormitórios do convento de S. Domingos».

«A frontaria da sua Igreja de escadarias altas fazia face para a mesma Praça, e a capela-mor da Igreja corria para a parte do Norte introduzida no corpo do mesmo Hospital». (cit. *Memórias curiosas*, de Fr. António do Sacramento).

Damião de Goes fala dêle como de edificio magnificente, e, com o costume exagêro, coloca-o acima de todos os hospitais, por mais grandiosos e célebres, do mundo cristão.

Mandou-o edificar D. João II e acabou-o D. Manuel, que o dotou de muitas rendas e privilégios. Conforme a descrição do P.^o Carvalho da Costa, era em forma de cruz, sendo um dos braços occupado pela igreja, com porta para o Rocio, subindo-se para ella «por uma formosa escada de pedra», e entrando-se «por um portal de obra muy custosa, tôda de pedraria lavrada».

Limoeiro—Cadeia pública já ao tempo em que Gil Vicente escreveu o *Auto da Barca do Inferno*, onde o Enforcado lhe faz mais de uma alusão:

E no passo derradeiro,
Me disse nos meus ouvidos
Que o logar dos escolhidos
Era a forca e o Limoeiro:
Nem guardião de mosteiro
Não tinha mais sancta gente,
Como Affonso Valente,
O que agora he carcereiro.

Mata Porcos (Travessa de)—É uma das artérias da velha Lisboa citada pela *Maria Parda*, que lhe chama «zanguizarra», isto é, desordeira:

Ó travessa zanguizarra
De Mata-porcos escura,
Como estás de má ventura
Sem ramos de barra a barra.
Porque tens há tantos dias
As tuas pipas vazias,
Os toneis postos em pé?
Ou te tornaste Guiné,
Ou o barco das enguias.

Moiraria—Era em antigos tempos um «vale fértil e aprazível» (como lhe chamou Damião de Goes na obra já citada) onde, depois da conquista de Lisboa, aos sarracenos se permitiu que ficassem habitando. Hoje ninguém faz ideia de que houvesse sido de hortas e quintais.

A *Maria Parda*, como frequentadora de todos os retiros onde folgavam e bebiam os da sua igualha, lá se lhe dirige no *Pranto*:

Ó rua da Moiraria
Quem vos fez matar a sêde,
Pela lei de Mafamede
Com a triste da agua fria?

Mosteiro de Enxobregas—Situado, segundo o dizer do P.^o Carvalho da Costa, «no frêsko vale de Xabregas», foi ali que, nas Matinas do Natal de 1503 (?), se representou à Infanta D. Beatriz o *Auto da Sibilla Cassandra*.

Nossa Senhora da Oliveira—Ermida no adro da Igreja de S. Julião, descrita pelo P.^o Carvalho da Costa como «sumptuosa, toda apainelada e doirada» a qual veio a ser dos confeitores.

No *Auto da Índia*, a *Ama* diz:

E eu fui-me de madrugada
A Nossa Senhora da Oliveira.

Paço da Alcáçova—«Na camara da Rainha D. Maria, segunda mulher del Rei D. Manuel, declamou Gil Vicente, acompanhado de outros apaniguados da Côrte, o vibrante monólogo do *Vaqueiro*, em 8 de Junho de 1502, verdadeiro início do Teatro português» (*Indice* citado).

Foi residência real, pelo menos desde D. Deniz até D. Manuel, êste antiqüíssimo palácio, que era situado na velha freguesia de Santa Cruz do Castelo, e que o terremoto de 1755 arruinou por completo.

Castilho dedicou-lhe, no Vol. IV da *Lisboa Antiga*, o Capitulo II do Livro I, e com a descrição dêle abriu o seu livro *Mocidade de Gil Vicente*.

Paço da Ribeira—Situado onde é hoje a Praça do Comércio, mais conhecida por Terreiro do Paço, o terremoto de 1755 deixou-o em ruínas. Ali se representaram a *Farça de «Quem tem farelos*, o *Auto da Alma*, o *Auto da Barca do Inferno* e a tragicomédia *Triumpho do Inverno*.

Paço de Santos-o-Velho—Nêste Paço, no sítio ainda hoje denominado de Santos-o-Velho, foi representada a *Farça chamada «Auto da Fama»* em 1510.

«Fábrica sumptuosa e magnífica» lhe chamou Damião de Goes, explicando que lhe veio o nome «de ali terem estado guardados durante longos anos os corpos dos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia», os quais, «por confessarem firmemente que Cristo era filho de Deus e Salvador do Mundo, sofreram o martírio em Lisboa».

O tradutor da *Olisiponis Descriptio*, sr. Raúl Machado, nota que êste paço era no local onde está agora instalada a embaixada de França, na Calçada do Marquez de Abrantes.

Pampulha—Gomes de Brito dá o nome dêste sítio, ainda hoje conservado, como coevo, pelo menos, da dominação filipina, e de origem indecifrável.

No *Auto da Barca do Inferno*, o *Parvo*, invectivando o *Diabo*, chama-lhe, entre outros nomes feios, os seguintes:

Cabeça de grulha,
Perna de cigarra velha,
Pelourinho da Pampulha.

Pedreira—Sítio de Lisboa, onde, no *Auto das Fadas*, a feiticeira Genebra Pereira dizia morar. Ao pé de S. Sebastião, ou do Espírito Santo?

Entrando no Paço, a feiticeira dirige-se nêstes têrmos à assistência:

Eu sam Genebra Pereira,
Que moro ali á Pedreira,
Vezinha de João de Tara,
Solteira, já velha amara,
Sem marido e sem nobreza.

Picota da Ribeira—A mesma feiticeira, noutro lugar do mesmo *Auto*, exclama:

Ó picota da Ribeira
Que estreárão meus avós,
Te rogamus audi nos.

Castilho diz ter sido o «pelourinho, ou talvez fôrca nêsse populoso sítio de Lisboa».

Pôço do Borratém—Dêle dão notícia, entre outros, Gomes de Brito (*Ruas de Lisboa*, Vol. II, pág. 95), Veloso de Andrade (*Memória citada*, pág. 162 e segs.) e Júlio de Castilho (*Lisboa Antiga*, Vol. III, pág. 136 e segs.)

Refere-se-lhe a *Branca Leda*, do *Pranto da Maria Parda*, nêstes versos:

Olhade, mulher de bem,
Dizem qu'em tempo de figos
Não ha hi nenhuns amigos,
Nem os busque então ninguem.
E diz o exemplo dioso
Que bem passa de guloso
O que come o que não tem.
Muita agua ha em Boratem
E no poço do tinhoso.

Do *poço do tinhoso* não encontrei notícia, mas conjecturo que fôsse algum dos vários poços, com virtudes medicinais, como os das Alcaçarias, que tivesse especial aplicação aos enfermos de tinha.

Pôço do Chão—No *Índice*, Castilho não explica onde era situado. Veloso de Andrade, na *Memória citada*, esclarece que no lugar de Benfica, e em vista

duma sentença de 9 de Agosto de 1480, do Corregedor da Cidade, foi declarado ser do concelho um chão onde se abriu um pôço, ainda hoje chamado *Pôço do chão*.

Fala dêle a *Maria Parda* como de lugar por ela visitado.

Porta do Oiro—Comentando a passagem da *Comédia de Rubena*, em que a *Parteira* diz:

Vae-te à porta do Oiro,
Acharás teu parceiro

lê-se no *Índice*: «ou *da Oira*, como também se dizia. Sítio populoso em Lisboa, a *Cata-que-farás*». E acrescenta-se esta explicação: «Num lugar tão frequentado topava-se gente de tôdas as classes... Logo, cada qual podia dizer que naquêle ponto de embarques e desembarques acharia gente da sua classe, acharia *o seu parceiro*. Será isto?».

Na *Lisboa Antiga* (Vol. III, p. 282) a *Porta da Oira* é localizada «pouco mais ou menos, entre a nossa Ribeira Nova e a Moeda.»

Porta de Santo Antão—Explica-se no *Índice*: «Sítio suburbano de Lisboa onde por alagadiço havia atafonas».

Na *Lisboa Antiga* é localizada rés-vés no extremo sul do palácio que foi dos Paes, de Mangualde, provindo-lhe o nome do vizinho mosteiro de Santo Antão (Vol. IV, p. 253).

Ficava, segundo o autor das *Ruas de Lisboa*, ao meio da actual Rua Eugénio dos Santos, entre a do Jardim do Regedor e o lugar onde em 1563 começou a construir-se a igreja de S. Luiz, Rei de França.

Na *Farça do Clérigo da Beira*, é a *Cezília Pedreanes* que, à pergunta de um dos môços do Paço àcêrca do que em suas orações pedia Jorge de Mello, responde:

Que lhe dê sete atafonas
À porta de Sant'Antão.

Praça dos Canos—Desta praça, a que alude a *Maria Parda*, diz Gomes de Brito (obra cit., Vol. II, p. 227) que era, segundo a tradição, aquela em que assentaria o edifício da igreja, que teve a primitiva invocação de S. João Degolado, e depois a de S. João da Praça, cuja rua se denominava antigamente do *Tem-te-lá*.

Ribeira—Ainda hoje êste nome se aplica a dois sítios à beira-rio, diferenciados com a indicação de *Velha* ou *Nova*, respectivamente ao que fica ao Nascente ou ao Poente do Terreiro do Paço.

Na tragicomédia da *Fragoa de Amor*, o *Frade* diz:

Senhores, fui carpinteiro
Da Ribeira de Lisboa,
E muito boa pessoa,
E de mero malhadeiro (1)
Me fui fazer de coroa.

Vinte e cinco anos antes da representação desta peça, desembarcaram na Ribeira, vindos de Alcácer do Sal, onde haviam casado, o Rei D. Manuel e sua segunda mulher, a Rainha D. Maria (*Lisboa Antiga*, Vol. IV, p. 75).

Por lá andou também a *Maria Parda* a prantear-se a si e a prantear as tabernas do sítio:

Ó tabernas da Ribeira,
Não vos verá a vós ninguém
Mosquitos, o verão que vem,
Porque sereis arceira.
Triste que será de mi!
Que má ora vos eu vi!
Que má ora me vós vistes!

Rua Nova—É citada no *Romance à aclamação de D. João III*, por ter passado por ela o cortejo triunfal da aclamação do rei piedoso, facto assim descrito por Gil Vicente:

Não foi tal contentamento
No povo todo em geral,
Como ver na Rua nova
Ir o seu rei natural
Com tanta graça e lindeza,
Que não parece humanal,
.....
Chegou assi a San Domingos.

(1) *Malhadeiro*—homem grosseiro, tôsko.

Ribeiro Guimarães, no *Sumario de Varia Historia*, informa: «A rua Nova d'ElRei, ou dos Ferros, ou dos Mercadores, era antiquissima e já no tempo d'ElRei D. Fernando era o centro da actividade commercial da cidade», e o seu «principal sítio», como dela escreveu Frei Luís de Sousa, na *Vida do Arcebispo*, ou a «síntese da Lisboa mundana» daquêle tempo, como a classificou Júlio de Castilho na *Mocidade de Gil Vicente*.

San Geão (Rua de)—Uma das que fizeram objecto do *Pranto da Maria Parda*, certamente porque lá havia taberna de seu conhecimento e poiso.

Santo Esprito—Faz-lhe alusão a *Maria Parda*, quando recorda saüdosa-mente que

Bem alli, ó Sancto Esprito,
Ia eu sempre dar no fito
N'hum vinho claro rosete.
Oh meu bem doce palhete
Quem pudera dar um grito!

«Ermida alfamista» se lhe chama no *Indice*, e isto se infere da própria fala da bêbeda personagem tantas vezes citada.

S. Vicente de Fora—É um dos lugares onde, na *Comédia de Rubena*, o diabo *Caroto* manda o *Draguinho* procurar o que a *Feiticeira* lhes encomendava—um «berço doirado, muito rico» para a *Cismeninha*, que seria criada

Para mui alto fado.

Sé—Do mesmo modo que a S. Vicente de Fora e à Trindade, também na *Comédia de Rubena*, em que se fala num «cóneguinho da Sé», se mandou lá procurar berço para a recém-nascida *Cismeninha*

Porque crede que alli he
O feito mais comumente.

O «feito» devia ser o

Desses ministros e curas
Que todos tem criaturas,
Louvores a Deus, a basto

ou seja que todos êles tinham basta prole.

Na *Exhortação da Guerra*, o *Clérigo nigromante* diz:

E farei a tôrre da Sé,
Assi grande como he
Per graça de sua clima
Que tenha o alicesse ao pé
E as ameaas em cima.

o que mostra que, no tempo de Gil Vicente, a tôrre da Sé era ameiada.

Não poupando remoqueas à clerezia, inclúe esta disposição no *testamento da Maria Parda*:

Item dirão por dó meu
Quatro ou cinco ou dez trintauros
Cantados por tais vigairos
Que não bêbão menos qu'eu.
Sejam dêstes três d'Almada
E cinco daqui da Sé
Que são filhos de Noé
A que som encommendada.

Tôrre da Varanda—Um dos três sítios onde, como já ficou dito, na tragicomédia *Nao de Amores*, a *Cidade de Lisboa* prometeu ao *Pagem do Príncipe da Normandia* encontrar-se com êste.

No *Indice* não se explica qual êle fôsse, mas seria a tôrre ou torreão da varanda do eirado do paço e casa da Índia? Lisboa, segundo o testemunho de Damião de Goes, estava defendida por 77 tôrres, nas suas muralhas.

Trindade—Na *Comédia de Rubena* há duas referências a êste local, que tinha antigamente sido de mato, e que é conhecido ainda hoje pelo mesmo nome, tirado do mosteiro dos Trinitários.

Uma é a da *Feiticeira*, que ordena a dois dos diabos com quem conversa:

Dous de vós me vão furtar
Alli a par da Trindade
Hum berço que deu hum frade
A Joanne de Aguiar.

Outra é a do diabo *Draguinho*, relativa a

Hum frei Vasco de Palmella,
Hum que tinha Madanella
Colchoeira na Trindade.

Na *Nao de Amores o Frade doido*, falando mal de alguns frades, aos quais, como é sabido, Gil Vicente não perdia ensejo de castigar com os mais picantes sarcasmos, dá esta nota confirmativa de que o sítio fôra de mato em recuados tempos:

Antes que fosse Lisboa,
Nem houvesse aqui cidade,
Ião todos à Trindade
Com tres cães e hũa furoa,
Caçar à sua vontade.

Val de Cavalinhos—No *Indice* é localizado ao Norte de Arroios, nos subúrbios de Lisboa, e nas *Notas* do Dr. Mendes dos Remédios encontra-se êste esclarecimento: «Logar de pouco limpa fama pelo dizer do dramaturgo, e pelos que depois empregaram o mesmo vocábulo, como D. Francisco Manoel de Mello». E cita a frase dêste nos *Apologos Dialogaes*: «roubava como em Val de Cavalinhos».

No *Auto das Fadas*, diz a *Feiticeira Genebra Pereira*:

Cavalgo no meu cabrão
E vou-me a Val de Cavalinhos,
E ando quebrando os focinhos
Por aquellas oliveiras,
Chamando frades e freiras
Que morrerão por amores.

III

LISBOA, PERSONAGEM DE FICÇÃO EM OBRAS VICENTINAS

Na tragicomédia *Nao de Amores* e no *Auto da Lusitania* é que Lisboa aparece como personagem falante e actuante no elenco das suas figuras.

Na primeira peça a *Cidade de Lisboa* entra «em figura de princesa, com grande aparato de musica», diz a rubrica, e dirige a Suas Altezas uma fala, à maneira de prólogo, que termina com êstes versos:

Porém eu quisera,
 Porque esta vontade vos aparecêra,
 Que tam lindas flores vieram por Maio,
 Que então minhas festas poseram desmaio,
 A quem já vio festas em reinos maiores:
 Taes festas fizera.

Eis aqui uma sugestão, que conta a bagatela de 410 anos (a peça representou-se em 1527) para que se realizassem as *Festas de Lisboa*, e para que sejam em Maio, o mês de «tam lindas flores», a-fim-de que elas «pusessem desmaio»

A quem já vio festas em reinos maiores.

Quatro séculos depois, recentemente, Lisboa fêz e viu, com efeito, festas que, se não faziam desmaiar aos que presenciaram, em algumas terras estranhas, outras de mais nomeada, com elas podiam competir em luzimento e arte! Mas não fôram de flôres, porque aquelas que na capital, em tempo, se realizaram com êsse nome, nunca passaram de tentativas frustradas e de tristes arremêdos das que, com tal designação, se celebrizaram no estrangeiro.

Em seguida à fala prebular, «vem o Pagem do Principe da Normandia e dá o recado à Cidade»:

Señora Ciudad, un Señor,
 Hijo de un Rey de Levante,
 Oyendo de vos loor,
 Por esa mar adelante
 Os viene á ser servidor;
 Y vino aqui ancorar
 En vueso puerto y ribera,
 Dice que os quiere hablar
 Y vuesa señoria quiera
 Quererlo ver y escuchar.

 Porque dende Normandia
 Viene por la conocer.

Em seguida a novo monólogo da *Cidade*, entra o *Príncipe da Normandia*, que se confessa enamorado da Fama, para haver a qual precisa de aventurar-se aos perigos das «ondas de la mar», alusão evidente à fama conquistada pelos navegadores que do Tejo saíram para os descobrimentos que os tornaram célebres e lhes deram glória. E então diz a *Lisboa*:

Vengoos à suplicar
Ciudad poderosa y narcisa,
Que vos me querais prestar
La nao de vuesa devisa,
En que la vaya á buscar.

Faz depois o elogio da «Caravela de Lisboa»:

Ques nao bienaventurada,
Siempre leal, tan segura
Que si me la dais prestada,
Yo cobraré la ventura
Y mi Fama deseada:
Porque nao que descubrió
Tantas insulas inotas,
Quantos reinos Dios crió,
Y desbarató mil flotas,
Esta es la que busco yo.

A estas e outras instâncias do *Príncipe* responde a *Cidade de Lisboa*:

Para o que mereceis,
Senhor, pouco me pedis,
Indaque a Nao que quereis
Val mais que todo Paris,
Como vós sei que sabeis.
Porém eu fôra contente,
Mas essa Nao não he minha,
Porque foi de San Vicente,
E he d'ElRei e da Rainha,
Cuja eu sam inteiramente.

Em vista desta resposta, na qual a *Cidade* alude à sabida tradição de haver um navio transportado a Lisboa o corpo de S. Vicente encontrado no cabo dêste nome, o *Príncipe* implora:

Por remedio á mis dolores,
 Dadme licencia entera
 Que haga uma Nao d'amores
 Aqi en vuesa ribera,
 Do se hacen las mejores.

Isto é, na *Ribeira das Naos*, perto da qual ficava qualquer dos três sítios marcados pela *Cidade* para a entrevista com o *Príncipe*: o *Caes da Madeira*, o *Chafariz d'ElRei* e a *Torre da Varanda*.

Como seria feita a nau? Explica-o o *Príncipe*:

Mis ojos seran maestros,
 Mis cuidados carpinteros;
 Y porque sean mas destros,
 Yo serraré los maderos,
 Los descansos seran vuestros.

Lisboa concedeu a licença pedida:

Pois que ha de ser de amor,
 Fazei vos muit'embora
 Sem receo nem temor.

E explica a rubrica que se havia posto «no serão onde esta obra se representou, hũa nao da grandeza de hum batel, aparelhada de todo o necessario para navegar», e «os fidalgos do Príncipe tirarão suas capas e ficarão em gibões de brocado, como carafates; os quaes começarão a carafetar a nao com escoparos e maçanetas douradas, que para isso levávão», ao som duma cantiga.

Do *Auto da Lusitania*, «paródia jocoséria da faina arqueológica dos humanistas», como lhe chamou D. Carolina Michaëlis, nas *Notas Vicentinas* (I, p. 37 e 38) fêz esta, por tantos títulos illustre escritora, o resumo do trecho nêstes humorísticos têrmos:

«A ninfa *Lisibea* (personificação de Lisboa), filha duma Rainha da Berberia e dum príncipe marinho (alusão às conquistas africanas e glórias

marítimas), vive nas agrestes barrocas da Serra de Sintra (então chamada *Solercia*, paródia de Monte da Lua). O Sol namora-se de Lisboa. Dêstes amores nasce a menina Lusitânia (nome derivado de *Luz!*), espevitada, doidinha, fantasiosa, de lindos olhos, e cheia de graça, senhora e deusa da província daquêle nome. O pai quer casá-la com Mercúrio, mas o deus dos comércios do mundo, frio e pouco namorável, não lhe agrada. Um caçador (das bandas da Hungria, como o Conde D. Henrique das lendas genealógicas), chamado *Portugal*, leviano, bizarro, todo fundado em amores, ouve falar da formosura da Lusitânia. Vem requestá-la e conquista-la. Lisboa morre de ciumes da filha.»

Na rubrica do *Auto* acrescenta-se que *Lisibea* «foi enterrada na montanha que naquêle tempo se chamava o Feliz Deserto; onde depois foi edificada esta cidade, que por causa da sepultura de Lisibea lhe poserão nome Lisboa».

IV

LISBOA, OBJECTO DE EXALTAÇÃO E LOUVORES
NAS OBRAS VICENTINAS

Segundo tem observado mais de um crítico, Gil Vicente mostrou acentuada preferência por assuntos, locais e pessoas da Beira, da qual tirou até o nome para duas peças—o *Clérigo da Beira* e o *Juíz da Beira*. Mas não só desta região de Portugal êle se mostrou conhecedor, podendo inferir-se dos seus escritos que também lhe mereceram atenção igual a Estremadura e o Alentejo. O Minho (a-pesar-de haver quem faça Gil Vicente oriundo de Guimarães ou de Barcelos) Trás-os-Montes e o Algarve é que parece lhe foram quási estranhos.

Curioso será comprovar a diminutíssima citação das povoações destas três últimas províncias, e a abundante menção das pertencentes às três primeiras, nas obras do poeta.

Para os estudiosos da toponímia portuguesa não será talvez desinteressante a seguinte lista, ordenada alfabeticamente, das localidades referidas nas peças vicentinas. Salvo algum raro lapso, suponho-a completa, não sabendo

se já alguém se deu a trabalho semelhante, que invalide a pretensa novidade do meu. (1)

- Abrantes, I, 331, 391
 Abrigada, I, 392.
 Alcacer do Sal, III, 241.
 Alcobaça, I, 322, 323, 392.
 Alcochete, I, 391—II, 142, 191, 215, 442.
 Alcoentre, II, 137.
 Alcoutim (?), I, 111.
 Aldeia Galega, I, 170.
 Alegrete (?), II, 87, 191, 442.
 Alfaiates, II, 142.
 Alfarrobeira, II, 142.
 Alhandra, II, 190, 441.
 Alhos Vedros, I, 391.
 Almada, I, 212, 391.
 Almeirim, I, 24, 25, 170—II, 442.
 Alpedriz, II, 142.
 Alpiarça, II, 142.
 Alqueirão, I, 64, 290—II, 142.
 Alverca (?), I, 103.
 Alvito, II, 385—III, 242.
 Arraiolos, II, 86, 191, 442.
 Arrifana, II, 86.
 Arrouchela (?), II, 34.
 Arruda, I, 212, 360, 391.
 Atougia, I, 360, 392.
 Aveiro, I, 329—II, 137, 198.
 Barquerena, II, 198.
 Barreiro, I, 101, 391—II, 190, 191, 441, 442.
 Batalha, II, 218.
 Belem, I, 232, 374.
 Berlengas, I, 283.
 Braga, II, 189, 320.
 Bragança, II, 440.
 Buarcos, I, 181.
 Çamora, I, 124, 170, 323, 330,—II, 378.
 Campolide, II, 31.
 Cadosa, I, 329.
 Caparica, I, 212, 392.
 Carnide, II, 31.
 Cartaxo, I, 211, 279—II, 23, 137, 190, 441.
 Cascaes, I, 231, 235—II, 229, 326.
 Ceia, I, 260.
 Cerro Ventoso, I, 281, 283.
 Chamusca, II, 190, 441.
 Chão de Couce, II, 324.
 Cintra, I, 170.
 Coimbra, I, 246, 247, 248, 254, 320—II, 67, 88.
 Cornaga, I, 331—II, 189, 440.
 Cortiçada, II, 190.
 Coruche, I, 170—II, 136, 351.
 Covilhan, I, 261.
 Crato, II, 85, 142.
 Cucanha, I, 331.
 Curageira, I, 392.
 Erra (ou Herra) I, 170.
 Estremoz, II, 190, 442.
 Evora, I, 25, 293.
 Folgosas, I, 332.
 Fragueira, I, 346.
 Franqueira, (?), I, 359.
 Fronteira, I, 256.
 Fundão, II, 431, 451.
 Giesteira, I, 103.
 Golegã, II, 191, 227, 442.
 Gouveia, I, 261.
 Landeira, I, 170, 211—II, 190, 441—III, 243.
 Landosa (?), I, 103.
 Lavra, I, 170.
 Leiria, I, 392.
 Lisboa, I, 217, 241, 286, 373, 378, 398—II, 128, 137, 138, 265, 302, 360, 388 (além de todos os sítios da cidade já mencionados na parte II deste estudo).
 Lourinhã, II, 191, 442.
 Lousan, II, 87, 191, 442.
 Lumiar, I, 211—II, 360.
 Manteigas, I, 261.
 Margerela, II, 451.
 Mealhada, I, 211.
 Meijoada, I, 331.
 Monção, I, 231, 392—II, 87.
 Monçarraz, I, 256.
 Montachique, II, 31.
 Montemor, III, 241.
 Obidos, I, 392.
 Odivelas, II, 338.

(1) As interrogações significam que há localidades com o mesmo nome em mais duma província, ou que eu não pude identificar, e a numeração indica os tomos e as páginas, em que há referências, da citada edição do Dr. Mendes dos Remédios.

- Oeiras, II, 33.
 Olivaes, II, 44.
 Ourem, I, 278.
 Paço do Lumiar, II, 32.
 Palmela, I, 278—II, 32.
 Pederneira, I, 234 — II, 190, 386, 441.
 Pedregão, I, 346.
 Penacova, II, 85.
 Peniche, I, 282.
 Pernes, II, 148.
 Pias, I, 181.
 Pombal, III, 243.
 Pombeiro, II, 136, 191, 442.
 Ponte de Loures, I, 177.
 Porto, I, 181, 290, 291, 348—II, 302.
 Porto de Mós, II, 302.
 Punhete, I, 391—II, 191, 442.
 Ranginha (?), I, 170.
 Rastelo, II, 256, 266.
 Riba d'Avia, I, 393.
 Rio Frio (?), I, 170.
 Sacavem, II, 31.
 Salvaterra, I, 170.
 Samora (V. Çamora).
 Santarém, I, 31, 322, 392 —II, 31, 217, 360, 369, 442.
 Santiago do Cacem, III, 241.
 Sardoal, I, 261, 262—II, 369.
 Seia (V. Ceia).
 Seixal, I, 212, 392.
 Serra da Estrela, I, 26, 63, 246, 255, 262—II, 372—III, 123, 290.
 Serra da Louzan, I, 285.
 Serra de Sintra, II, 224.
 Serro de Couce (V. Cerro de Couce).
 Sertã, II, 379.
 Sintra (V. Cintra).
 Tavila, I, 181—II, 340.
 Thomar, I, 24, 26, 394 —II, 191, 229, 340, 442.
 Tojal, I, 212.
 Torres Vedras, I, 170.
 Torrozelo, II, 148.
 Trancoso, I, 13.
 Valença, I, 77—II, 383.
 Val de Cobelo, (?), I, 132, 332—II, 35.
 » » Penados, (?), I, 261.
 Viana (?), I, 65.
 Vila Nova (?)—II, 146.
 Vila Real, I, 180.
 Viseu, I, 333—II, 351.

Em treze dezenas de localidades do continente de Portugal, citadas nas obras vicentinas, poucas são das províncias do Minho, Douro ou Trás-os-Montes, havendo dúvidas quanto a algumas. Mais de um cento, todavia, são do Alentejo, da Beira, ou da Estremadura.

É certo, porém, que Lisboa mereceu a Gil Vicente, como já se provou na parte II dêste trabalho, o maior número de referências. Nem admira, visto que, se não foi aqui onde êle nasceu, como aliás alguns admitem, foi junto da côrte que viveu e se celebrizou. E, sendo a capital do reino então um opulento empório de riquezas, e impondo-se, pelas suas condições naturais, ao louvor de nacionais e estrangeiros, é bem natural que o estro do poeta se deixasse dominar por tantas belezas e grandezas, e nas falas das personagens de algumas peças a admiração se traduzisse em exaltado encarecimento.

Na *Nao de Amores*, o *Príncipe da Normandia* chama-lhe

Ciudad poderosa y narcisa

e na fala que Gil Vicente dirigiu aos padres na crasta de S. Francisco, de Santarém, e que vem transcrita na *Carta* que dirigiu ao Rei D. João III sôbre o tremor de terra de 20 de Janeiro de 1531, dizia-lhes:

«As villas e cidades dos Reinos de Portugal, principalmente Lisboa, se hi ha muitos pecados, ha infindas esmolos e romarias, muitas missas, e orações, e procissões, jejuns, disciplinas, e infindas obras pias, publicas e secretas.»

No *Auto da Lusitânia* uma rubrica esclarece, como já ficou dito, que deram à cidade o nome de Lisboa por causa da sepultura da *Lisibea* «generosa ninfa», «tam perfeita em suas corporaes proporções como fermosa em todos logares de sua gentileza», de quem o Sol houve uma filha «tam honrada de sua luz que lhe poserão o nome de Lusitania».

Na *Exhortação da Guerra* contra os mouros de Azamor, a rainha *Pantásilea*, dirigindo-se ao «famoso Portugal», exclama:

Conhece teu bem profundo,
Pois até ó polo segundo,
Chega o teu poder real.

.....

Oh! deixae de edificar
Tantas camaras dobradas,
Mui pintadas e douradas,
Que he gastar sem prestar.
Alabardas, Alabardas!
Espingardas, espingardas!
Não queirais ser Genovezes,
Senão muito Portuguezes.

E dirigindo-se mais especialmente aos da capital do reino:

Cobrae fama de ferozes,
Não de ricos qu'he p'rigosa;
Dourae a patria vossa
Com mais nozes que as vozes.
Avante, avante, Lisboa!
Que por todo o mundo soa
Tua próspera fortuna:
Pois que fortuna t'enfuna,
Faze sempre de pessoa.

Nesta época agitada e incerta, em que de tôda a parte soam gritos de guerra, exigindo não já as arcaicas alabardas ou as pesadas espingardas coevas dos trons e dos mosquetes, mas quantas armas de moderno invento o progresso das ciências e o humanitarismo da civilização têm tornado cada vez mais rápida e eficazmente mortíferas, os versos da tragicomédia vicentina, que são um dos mais belos e veementes cantos guerreiros que se hão escrito em língua portuguesa, parecem infelizmente ter de novo o ambiente apropriado. Entram, em perfeita consonância, no concôrto universal de vozes bélicas dos mais variados tons e timbres!

E, se assim houver de ser, se Lisboa tiver de seguir avante, não deixe de

fazer sempre de pessoa,

que o mesmo é dizer que não deixe nunca de afervorar tôdas as virtudes e energias da personalidade humana, sempre *dourando* a pátria mais com as *nozes* das realizações glorificadoras, do que *desdourando-a* com as *vozes* das bravatas vãs, ou dos lamentos desfalecidos e pusilânimes.

Lisboa — Abril de 1937.

ALFREDO DA CUNHA,

O COLÉGIO DE SANTO ANTÃO DE LISBOA

O MAIOR e mais célebre estabelecimento de educação e ensino, que houve na capital portuguesa durante dois séculos, de 1553 a 1759, ano em que o fechou a mão prepotente de Sebastião José de Carvalho e Melo, foi o *colégio*, bem conhecido na história pelo nome de *Santo Antão*. Recordemos-lhe os princípios à luz de documentação inédita.

O principal dos vereadores da Câmara de Lisboa, Francisco Correia, senhor de Belas, quando naquêlê ano de 1553 se tratava de fundar o colégio, propunha e defendia, que não se admitissem a suas lições quaisquer filhos do povo, mas as reservasse à formação dos filhos da nobreza e mais famílias distintas. Os jesuítas porém rejeitaram a excepção e preferiram abrir as portas do colégio a todos sem diferença de categoria social. Com esta largueza de ânimo cresceu excessivamente o número dos estudantes, que mal se podiam acomodar nas estreitezas da antiga mesquita de moiros, situada na costa do castelo, do lado do Norte, e convertida primeiro em convento, depois em colégio nêsse ano de 1553.

Era forçoso alargá-lo. Exigia-o a saúde, a disciplina e o aproveitamento literário dos que o freqüentavam. Mas aquêlê sítio, desigual e empinado, não admitia fâcilmente a vasta mole que se requeria. Só com enormes despesas se poderiam expropriar as habitações que o rodeavam em pinha, e dispôr-lhe e aplanar-lhe o solo para os alicerces. Com menos dinheiro seria fácil adquirir terrenos mais extensos e mais bem situados para a construção do colégio que

se necessitava. Demais estava muito fora de mão para os estudante da cidade e tinha trabalhosas serventias pelo elevado da posição (1).

Por estas considerações que desde os primeiros tempos faziam impressão no ânimo dos mestres, entraram êles em pensamento de mudar de lugar e edificar um colégio inteiramente novo em parte mais cómoda e airosa da capital. Pelos anos de 1557 só quatro anos depois de inciadas as escolas, já D. Catarina e o infante cardinal tinham, por proposta dos Padres, assentado tirar o colégio daquêles apêrtos em que se afogava. Lançaram êles e os religiosos da Companhia seus olhares para um lugar esplêndido e central, onde bem campearia um estabelecimento magnífico de educação. Sorria-lhes um colégio a erguer-se ali perto de S. Roque, na parte inferior daquela colina, sobranceiro à praça majestosa do Rossio. «Se isto, Padre, se levasse a cabo, escrevia Luiz Gonçalves da Câmara a Diogo Laines, lustraria tanto o colégio, que se poderia esperar de Lisboa um grande aumento, por estar o sítio nos olhos da nobreza, que se vem passear àquêle Rossio» (2). Mas deu num escôlho o plano que tanto prometia. As despesas para obter os terrenos necessários seriam enormes, e o dono que bem os avaliava, não havia convencê-lo a levantar mão dêles. Assim foram esmorecendo naquela primeira resolução (3).

Mas quando o cardinal no ano de 1564, renunciando a mitra de Évora, sucedeu a D. Fernando de Vasconcelos na de Lisboa, despertaram-se-lhe novamente os propósitos de um novo e maior colégio. Voltou a preferir a qualquer outro o sítio não longe de S. Roque, «mais imprtante e célebre da cidade», como observou por êsse tempo o escritor da carta quadrimestral (4). Animou-se logo a delinear a planta do colégio e juntamente do seminário, que então queria lhe ficasse anexo, e também de uma igreja sumptuosa, que prometera à cidade, da invocação do mártir S. Sebastião, nome do rei seu sobrinho. Era sua

(1) Arquivo S. J., *Lus.* 77, f. 23: Razones que se offerecen para dexar el sitio viejo...; F. Rodrigues, *Hist. da Companhia de Jesus*, I, I, pág. 289.

(2) Laines, *Monumenta*, VIII, 405. Lisboa, 7 de Dezembro de 1557.

(3) Arq. S. J., *Lus.* 60, f. 137. Carta de Miguel de Tôrres a Laines, de Lisboa a 29 de Julho de 1559; Laines, *Mon.* VIII, 394, carta de G. Vaz de 7 de Dezembro de 1557.

(4) Arq. S. J., *Lus.* 52, f. 141. Carta de 1 de Setembro de 1564, assinada por António Pacheco.

intenção que fôsse êste um dos maiores templos de Lisboa (1). Os Padres da Companhia consultaram Roma sôbre os intentos do cardial, e o Geral Diogo Laines ordenou-lhes se conformassem à vontade do generoso príncipe (2). Mais uma vez porém as despesas que se antolhavam excessivas na aquisição dos terrenos, e outros obstáculos desvaneceram aquêles pensamentos e pôs-se de parte a ideia de levantar o colégio em lugar de tantas dificuldades (3).

Durante uns dois lustros adormeceram os desígnios do novo colégio. Mas em 1574 o Provincial Jorge Serrão reüniu a consulta os Padres mais autorizados da Província, e dêsse conselho saiu o propósito de se tomarem para edificar o colégio «uns campos que estavam pegados com os muros da cidade junto da Santa Ana, cêrca dos Lázaros». O cardial que já tinha dado ordem se procurasse sítio não fora do centro da cidade, aprovou a escôlha e logo determinou que se delimitasse nêsses campos a extensão conveniente à grandeza do colégio. Para as primeiras despesas deu imediatamente três mil cruzados (4). Marcou-se parte daquêle campo de Santa Ana, que descia suavemente no declive dêsse monte perto do mosteiro do mesmo nome, no alto do jôgo da pela. O sítio agradou por ser desassombrado e desafogado de montes, em elevação de boas e largas vistas para o mar e campos, bem arejado e sadio. Demais sobejava nêle espaço deshabitado, em que logo se poderia começar a edificar, e havia largueza para se traçar o colégio pelas medidas que aprouvesse, e se estender a cêrca e horta com a dimensão que parecesse ajustada (5).

Deram-se os Padres a adquirir naquêle monte os terrenos necessários para o edifício e cêrca. No ano seguinte de 1575 já se havia comprado, escreveu Amador Rebêlo, a maior parte dos que se julgavam precisos (6). A cidade concedeu também uma parte do rossio e praça, que logravam os moradores do outeiro. D. Sebastião na carta dirigida à Câmara em 29 de Outubro

(1) Carta cidade de António Pacheco.

(2) Arq. S. J., *Hisp.* 67, f. 29. Laines a Luiz Gonçalves em 18 de Outubro de 1564.

(3) Arq. S. J., *Lus.* 61, f. 218. Mirão a Laines, de Lisboa a 5 de Agosto de 1564.

(4) Arq. S. J., *Lus.* 66, f. 125. Carta de Jorge Serrão, de 9 de Maio de 1574; *Lus.* 53, f. 2-v.; Franco, *Synopsis Ann.*, 1574, n.º 2.

(5) Arq. S. J., *Lus.* 77, f. 23.

(6) Arq. S. J., *Lus.* 67, f. 252. Carta de 24 de Novembro de 1575.

de 1576 autorizou-a a ceder tórres, muros e chãos necessários ao bem do colégio que se ia edificar. São êstes os têrmos da carta:

«Eu El-Rei faço saber a vós Presidente e Vereadores e Procuradores da cidade de Lisboa e Procuradores dos mesteres dela, que havendo respeito ao benefício que a cidade e povo dela recebe dos Padres do colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus assim no ensino e criação dos moços como nas outras coisas espirituais, em que continuamente se ocupam, e tendo também consideração ao aumento e nobreza que a cidade recebe da mudança, que se ora faz do dito colégio para os chãos que estão abaixo do mosteiro de Santa Ana, hei por bem e me praz que deis aos ditos Padres as tórres e muros, que estão defronte dos ditos chãos para se servirem e lograrem dêles, as quais tórres e muros lhe assim dareis de comprimento que em Câmara assentardes e com tal declaração que da parte da cidade se tapem as tórres e muros de tal parede, que se não possam devassar delas as casas nem quintais, que estão chegados e vizinhos das ditas tórres e muros, e assim que em tempo algum se não possa tapar nem estreitar a rua que ora vai entre os ditos chãos e muros..... Em Lisboa a vinte e nove de outubro de mil e quinhentos e setenta e seis».

«Postila. Hei por bem que deis aos Padres do dito colégio de Santo Antão todo o senhorio direito e útil, que a cidade tem nas tórres e lanços de muro, que começam do postigo de Santa Ana até a torre que está junto das casas do licenciado Luiz Lourenço da banda de baixo para o jôgo da pela, em que entram três tórres e três lanços de muro e pela mesma maneira lhe dareis tudo o mais que a cidade tem nos chãos que estão ao pé das ditas tórres e muros da banda de fora, assim aforado como para aforar e os Padres se ...concertarão com as pessoas que tiverem o útil e senhorio.....» 28 de fevereiro de 1577 (1).

A Câmara, obtemperando à ordem real, reuniu-se em 12 de Março daquêle mesmo ano, concedeu quanto se pedia, em conformidade com a provisão do rei. Depois de recordar na «carta de dada e doação» que «pelo benefício que a república cristã e política recebe da doutrina e exemplo da dita

(1) T. do Tombo, Cartório dos jesuítas, Maço 2. Esta carta régia está inserida no treslado autêntico da «Escritura de posse» de 30 de Março de 1577.

Companhia, a cidade tinha dado, para se edificar o dito colégio, um pedaço do dito campo» de Santa Ana «e lhes vendeu outro cham de São Lázaro», conclue:

«Em comprimento dêste alvará de Sua Alteza e da postila nele posta, desejando os ditos senhores e Presidente e Vereadores..... que se efectue e perpetue tão útil e santa obra e... santo ornamento da cidade, davam e concediam, como de feito dão e doão dêste dia para todo o sempre aos ditos Padres para serventia e logradouro do futuro novo colégio todo o direito, que a cidade tem nos ditos muros, tórres e chãos.....» (1).

Além destas doações e compras procuravam ainda os Padres conseguir mais espaço daquêles campos por não serem suficientes os que já possuíam. Mas a malevolência e o preconceito começaram de se mover. As imaginações exaltaram-se de infundados receios. Levantaram-se tamanhas contradições que retardaram por muito tempo o princípio da obra, a-pesar-de a favorecerem os monarcas D. Sebastião e D. Henrique. Muitos levavam a mal que se largasse aos religiosos tão considerável extensão do monte, e não faltaram outros que se opunham totalmente à construção do colégio. Povo que alojava por aquêlo alto, clérigos que gozavam do descampado e até as freiras franciscanas do vinho convento de Santa Ana com o seu Padre confessor se puseram em guerra contra o futuro colégio, sentindo demasiadamente que lhes tirasse um pedaço do largo campo que ainda lhes ficava, e os privassem de certas comodidades e serventias que lhes eram de algum proveito. Foram tanto adiante no excesso de animosidade, que chegaram a suscitar motins; e tantas porfias intentaram para defender suas apreensões, que até Padres autorizados da Companhia aconselharam que se sobrestivessem na obra, e alguns dissuadiam que se fabricasse o colégio nêsse outeiro (2).

Mas houve ainda outra oposição que mais feria os sentimentos religiosos por vir de mais alto. Os vinte e quatro mestres da cidade também se uniram com os adversários. Foram-se à presença do Rei D. Henrique e ten-

(1) Arquivo e maço citado. Carta de doação, incluída na Escritura de posse.

(2) Arq. S. J., *Lus.* 68, f. 53. Carta de A. Rebêlo, de 5 de Janeiro de 1579; f. 216, carta do mesmo, de 3 de Agosto de 1579; Teles, *Chrónica*, II, 50 e segs.

taram persuadí-lo que se não fizesse o colégio em Lisboa. Alguns principais da Mesa do Despacho procuraram igualmente levar o Rei a proibir aquela obra. Na Câmara, apesar das concessões passadas, por vezes se deliberou impedir-la, e os vereadores lançaram mão de todos os meios para enfim estorvarem a erecção do novo colégio. Passaram até alguns à demência de defender que não eram necessários tantos estudos em Portugal! Imaginavam todos êsses opositores que o cardinal-rei havia de gastar, em tempo de tamanha aflicção e falta de dinheiro para resgate de cativos, mais de trezentos mil cruzados (1). Era de todo falsa a imaginação, pois o monarca não dera da fazenda real dinheiro para o edifício, insinuara até, que não se devia esperar dêle grande auxílio, e muito menos cuidava em dispender tão grossa quantia (2). Mas daí brotava um redemoínho de murmurações, que afligiam os Padres e demoravam a efeituação de obra tão benéfica. O Rei acudiu pela defesa dos perseguidos e procurava serenar aquelas exaltações. O P.^o Amador Rebêlo e Cristóvão de Gouveia, reitores por aquêle tempo do colégio de Santo Antão, contavam para Roma no ano de 1579, que as dificuldades da parte da cidade estavam quasi concluídas e o Rei apaziguara aquelas iras (3). Não de todo porém sossegarão os espíritos. Os Padres não logravam obter os terrenos precisos, nem o povo nem a cidade transigiam na sua tenaz resistência.

Entretanto naquêle mesmo ano de 1579 a 11 de Maio lançou o P.^o Cristóvão de Gouveia a primeira pedra do edifício, sem nenhuma solenidade todavia para não despertar mais cóleras nem provocar novos levantamentos. Os alicerces já se tinham começado a abrir naquêle solo inclinado, e por entre as contradições, ou surdas ou manifestas que não findavam, foi progredindo pouco

(1) Arq. S. J., *Lus.* 68, f. 53, carta citada de Rebêlo, de 5 de Janeiro de 1579; f. 117, carta de C. de Gouveia, de 31 de Março do mesmo ano; f. 217-v., carta de Leão Henriques ao Geral, escrita em 1579: «No se se escrivẽ a V. P. del trabajo que se tiene con el collegio Nuevo de San Antonio de aqui de Lisbona y la cidade como toma mal dar el-rei tanta tierra para el edificio y los escandalos y desasossegos y discordias que en esto passa: y las muchas vezes que los gobernadores sobre esto contra nos otros fueron hablar al rei...».

(2) Arq. S. J., *Lus.* 68, f. 117. Carta de Gouveia, de 30 de Junho de 1579: «...El-rei... hasta oy no ha dada nada: ni ay esperãça dello por el trabajo y aprieto del reino, y las murmuraciones que contra nos otros se levantan, pẽsando el puebo q̃ el-rei nos da todos los dineros necesarios...».

(3) Arq. S. J., *Lus.* 68, f. 53, 87.

a pouco a construção. No mês de Junho já saía fora dos alicerces um bom lanço de parede (1).

Morto D. Henrique apresentaram os adversários suas queixas a Felipe II e pediram-lhe que mandasse parar a obra. O Rei prudente respondeu-lhes que fôsse ela por diante, porque não havia êle de pagar o dinheiro que os Padres dispendiam (2).

Pouco depois percebeu o reitor do colégio, que na Câmara prevaleciam por então homens não desafectos à Companhia. Aproveitando o favorável ensejo, pediu a intervenção do monarca. Rogou-lhe quisesse significar à Câmara, que teria muito prazer de que ela cedesse aos Padres pacificamente e sem ruídos nenhuns a parte dos campos que o Rei D. Henrique destinara para o colégio. Anuiu Felipe II e a Câmara veio finalmente no que se lhe insinuava. O Presidente D. Pedro de Almeida foi em pessoa marcar e entregar o campo aos religiosos. Com a vista de personagem de tamanha autoridade caíram as fúrias dos moradores do monte, e cessaram também, cuidamos nós os receios e desconsoações das freiras de Santa Ana (3). Puderam então os Padres rodear de muro êsse campo, que lhes deu boa cêrca e fresca horta.

Dificuldade talvez de maior melindre atrazara também um pouco o prosseguimento de tão contrariada obra. O cardinal fizera com seu architector-mor Baltazar Álvares a traça do colégio e ordenou que por ela se fôsse erguendo todo o edifício. Viram porém fâcilmente os Padres que não era essa traça a que se havia mister, não se acomodava com o modo particular da Companhia, nem se adaptava bem ao terreno sôbre que devia surgir o colégio, e resolveram suspender o princípio da obra, esperando ocasião propícia de alterar o desenho. O Rei soube da desaprovação que se dava à sua traça, sentiu-o profundamente, queixou-se ao P.^o Leão Henriques e protestou que não queria entender mais naquêle empreendimento. Durou bastante tempo o desgosto do monarca. Para o atalhar mandou o Visitador P.^o Miguel de Sousa, que se começasse o edifício e se executasse inteiramente a traça do Rei (4).

(1) Arq. S. J., *Lus.* 68, f. 170, carta citada de Gouveia, de 30 de Junho de 1579; Franco, *Synopsis Ann.*, 1579, n.^o 23.

(2) Franco, *Imagem... Évora*, 174.

(3) T. do Tombo, *Livraria*, mss., 690, f. 115-v., 116, carta ânua de 1582; Teles, *Chrónica*, II, 52-53.

(4) Arq. S. J., *Lus.* 68, ff. 53, 87, 117, 170-170 v.

Assim se foi trabalhando por alguns meses. Segundo o desenho real a obra seria grandiosa e magnífica. Orçavam-se os gastos para a sua execução em quatrocentos mil cruzados. Entravam no edifício sete pátios, cada um com seus corredores e suas varandas em volta. Alguns dêles subiam com três ordens de colunas sobrepostas, e com ornamentos de architectura, que, no juizo dos Padres, serviam mais ao aparato e majestade do que ao proveito (1).

Como porém não satisfazia a planta, apenas faleceu o monarca, traçou o P.^o Silvestre Jorge outra de menos custo e de menor grandiosidade, mais simples e conforme às exigências e boa ordem de colégio da Companhia e perfeitamente ajustada com a inclinação do terreno. Esta foi a traça que na edificação do grande colégio principiou a servir de norma. Em Roma recebeu a aprovação, e Roma insistiu mais de uma vez que sem alteração se executasse, mas a julgar dos documentos coevos não parece que se tenha seguido com exactão (2).

Cresceu a fábrica vagarosamente. Para apressá-la ordenou o P.^o Geral nos fins de 1591, que se dispendessem cada ano em continuá-la dois mil e quinhentos cruzados. O reitor Pedro Lopes não via donde tirar essa quantia, senão de algum empréstimo que realizasse. Em todo o caso a obra foi subindo com mais rapidez e, passado um ano, já cuidavam de se trasladar para o novo colégio (3).

De feito em 1593 apenas estava de pé a terceira parte do edifício, mas era já só ela tão espaçosa e ampla, que bem podia comodamente albergar o colégio. Assim se resolveu efectuar nêsse ano a esperada mudança do colégio velho para o colégio de Santo Antão-o-Novo, e designou-se para a solenidade o dia 9 de Novembro (4). Na manhã dêsse dia organizou-se, como era usual

(1) Arq. S. J., *Lus.* 68, f. 170. Carta citada de Gouveia.

(2) Arq. S. J., *Lus.* 68, f. 296. Carta de Gouveia, de 30 de Abril de 1581; f. 300, carta do mesmo, de 30 de Junho de 1581; Franco, *Imagem... Évora*, pág. 173, 174.

(3) Arq. S. J., *Lus.* 71, f. 57. Carta do P.^o Pedro Lopes de 25 de Janeiro de 1593.

(4) A carta ânua manuscrita de 1593, a que se ajusta a impressa, tem declaradamente que a inauguração do colégio se fez a 9 de Novembro, dia da dedicação da Basilica do Salvador em Roma. T. do Tombo, mss. da *Livraria*, 690, f. 237 v. Outros documentos e diversos autores dão para essa solenidade o dia 8. *Livro dos que morrem*, códice do Arq. da Província portuguesa, n.º 34; Teles, *Chrónica*, II, 54; Cardoso, *Agiol. Lus.*, II, 225; Franco, *Imagem... Lisboa*, 5; Franco, *Synopsis Ann.*, 1593, n.º 6.

nas festas dessa natureza, soleníssima procissão, que saiu da igreja do antigo colégio, desde a costa do castelo em longo rodeio até à nova igreja, que provisoriamente se construiu de três naves no campo de Santa Ana.

Iam à frente os estudantes do colégio, divididos por classes, em número de dois mil, coroados de verdura e flôres, em velas acesas nas mãos. Seguia-os a aula inteira de matemática e a de ouvintes de filosofia, e após êles duzentos sacerdotes, discípulos das aulas de teologia moral, vistosamente trajados de alvas e pluviais. Vinham logo os diáconos, paramentados de dalmáticas preciosas, que levavam aos ombros as imagens dos santos e dois andores esplêndidamente adornados, um com as relíquias sagradas e outro com a imagem da Mãe de Deus. Por fim caminhavam os Padres agostinhos da Graça e os religiosos da Companhia. Fechava o cortejo o Padre reitor do colégio a sustentar nas mãos o Santíssimo Sacramento, encerrado em custódia de ouro e acompanhado por uma grande multidão de nobres e fidalgos, entre os quais se distinguia o patriarca de Jerusalém, Núncio apostólico em Lisboa. Êste celebrou na nova igreja a primeira Missa com rito pontifical, e prègou na festividade com o seu primor de eloquência o orador de grande nomeada, P.^o João de Lucena (1).

Estabelecidos já no vasto domicílio, não cuidaram logo os religiosos de continuar a sua construção. Só em 1601 puseram de novo mãos à obra, mas com tantos vagares e tão largas interrupções a prosseguiram, que ainda no século XVIII não era terminado o majestoso edifício. Carestia de dinheiro lhe demorava a conclusão (2).

Se chegasse a executar-se plenamente a traça do colégio, seria, como já no século XVII anunciava Baltazar Teles, «um dos mais grandiosos de tôda a Espanha» (3).

FRANCISCO RODRIGUES.

(1) T. do Tombo, Mss. da *Livraria*, 690, f. 237 v-238: carta ânua de 1593; *Litterae Annuae* 1593, pág. 365-366; Franco, *Synopsis Ann.*, 1593, n.º 6.

(2) B. N. L., Fundo geral, 145, f. 235-236; Franco, *Imagem... Évora*, 174.

(3) Teles, *Chrónica*, II, 54.

A HABITAÇÃO DAS CLASSES TRABALHADORAS

(Breve contribuição para o seu estudo)

«¿Têm os trabalhadores direito a uma melhoria na sua vida, na sua condição? a melhor casa? a mais e melhor instrução? Sem dúvida alguma.»

SALAZAR.

DEZ anos de serviço, como Engenheiro da Câmara Municipal de Lisboa, na Repartição das Edificações Urbanas, proporcionaram-me muitas oportunidades de analisar as condições de habitação em que vivem as classes trabalhadoras na Capital, e de considerar na necessidade de as melhorar. Não sendo porém das atribuições especiais daquela Repartição o estudo de tão importante problema, os elementos que colhi são insuficientes para organizar um trabalho, que, embora curto, corresponda à expectativa dos leitores do «Boletim Cultural e Estatístico».

Nas poucas horas livres de que podia dispôr, pensava em tão momentoso assunto, apenas por humanidade e sentimento cristão.

A Ex.^{ma} Comissão Administrativa que me distinguiu com o honroso convite para esta colaboração, apresento portanto os meus redobrados agradecimentos e as minhas homenagens.

*

* *

A primeira fase de um estudo consciencioso dêste problema é a de *assinalar o mal a debelar*.

Deve organizar-se um inquérito, obedecendo a quesitos previamente estudados, sôbre as condições de vida das classes trabalhadoras da Capital e registrar as suas conclusões, analiticamente, por meio de gráficos comparativos e ainda por cartogramas utilizando a planta da cidade nas escalas convenientes.

Os resultados dêsse inquérito devem indicar a distribuição das classes trabalhadoras pelas diferentes zonas da cidade e então verificar-se-á que muitas famílias vivem em promiscuidade, sem ar e sem luz, na zona central, principalmente para ficarem mais perto dos emprêgos ou para aproveitarem as casas de rendas antigas. Verificar-se-á também que, na zona circundando o núcleo central da cidade, zona onde se tem feito trabalhos de urbanização, há vários prédios de rendimento em cujos andares se abriga em cada quarto uma família, cosinhando em fogões de petróleo com perigo para a saúde e segurança e também em más condições de higiene física e moral. Nesta zona existem também várias barracas que, de más arrecadações ou armazéns, se transformaram em apetecidas habitações daquêles que infelizmente as não podem encontrar melhores.

Na zona exterior da cidade, verificar-se-á a existência de milhares de barracas, de madeira e latas velhas, as chamadas barracas clandestinas, por terem sido construídas sem licença da Câmara, espalhadas por zonas onde nem sequer existe canalização de esgotos. É a zona que existe em volta de tôdas as grandes cidades, zona de «tout à la rue» como lhe chama o urbanista Agache, por contraposição à de «tout à l'égout».

A Polícia Municipal realizou já um interessante inquérito sôbre as barracas clandestinas desta última zona, tendo apurado a existência de onze mil barracas, cujos inquilinos pagam renda aproximada de Esc. 40\$00 mensais, e são na sua grande maioria trabalhadores sem profissão definida (70 %).

Assinalado o mal, desnecessário será insistir nos motivos que concorrem para aconselhar o estudo da forma de o debelar. Higiene, moral, ordem, disciplina, organização da família, restrição dos direitos de propriedade pela lei do inquilinato, emprêgo de capitais, combate ao desemprego na construção civil, etc., todos êstes importantes problemas estão intimamente ligados ao da habitação das classes trabalhadoras.

Ê evidente que o inquérito assinalará também a existência de casas modestas em regulares condições de higiene na zona central da cidade; são principalmente as existentes junto a Palácios antigos e que se destinavam a habitação dos serviçais.

Da mesma forma nas outras duas zonas indicadas, se verificará a existência de habitações modestas e higiênicas em pequenos núcleos e em *vilas interiores*.

Finalmente se compararmos o resultado dêsse inquérito com os de outros realizados em grandes cidades da Europa, por certo se verificará que também nessas cidades há população que vive em condições muito precárias no que respeita à higiene da habitação. Não servirá porém o facto de consolação, porque em quási tôdas essas cidades se tem trabalhado com muito afinco e perseverança para a sua melhoria, ao passo que entre nós é muito pouco o que há feito e mesmo êsse pouco só realizado ou concluído, já pelo Estado Novo.

Todos êstes elementos serão preciosos e indispensáveis para a escolha da solução que se haja de tomar.

*

* * *

Segue-se naturalmente, investigar a quem compete a resolução do assunto.

Trata-se dum problema municipal ou dum problema do Estado?

A experiência tem demonstrado que, sem deixar de ter características especiais de problema municipal, não pode no seu conjunto ser resolvido pelo Município, por exigir providências que só o Estado pode decretar.

E generalizando, pode-se afirmar que todos os sectores da actividade nacional são interessados na resolução do problema, porque todos utilizam o trabalho dos nossos trabalhadores e porque finalmente é um problema de solidariedade humana e de defesa da saúde da raça.

*
* *
*

O Estado Novo já promulgou providências legislativas tendentes a atacar êste importantíssimo problema social sôbre duas orientações distintas:

1.^a—*Decretos 16.055, de 22/10/928 e 16.085, de 29/10/928*, que concedem aos construtores de casas económicas certas isenções fiscais por dez anos, isenção de contribuição predial por quinze anos, facilidades na expropriação de terrenos, assim como isentam de certas formalidades a constituição de Cooperativas e Sociedades formadas para construirem de harmonia com a legislação promulgada e autorizam a Caixa Geral de Depósitos a financiar a construção de casas económicas;

2.^a—*Decreto 23.052, de 23/9/933—sôbre casas económicas*, em que se determina a contribuição do Govêrno com algumas dezenas de milhares de contos para a construção de casas económicas, das quais fica sendo senhorio, até que elas sejam por completo pagas pelos seus inquilinos-adquirentes.

As Câmaras Municipais determinou-se colaboração com o Govêrno para a construção das casas dentro de determinadas regras que o Decreto estabelece, incluindo a de contribuir para as receitas que constituirão o *Fundo das Casas Económicas*.

As casas destinam-se a moradores-adquirentes escolhidos entre operários, funcionários dos quadros permanentes do Estado, e filiados nos Sindicatos Nacionais que tenham regularidade de emprêgo, de idade entre 21 e 40 anos e que tenham sido admitidos ao benefício de um seguro de vida nos termos que o mesmo decreto especifica.

Os resultados da aplicação das duas ordens de providências legislativas atrás anunciadas, são já interessantes; mas estão redusidos ao âmbito relativamente restrito permitido pela essência da matéria legislativa que contém e pela natureza do ambiente onde se faz a sua aplicação.

Basta citar os seguintes factos:

O valor locativo das casas construidas ao abrigo dos Decretos 16.055 e 16.085, não desceu abaixo de Esc. 150\$00 e ao abrigo dêstes Decretos exe-

cutaram-se em seis anos apenas cento e oitenta e seis casas, contendo duzentos e oitenta e nove habitações, distribuídas da seguinte forma:

1930.....	18	construções	18	fogos
1931.....	12	»	12	»
1932.....	47	»	97	»
1933.....	9	»	9	»
1934.....	35	»	35	»
1935.....	40	»	41	»
1936.....	25	»	77	»
Totais.....	186	»	289	»

Entre estas casas contam-se algumas interessantes moradias.

A mensalidade mais baixa a pagar pelos inquilinos das casas construídas em Lisboa ao abrigo do Decreto 23.052 é do valor de Esc. 85\$00, o que representa uma renda muito módica se considerarmos não só o valor da casa e as suas condições higiénicas; mas também que naquela importância está incluída a mensalidade de amortização que o inquilino paga para se tornar proprietário e a mensalidade de seguros que é obrigado a fazer segundo as disposições do decreto.

Executaram-se em Lisboa ao abrigo dêste decreto cêrca de seiscentos e trinta e três habitações distribuídas da seguinte forma:

Ajuda	198	
Alto da Serafina	220	
Travessa do Forno.....	178	tipo A e 37 tipo B

Pode assim concluir-se fácilmente que nenhuma das providências legislativas até hoje promulgadas conseguiu atacar o problema da habitação da população dos bairros clandestinos, vulgarmente conhecidos pela designação de *bairros da lata*.

Com efeito, tornando-se necessária a construção de mais de onze mil habitações económicas para trabalhadores, construíram-se, por enquanto, umas centenas na sua maior parte ainda inasecíveis aos ocupantes dos bairros clandestinos que, como vimos, pagam rendas à volta de Esc. 40\$00 e em grande número não tem as condições de idade para serem aceitos para o seguro de vida exigido pelo Decreto 23.052.

Não se pretende diminuir o valor das providências legislativas promulgadas as quais atacaram uma das múltiplas facêtas do problema social, melhorando a higiene e condições de vida de uma grande parte da população, dando trabalho e desenvolvendo a indústria da construção civil.

Trata-se apenas de, com seriedade e lealdade, fazer a verificação de um facto.

Investigando as principais razões do fraco successo dos Decretos 16.055 e 16.085 atrás citados, encontram-se fácilmente as seguintes:

a)—Falta de terrenos em condições de preço que permitam a construção de casas com baixo valor locativo, mas dando um razoável juro ao capital empregado. Com efeito os terrenos baratos são os que pertencem a zonas por urbanizar e não é possível construir conjuntamente ruas, colectores e os mais requisitos de urbanização e ainda obter um rendimento razoável em habitações para serem alugadas a rendas módicas.

b)—O facto de se obter um juro remunerador ao capital que se emprega na construção de prédios nas zonas urbanizadas, sem limite de renda, prejudica por certo o seu emprêgo na construção de casas que não podem garantir a mesma remuneração ao capital. O dinheiro que correu a empregar-se na construção civil depois das sábias medidas financeiras que determinaram a baixa do juro dos depósitos e papeis de crédito, e das sensatas medidas concedendo um período de isenção de contribuição predial às novas construções, não procurará o emprêgo em casas de rendas baixas, ou com limite de valor locativo (art. 20.º do Decreto 16.055). Na verdade é preferível não procurar as vantagens desse Decreto e construir nas zonas urbanizadas prédios mais fáceis de conceber, de construir e de alugar.

c)—A falta de dotação orçamental no orçamento da Câmara Municipal de Lisboa que lhe permitisse cumprir todas as obrigações que lhe são atribuídas no Decreto 16.055 também tem prejudicado a afluência de pedidos para esta modalidade da construção civil. As obrigações atribuídas às Câmaras nesse Decreto exigem de facto uma dotação orçamental importante, pois são: construção de ruas e de passeios nos bairros das casas económicas, construção de casas económicas para os seus empregados e operários, construção de esgotos, rede de iluminação e limpeza dos mesmos bairros e ainda expropriação dos terrenos para esse fim. É evidente que o orçamento da Câmara não comporta, sem auxílio do Governo, todas estas despesas, devendo porém destacar-se o inte-

resse com que o Município está auxiliando a execução de casas económicas para os seus funcionários, sócios da Caixa de Socorros e Reformas dos Operários e Assalariados.

d)—Também se faz sentir a falta de um departamento Camarário destinado a permanentemente estudar os assuntos de casas económicas e em colaboração com os restantes departamentos Camarários, propôr a inclusão no orçamento, das verbas necessárias para que a Câmara possa cumprir as obrigações que lhe são atribuídas em vários diplomas legislativos sôbre a matéria. No caso de o orçamento não comportar essas despesas, êsse departamento deveria estudar as alterações e os auxílios a solicitar ao Govêrno.

e)—O juro permitido em primeira hipoteca na Caixa Geral de Depósitos para empréstimos destinados à construção de casas económicas é ainda alto (art. 25.º do Decreto 16.055).

Nos países em que se tem procurado facilitar a construção de casas económicas o juro dos empréstimos não ultrapassa 2 % e as garantias hipotecárias são, por vezes, substituídas por outras, de forma a facilitar o emprêgo de capital em construções económicas.

A análise das disposições do Decreto 23.052, de 23 de Setembro de 1933, mostra claramente o objectivo de melhorar as condições de habitação de uma parte da população de recursos modestos, elevando o seu nível de vida. As suas disposições dirigem-se aos operários e funcionários modestos com regularidade de emprêgo assegurado.

Mas os habitantes das onze mil barracas a que atrás nos referimos, é evidente, como já vimos, que só excepcionalmente aproveitam das disposições dêsse Decreto.

O que há então a fazer? Que orientação se deve seguir?

Deve promover-se e estimular-se a construção de casas económicas, executadas pelos particulares, estudando a forma de obter juro razoável nêstes empreendimentos?

Devem executar-se bairros económicos por conta da Câmara Municipal e do Estado?

Só um estudo pormenorizado das condições actuais da construção sob o ponto de vista técnico, construtivo, urbanístico e financeiro, bem como sob

o ponto de vista higiênico, económico e social e das alterações que seja necessário introduzir para se atingir o fim em vista, nos poderá levar a uma conclusão.

Todavia inclino-me para a construção de casas pelos particulares.

Julgo que a execução das construções económicas chamará a iniciativa privada desde que se lhe estabeleçam condições favoráveis e remuneração compensadora ao capital. Assim se obterá ocupação para todos os operários que actualmente se empregam na construção civil e que sejam dispensados à medida que fôr diminuindo a construção de casas de rendas altas.

Localização das casas económicas:

Devem construir-se as casas económicas em bairros especiais ou devem espalhar-se em pequenos núcleos pelos vários bairros da cidade?

Inclino-me francamente para a segunda solução por nela ver vantagens importantes sobre o ponto de vista de ordem social; mas a primeira solução tem grandes vantagens também, e tem sido a mais seguida por no geral ser a mais económica.

Também só um estudo pormenorizado poderá orientar-nos sobre o caminho a seguir por nos mostrar minuciosamente as vantagens e inconvenientes de qualquer dos sistemas.

Tipos de casas económicas:

Quais os tipos de casas que se devem preconizar e consentir? A casa isolada que possa tornar-se propriedade do inquilino ou o grande prédio com muitos andares e muitos inquilinos.

Inclino-me muito mais para a primeira solução, pois que na segunda, a que chamam casa-quartel, encontro grandes inconvenientes de ordem higiénica, moral e social.

Em compensação as habitações em grandes prédios tem vantagens de ordem económica, desde que não sejam *arranha-céus* onde por vezes os transportes de materiais em altura oneram muito a construção.

E porque não estudar a solução intermediária? Porque não hão-de as famílias pobres habitar casas de igual número de andares, das que são utilizadas pelas famílias remediadas?

Podem projectar-se prédios cujo aspecto exterior seja semelhante aos dos prédios das classes remediadas apenas com divisão interior adaptada a inquilinos de recursos modestos.

É indispensável estudar convenientemente este aspecto do problema para se verificar qual a solução realizável.

Crédito:

Que facilidades de crédito se podem e devem dar ao empreendimento da construção de casas económicas?

Que garantias se devem exigir? Os créditos a conceder poderão ser utilizados pelas Câmaras Municipais ou também pelos particulares? Devem as instituições de crédito particulares colaborar no empreendimento?

É também indispensável o estudo financeiro do problema em ligação com os outros aspectos para se poder preconizar uma orientação.

*
* * *

Das breves considerações enunciadas, conclui-se que o problema embora tenha sido várias vezes abordado, não se apresenta ainda com os elementos indispensáveis para se tomar uma decisão.

Deve encetar-se esse estudo e segui-lo com persistência e tenacidade, porque as soluções não-de variar em função dos vários elementos de que dependem. Defendo a constituição na Câmara Municipal de Lisboa de uma Repartição de Casas Económicas que trabalhe em íntima ligação com o Serviço da Planta da Cidade, Repartição de Casas Económicas do Estado e Instituto Nacional de Trabalho e Previdência. Essa Repartição poderia elaborar tipos de projectos e vendê-los a preços módicos e ainda promover a *standartização* de vários elementos das construções e encarregar-se-ia do útil mas delicado trabalho da melhoria de várias construções existentes, avaliando o pequeno aumento de renda que poderia ser permitido como compensação.

Pode-se todavia já afirmar que a Câmara Municipal não tem possibilidades de, por si só, resolver o problema. A sua função principal é urbanizar e orientar os particulares, mas necessita do auxílio do Estado.

Só o Estado poderia legislar no sentido de facilitar o despejo dos inquilinos que não pagam renda e que no caso de terem absoluta falta de recursos deverão recolher a um albergue.

Só o Estado em colaboração com a Câmara, póde determinar que não seja permitida a urbanização de qualquer zona, desde que não se reserve nela uma percentagem dos terrenos para construções económicas. Finalmente só o Estado poderá permitir o auxílio de instituições de beneficência, e Misericórdias, bem como exigir a comparticipação das direcções de Empresas e Fábricas.

Problema de humanidade e solidariedade social deve ser resolvido pela colaboração de todas as entidades interessadas, representantes duma sociedade civilizada que não deve permitir a degradação duma parte dos seus semelhantes.

ALVARO DA FONTOURA.

ENGENHEIRO.

L'ancien «Passeio Público»

ON peut dire que jusqu'en 1750 Lisbonne ne possédait pas de promenade publique.

Certes, elle avait le Rossio, qui était, vers le milieu du XVIII^e siècle, le lieu de rendez-vous de tous les élégants de la capitale. Mais cette place, encadrée de la sombre bâtisse de l'Inquisition, du vicil hôpital aux marches encombrées de mendiants, où pullulaient les gamins et une foule interlope, était indigne de gens entichés de l'élégance française.

C'est ce que comprit le marquis de Pombal lorsqu'il ordonna à l'architecte Reinaldo, après le tremblement de terre de 1755, d'établir un jardin dans les terrains vagues formant au nord du Rossio une petite plaine marécageuse, qui servait en quelque sorte de voirie. Ainsi surgit le «Passeio Público», entouré de hauts murs, à l'aspect conventuel, avec ses allées de buis, ses parterres à la Le Nôtre. Il vit les brillants officiers de Junot y traîner leur sabre, et entendit plus tard les soupirs des jeunes femmes qu'inspirait le romantisme naissant.

Mais ce jardin trop XVIII^e siècle ne convenait plus à la Lisbonne frondeuse et agitée des luttes constitutionnelles de la première moitié du siècle dernier. Ses murs furent jetés bas et remplacés par des grilles, le petit lac rococo comblé, de grands arbres rasés malgré les protestations indignées du grad écrivain Alexandre Herculano. Le vieux parc monacal prit un air de square anglais. C'est ce nouveau Passeio Público que connurent nos pères. C'est là qu'eurent lieu tant de fêtes et d'illuminations célèbres. Celle de 1851, dès le début de la transformation, comprenait, outre les longues rampes de gaz, un obélisque de feu au milieu de l'allée centrale formé par 7.300 becs.

Mais la municipalité ambitionnait mieux encore pour sa capitale. Le dernier quart du XIX^e siècle vit la démolition du vieux square et l'ouverture de la nouvelle et aristocratique Avenida da Liberdade.

C'est en un style élégant et attachant que M. Júlio Dantas nous a conté l'histoire du «Passeio Público».

Afonso de Albuquerque, premier Président de la Chambre Municipale de Lisbonne

LE très érudit M. António Baião nous rappelle qu'avant de partir pour les Indes en 1506, le grand Alphonse d'Albuquerque légittima un fils naturel, alors âgé de cinq ans, nommé Brás, qu'il confia aux soins d'une de ses soeurs.

A la mort du grand conquérant, le roi Emmanuel fit parfaire l'éducation de l'enfant au couvent de Saint-Éloi, puis, lorsque le jeune homme se maria il lui fit verser 180.000 cruzades d'arrérages dûs à son père et lui assigna une rente de 400.000 réales.

Héritier d'un grand nom et à la tête d'une grande fortune, le jeune Afonso de Albuquerque fut chargé de quelques missions importantes. C'est ainsi qu'il accompagna en qualité de commandant de l'un des vaisseaux, l'infante dona Béatrice dans son voyage en Savoie où elle devint, en 1521, la femme du duc Charles; qu'il fit partie de la suite de l'infante dona Isabelle, qui se rendait en Espagne, où à Séville, en 1526, elle se maria à Charles-Quint.

En 1528, Albuquerque fit l'acquisition au sud du Tage du riche domaine de Bacalhoa, qui existe encore aujourd'hui. En 1562, il prend part aux Cortès qui donnèrent la régence du royaume au cardinal dom Henri pendant la minorité du jeune roi Sébastien. En 1579, après les Cortès d'Almeirim, en qualité de procureur de la ville de Lisbonne il prête serment devant le nouveau roi dom Henri.

Conseiller du roi Jean III, de 1542 à 1577 il occupe à plusieurs reprises le haut poste de dirigeant suprême de l'Hôtel-Dieu de Lisbonne. Il fut, en 1572, sous dom Sébastien, le premier président de la Chambre Municipale nommé par édit royal; jusque là, en effet, les édiles présidaient à tour de rôle, par semaine. Il exerça cette charge pendant dix-huit mois. La ville lui doit quelques mesures importantes, telles que de nouvelles adductions d'eau et le pavage de quelques-unes des principales rues.

Albuquerque s'éteignit le 6 mai 1581, sans laisser de descendance. S'il ne mania point l'épée comme son père, conclut M. Baião, il se servit de la plume avec art et ses «Comentários do grande Afonso de Albuquerque» sont à la fois une glorification mesurée et juste des hauts faits du grand capitaine et un précieux monument de la langue portugaise.

Gil Vicente et Lisbonne

M. ALFREDO da Cunha, comme contribution au présent Bulletin et en même temps en hommage au grand poète comique portugais Gil Vicente, dont le centenaire se célèbre actuellement, se propose d'étudier les rapports de l'oeuvre du célèbre écrivain hispanique avec la ville de Lisbonne.

L'auteur commence par passer en revue toutes les productions de Gil Vicente et établit le lieu de leur première représentation, qui fut en général Lisbonne. Puis il recherche tous les noms des rues, places en autres désignations topographiques de notre ville dont il est parlé dans les farces. Il s'y prend avec méthode, cite avec à-propos d'intéressants passages qui nous remettent en mémoire quelques traits curieux ou amusants des comédies, entre autres de Maria Parda, ribaude à la soif inextinguible et dont la verve intarissable nous permet de connaître l'emplacement de la plupart des tavernes «où le bon vin se vend» du vieux Lisbonne.

Gil Vicente, qui semblait avoir une affection particulière pour notre capitale la personnifie souvent dans ses oeuvres et lui fait tenir des discours dont le sens est fort bien interprété par M. da Cunha. Et en plus d'une occasion le poète exalte cette «ville puissante et belle», particulièrement dans sa fameuse «Exhortation à la guerre» dont les termes sont tels que M. Alfredo da Cunha ne peut s'empêcher de les rapprocher des discours enflammés qui se prononcent aujourd'hui un peu partout dans la course aux armements. Et, pour rester dans le ton de l'actualité, l'auteur de l'article termine en exhortant à son tour Lisbonne à rester digne de ses traditions et à cultiver plus que jamais ses vertus.

Le Collège de Santo-Antão de Lisbonne

PAR des extraits d'un travail actuellement en préparation, M. Francisco Rodrigues nous permet de suivre les vicissitudes du célèbre collège de Santo-Antão de Lisbonne.

Fondé en 1553, on avait d'abord pensé le réserver aux fils des grands familles, mais les jésuites exigèrent qu'y fussent reçus tous les enfants sans distinction de catégorie social. Aussi ne tarda-t-on pas à être à l'étroit dans le vieux couvent situé sur le versant nord de la colline du château.

On se mit en quête d'un nouvel emplacement. Les pères, avec l'appui de la famille royale, jetèrent leur dévolu sur le sommet de la colline de Saint Roch, mais les frais d'acquisition des vastes terrains nécessaires s'avérèrent tellement élevés qu'il fallut y renoncer.

L'idée fut reprise en 1574, et le provincial de l'ordre arrêta son choix sur la pente du Campo de Santana. Une lettre royale du 29 octobre 1576, transcrite dans l'article, ordonnait à la Chambre Municipale de céder les emplacements nécessaires à l'édification du collège. Mais de nombreuses réclamations s'élevèrent, les habitants de l'endroit protestèrent contre l'éviction de certains droits acquis et provoquèrent même quelques émeutes. Certains trouvaient le projet trop grandiose, d'autres hors de saison, les édiles y faisaient une sourde opposition; jusqu'aux soeurs du couvent voisin de Santana qui se plaignaient qu'on allait leur enlever une partie de leurs commodités! Néanmoins, les pères tinrent bon, le roi réussit à apaiser les esprits et la première pierre fut posée le 11 mai 1579.

A la mort du roi et à l'avènement de Philippe II les plaintes montèrent de nouveau; mais le monarque espagnol sut éconduire les plaignants. Si bien que les fondations furent établies. Cependant, le plan tracé par le feu roi-cardinal lui-même de concert avec son architecte, trop imposant (le devis se montait à la somme énorme de 400.000 cruzades) et ne s'adaptant pas bien au local dut être modifié à plusieurs reprises, et, la pénurie d'argent aidant, l'édifice ne grandit que lentement.

En 1593, le tiers seulement de la construction était achevé; mais l'espace était suffisamment ample pour les besoins du moment et le transfert de l'ancien collège dans le nouveau se fit en grande pompe le 9 novembre. Plus de deux mille élèves couronnés de verdure et cierge en main, deux cents prêtres, les diacres, les pères, les religieux de la compagnie, le patriarche de Jérusalem, le nonce apostolique et une foule de gentilshommes composaient le brillant cortège.

Les difficultés financières continuèrent d'entraver les travaux, qui ne furent terminés qu'au XVIII^e siècle. Le collège peu de temps après fut fermé par le marquis de Pombal lors de l'expulsion des jésuites.

Le logement des classes ouvrières

M. ALVARO da Fontoura est depuis dix ans ingénieur de la Municipalité au département des constructions urbaines. Il est donc qualifié pour nous parler des maisons à bon marché à Lisbonne.

L'Auteur estime qu'il y a lieu tout d'abord de procéder à une enquête sur les conditions de logement des ouvriers et de leurs familles non seulement dans la zone extérieure de la ville, où des milliers de maisonnettes construites en planches, tôle ondulée, vieux bidons, etc., dites «barraques clandestines», représentent une valeur locative mensuelle d'environ 40\$00 l'une, — mais encore dans certaines quartiers, parfois centraux, où de nombreux êtres vivent en promiscuité pour rester près des lieux où ils travaillent ou pour profiter d'anciens loyers.

S'agit-il d'un problème municipal ou de l'Etat? se demande l'Auteur. Il examine les décrets publiés par l'Etat Nouveau sur la question en 1928 et 1933, mais constate que les 186 et 531 maisons dont ils ont provoqué la construction ont respectivement une valeur locative de 150\$00 et 85\$00 par mois. On en conclut que le but en vue n'a pas été atteint. M. da Fontoura recherche les causes de cet insuccès relatif et les trouve dans la cherté du terrain, le faible rapport du capital engagé, le concours insuffisant de la municipalité, le taux encore trop élevé des emprunts hypothécaires consentis par la Caisse générale de Dépôts.

Quelle orientation suivre? se demande encore M. da Fontoura. Faut-il stimuler les constructions par les particuliers? Les quartiers à bon marché doivent-ils être cons-

truits par la Municipalité et l'Etat? L'Auteur opte pour le premier cas et indique les conditions qui lui semblent nécessaires. 1.^o *Localisation*. Aux constructions en quartiers il préfère pour différentes causes, entre des raisons d'ordre social, la dispersion. — 2.^o *Type de maisons*. Il opine pour la maisonnette plutôt que pour le grand immeuble genre caserne, dont il reconnaît cependant certaines avantages. Un type intermédiaire pourrait d'ailleurs être étudié. — 3.^o *Crédit*. Il est indispensable que l'étude financière du problème soit faite en corrélation avec les autres aspects de la question.

La conclusion de M. Álvaro da Fontoura est qu'il faut créer à la Municipalité un département des maisons à bon marché pour la centralisation et l'étude de toutes les données du problème, mais que la Ville à seule ne peut en mener la solution à bien sans l'étroite collaboration de l'Etat.

The ancient «Passeio Público»

UNTIL 1750 Lisbon had no public gardens. The Rossio was the favourite resort of the smart set; but the old square enclosed between the dreary and glooming buildings of the Inquisition and the Hospital, with its front stairs always swarming with beggars, street boys and homeless castaways, was unbecoming to a society already polished through intercourse with France.

The Marquis of Pombal, after the Earthquake (1755) ordered the architect Reinaldo to draw up plans for a garden in a little field north of the Rossio. Thus appeared the *Passeio Público*, surrounded by high walls like a convent garden, with its alleys bordered with box, in the style of Le nôtre, where the brilliant generals of Junot trailed their swords, and where the young ladies effused their sighs at the dawning of romanticism.

But that typical XVIII century garden did not become the «frondeuse» Lisbon of the constitutional contests of the first half of last century. The high walls were replaced by a railing, the little rococo lake disappeared, and the tall trees were cut down, in spite of indignant protests by the great writer Alexander Herculano. The friarlike-garden assumed the aspect of an English square, where our fathers enjoyed so many public rejoicings.

Nevertheless the Municipality aimed at something better, and in the last quarter of the XIX century the old square was developed into the aristocratic *Avenida da Liberdade*.

This is, in a nutshell, the history of the *Passeio Público*, as told in his charming style by mr. Julio Dantas.

Alphonso de Albuquerque, the first President of the Lisbon Municipality

BEFORE sailing for India in 1506, the great Alphonso de Albuquerque legitimated his bastard son Brás, whom he left to the cares of one of his sisters.

After the great conqueror's death, King Manuel ordered the boy to be brought up at St. Eloy's convent, and when the youngman married he received 180.000 cruzados as arrears due to his father and a royal yearly allowance of 400.000 reals.

Wealthy, and bearer of a glorious name, young Alphonso was charged with some important missions. He accompanied the infanta Beatriz on her journey to Savoy in 1512, to marry the Duke Charles, and still later he was in the train of the infanta Isabel, when she went to Spain to marry Charles V.

He was a member of the Cortes that gave the regency of the kingdom to Cardinal Dom Henrique, to whom, afterwards, in 1579, he took the oath as Procurator of Lisbon.

As Consellor to king John III, from 1542 to 1577, he was several times the President of the Lisbon *Misericórdia*, and the mayor of Lisbon during eighteen months. To him the city owed many important improvements such as the new water-works and the pavement of the main streets.

His book *Comentarios do Grande Afonso de Albuquerque* is a justified glorification of his father's deeds and a precious monument of the Portuguese language — tells us mr. António Baião.

Gil Vicente and Lisbon

MR. ALFREDO da Cunha, as a contribution to this *Bulletin*, honours the great comic poet Gil Vicente, studying his relations with the city of Lisbon.

Mr. Cunha reviews all the productions of the poet, determining the place where they were first played, generally in Lisbon, and seeking all the place names therein quoted. In this he gives evidence of critical acumen. A great many passages are so reported, specially from the famous drunkard Maria Parda, whose unslacked thirst and boundless babbling acquainted us with almost all the taverns where good wine was to be found in old Lisbon.

Gil Vicente seems to have been particularly fond of Lisbon, which he often personifies in his plays, calling her a «powerful and beautiful city». This especially in the famous *Exhortação da Guerra*, which reminds us of the burning speeches of to-day's run for armaments.

The Santo Antão College of Lisbon

MR. FRANCISCO Rodrigues, in a work he is preparing, retraces the history of this famous College.

When founded in 1553 it was intended only for the children of the principal families, but the Jesuits required that all boys, without any distinction of social set, should be accepted; and so the ancient building became soon insufficient. A new place was sought and the Fathers, aided by the Royal Family, chose a site on the São Roque hill; but the buying of the necessary grounds was too expensive and the idea was set aside. It was resumed in 1574, when the Provincial chose a place on the slopes of Campo de Santana.

A royal letter (1576) ordered the Town Hall to supply the necessary grounds; but many protests arose from citizens threatened with the loss of long-enjoyed rights. The plans seemed too grand, the aldermen undermined the project, even the neighbouring nuns of Santana joined the chorus of complainers; but the Fathers went on, and the first stone of the foundations was laid in 1579. After the king's death, under Philip II, the complaints burst out again; but the Spanish monarch succeeded in settling the matter, and the foundations were laid. However the plans drawn up by the King Cardinal and his architect were really too imposing. The unfitness of the ground caused them to be altered several times. This and the shortage of funds made the work go on so slowly that in 1593 only a third part of the planned building was ready.

Anyhow, as the space already provided was deemed sufficient for the moment, the transfer of the College from the old premises to the new ones took place in November, with great pomp. More than 2000 students, crowned with green and bearing candles in their hands, 200 priests, deacons and brothers of the Society, the Patriarch of Jerusalem, the Nuncio, and numberless ranks of noblemen, formed the splendid pageant.

However, owing to monetary difficulties the work went on so slowly that it was not before the XVIII century that the building was finished, only a few years before the College was shut and the Fathers expelled by the Marquis of Pombal.

Dwellings for the labouring classes

MR. ALVARO de Fontoura has been for number of years engineer of the Urban Construction Department of the Municipality, and as such is, therefore, fully competent to express an opinion on this most important subject.

To begin with he considers it essential that a full and detailed enquiry be made of the conditions under which the poor and labouring classes now live, not only

outside the town area where thousands of ramshackle shanties made of boards, old galvanized sheets and even broken up tin cans, for which they are charged a monthly rental of 40 escudos, but also of the more central suburbs where numerous people live in the utmost discomfort in order that they be near enough to their places of work, or where they may still reap the advantage of cheaper rentals.

Is this to be considered a State or a Municipal problem? He examines carefully the various laws promulgated by the present Government in 1928-1933 and ascertains that the 186 and 531 houses which they were instrumental in building have a rental value of 150 and 85 escudos per month — concluding, therefore, that they have failed to attain their original object, namely cheap houses. In his endeavour to find the reasons of this failure, he attributes it to excessive cost of land, high interest in capital charged by the Caixa Geral de Depositos and insufficient interest and assistance on the part of the Municipal Authorities.

What is the solution, therefore, asks Mr. Fontoura? Are building operations by private capital to be encouraged? Should such construction be undertaken by the Municipality, the State or both? The author is of the opinion that private capital scheme is preferable, suggests the following conditions as necessary for its success: Firstly: *Situation*. Instead of a whole suburb devoted exclusively to workmen's dwellings, he suggests, on social grounds amongst other reasons that these be dispersed. 2nd: *Type of House*. He prefers the small semi-detached house in preference to the large barrack-like one, to which latter, however, he recognizes certain advantages. A happy medium could, however, be found between these two. 3rd: *Credit*. It is essential that the financial aspect of the case be studied in conjunction with the other problems connected with it.

All the foregoing considered, therefore, he concludes that it is essential that a special Department be created by the Municipality which should devote itself to the study of all problems connected with the housing of the labouring classes. The Municipality on its own and without collaboration from the State could not possibly tackle this problem successfully.

I

ESTATÍSTICA MUNICIPAL

Elaborada pelo Serviço de Estatística Municipal

Alvarás emitidos pela Secretaria da Câmara, no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Arrêtés établis par le Secrétariat de la Municipalité, au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 1

Meses Mois	Emissão de alvarás de: Arrêtés concernant:									
	Drogarias <i>Drogueries</i>	Talhos e salchicharias <i>Boucherics et charcuteries</i>	Fressureiros <i>Triperics</i>	Tabernas e outras casas de bebidas <i>Tavernes et autres débits de boisson</i>	Casas de pasto <i>Gatgoies</i>	Cafés e restaurantes <i>Cafés et restaurants</i>	Casas de hóspedes e pensões <i>Hôteliceries et pensions</i>	Depósitos de peixe <i>Dépôts de poisson</i>	Carvoarias e vinhos <i>Charbonniers et marchands de vin</i>	Totais gerais <i>Totaux généraux</i>
Janeiro <i>Janvier</i>	5	5	—	41	3	—	1	—	4	59
Fevereiro <i>Février</i>	3	1	—	19	2	—	1	—	4	30
Março <i>Mars</i>	1	9	2	29	2	1	9	1	6	60
<i>Soma</i>	9	15	2	89	7	1	11	1	14	149

Termos lavrados pela Secretaria da Câmara, no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Déclarations établies par le Secrétariat de la Municipalité, au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 2

Meses Mois	Lavramento de termos <i>Etablissements de déclarations</i>																	
	De fiança <i>De responsabilité</i>	De entrega de documentos <i>De remise de documents</i>	De registo de minas <i>D'enregistrement de mines</i>	De praça <i>D'enchères</i>			De opção de nacionalidade <i>D'option de nationalité</i>											
				Empreitada <i>Travaux à forfait</i>	Fornecimentos <i>Fournitures</i>	Alienações <i>Aliénations</i>	Portuguesa <i>Portugaise</i>		Inglesa <i>Anglaise</i>		Francesa <i>Française</i>		Brasileira <i>Brésilienne</i>		Belga <i>Belge</i>		Totais <i>Totaux</i>	
							Varões <i>Hommes</i>	Fêmeas <i>Femmes</i>	Varões <i>Hommes</i>	Fêmeas <i>Femmes</i>	Varões <i>Hommes</i>	Fêmeas <i>Femmes</i>	Varões <i>Hommes</i>	Fêmeas <i>Femmes</i>	Varões <i>Hommes</i>	Fêmeas <i>Femmes</i>	Varões <i>Hommes</i>	Fêmeas <i>Femmes</i>
Janeiro <i>Janvier</i>	1	8	—	1	—	5	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	2	—
Fevereiro <i>Février</i>	—	11	—	1	—	—	2	2	1	—	—	—	—	—	—	—	3	2
Março <i>Mars</i>	—	13	—	—	—	1	1	—	3	1	1	1	—	—	1	—	6	2
<i>Soma</i>	1	32	—	2	—	6	3	2	5	1	1	1	1	—	1	—	11	4

Sinopse dos incêndios e falsos alarmes ocorridos nos quatro bairros,
no 1.º trimestre de 1937, com designação da classificação de fogos

Tableau des incendies et fausses alarmes survenues dans les quatre arrondissements de Lisbonne
et hors de la ville, classés come feux, dans le 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 3

Meses Mois	Causas dos Incêndios Causes des incendies									Localização Localisation					Classificação Classement							
	Descuido ou causa normal Négligence ou cause normale	Explosão de matérias inflamáveis Explosion de matières inflammables	Explosão ocasionada p. a rotura em cano de gás Explosion provoquée par la rupture de tuyaux de gaz	Falta de limpeza e outras causas em chaminés Manque de nettoyage ou autres causes dans des cheminées	Fusão de fios condutores de electricidade Fusion de fils conducteurs de electricité	Causas ignoradas Causes ignorées	Outras causas Autres causes	Propositada para destruir palha, papel, lizo, etc. Intentionnés pour la destruction de paille, papiers, ordures, etc.	Total de fogos Total des incendies	Falsos alarmes Fausses alarmes	Total de fogos e falsos alarmes Total de incendies et des fausses alarmes	Bairros Arrondissements				Total de fogos e falsos alarmes Total de incendies et des fausses alarmes	De chaminé De cheminées	Ar livre Ar libre	Comço Commencement	Sem importância Sans importance	Pequenos Petits	Total de fogos Total de incendies
												Primeiro Premier	Segundo Deuxième	Tercero Troisième	Quarto Quatrième							
Janeiro..... Janvier.....	6	14	1	3	18	—	5	—	47	8	55	4	21	17	13	55	3	5	35	5	1	47
Fevereiro..... Février.....	8	4	—	2	14	1	4	—	33	7	40	9	17	10	4	40	2	5	21	5	—	33
Março..... Mars.....	11	13	—	4	21	1	3	1	54	7	61	9	15	21	16	61	4	12	33	5	—	54
<i>Total...</i>	25	41	1	9	53	2	12	1	134	22	156	22	53	48	35	156	9	22	87	15	1	134

Sinopse dos accidentes diversos e de serviços a particulares nos quatro bairros
no 1.º trimestre de 1937,

para os quais se reclamaram socorros do Batalhão de Sapadores Bombeiros

*Tableau des accidents divers et des services fournis aux particuliers dans les les quatre arrondissements de Lisbonne
et hors de la ville dans le 1^{er} trimestre 1937,
pour lesquels les secours du Bataillon de Sapeurs-Pompiers ont été demandés*

Mapa n.º 4

Meses Mois	Diversos accidentes e sua localização <i>Accidents divers et leur localisation</i>											Serviços a particulares e sua localização <i>Services à particuliers et leur localisation</i>													
	Agressões <i>Agresions</i>	Animais em perigo <i>Animaux en danger</i>	Atropelamentos ou choque de viaturas <i>Renversments de personnes et chocs de véhicules</i>	Desabamentos ou prédios em ruínas <i>Ecrroulement d'immeubles en ruines</i>	Desastres diversos no trabalho de via pública <i>Accidents divers dans les travaux de voirie</i>	Explosão de bombas de dinamite <i>Explosion de bombes de dynamite</i>	Extrusão de gás de iluminação <i>Fuites de gaz d'éclairage</i>	Inundações <i>Inondations</i>	Obstrução de via pública <i>Obstructions de la voie publique</i>	Perigo para transeuntes ou locais <i>Danger pour passants ou locaux</i>	Cadáveres retirados de poços, rios, lagos, etc. <i>Cadavres retirés de puits, rivières, lacs, etc.</i>	Total de accidentes <i>Total des accidents</i>	Bairros <i>Arrondissements</i>				Total de accidentes <i>Total des accidents</i>	Abertura de portas (descrito de locais) <i>Ouverture de portes (du fait des locaux)</i>	Fechar águas (evitando inundações) <i>Fermeture de l'eau (pour éviter les inondations)</i>	Total de serviços particulares <i>Total des services particuliers</i>	Bairros <i>Arrondissements</i>				Total de serviços a particulares <i>Total des services à particuliers</i>
													Primeiro <i>Premier</i>	Segundo <i>Deuxième</i>	Terceiro <i>Troisième</i>	Quarto <i>Quatrième</i>					Primeiro <i>Premier</i>	Segundo <i>Deuxième</i>	Terceiro <i>Troisième</i>	Quarto <i>Quatrième</i>	
Janeiro <i>Janvier</i>	—	8	2	48	1	1	4	19	5	43	—	131	23	24	42	42	131	12	151	163	40	59	29	35	163
Fevereiro <i>Février</i>	1	5	2	2	1	—	—	—	9	1	—	21	5	1	7	8	21	4	118	122	31	48	18	25	122
Março <i>Mars</i>	—	3	1	4	—	—	—	12	—	5	1	26	6	3	7	10	26	9	146	155	29	46	29	51	155
<i>Total..</i>	1	16	5	54	2	1	4	31	14	49	1	178	34	28	56	60	178	25	415	440	100	153	76	111	440

Actuação da Polícia Municipal no decorrer do 1.º trimestre de 1937 quanto a serviço de posturas, transgressões, etc.

Action de la Police Municipale au cours du 1^{er} trimestre 1937 en ce qui concerne le service des arrêtés, transgressions, etc.

Mapa n.º 5

Designação dos serviços <i>Désignation des services</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Total <i>Total</i>
Número e importância de multas aplicadas por infracção de posturas <i>Nombre et montant des amendes appliquées par infraction d'arrêtés</i>				
Falta de licença de obras — <i>Manque de licence de travaux</i>	14	65	8	87
Falta de licença de estabelecimentos — <i>Manque de licence d'établissements</i>	54	22	37	113
Falta de cumprimento de intimação — <i>Manque de licence d'exécution d'intimation</i>	—	—	11	11
Falta de baixa de licenças — <i>Manque d'expiration de licences</i>	—	—	2	2
Falta de aferições — <i>Manque de poinçonnement</i>	78	52	27	157
Falta de pesos e medidas em estabelecimentos — <i>Manque de poids et mesures dans les établissements</i>	—	5	7	12
Falta de açamo em cães — <i>Manque de muselières de chiens</i>	11	10	16	37
Falta de licenças diversas — <i>Manque de licences diverses</i>	16	81	58	155
Falta de licenças de engraxadores — <i>Manque de licences de ciréurs</i>	—	—	3	3
Diversas transgressões nos mercados — <i>Transgressions diverses dans les marchés</i>	—	4	29	33
Fanis em mau estado — <i>Entonnoirs en mauvais état</i>	—	—	5	5
Medidas com defeito — <i>Mesures présentant des défauts</i>	—	—	9	9
Medidas de leite em mau estado de asseio — <i>Mesures de lait en mauvais état de propreté</i>	—	4	7	11
Ambulantes fóra do local destinado — <i>Ambulants hors du local qui leur est designé</i>	—	—	124	124
Sacudir tapetes para a via pública — <i>Secouer des tapis sur la voie publique</i>	—	—	1	1
Saguões em mau estado de asseio — <i>Cours intérieures en mauvais état de propreté</i>	—	—	6	6
Venda de peixe dentro da área de mercados — <i>Vente de poisson dans la zone des marchés</i>	—	70	—	70
Falta de licença de cães — <i>Defaut de licence de chiens</i>	—	2	13	15
Posturas não especificadas — <i>Arrêtés non spécifiés</i> ..	73	174	133	380
Número de multas aplicado — <i>Nombre des amendes infligées</i>	246	489	496	1.231
Importância das multas aplicadas — <i>Montant des amendes infligées</i>	41.756\$22	48.442\$91	35.380\$16,5	125.579\$29,5

Designação dos serviços <i>Désignation des services</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Total <i>Total</i>
--	---------------------------	-----------------------------	----------------------	-----------------------

Cobrança de licenças a vendedores ambulantes
Recouvrement de licences des vendeurs ambulants

Importâncias cobradas — <i>Sommes recouvrées</i> . . .	95.000\$00	100.000\$00	100.000\$00	295.000\$00
Importâncias entregues na Tesouraria — <i>Sommes versées à la Trésorerie</i>	95.000\$00	100.000\$00	100.000\$00	295.000\$00

Auxílio no serviço de apanha de animais
Aide au service de la fourrière

Caninos — <i>Chiens</i>	113	117	136	366
Felinos — <i>Chats</i>	246	247	228	721

Intimações e fiscalização
Intimations et contrôle

Intimações a proprietários de prédios para obras e reparações — <i>Intimations aux propriétaires d'immeubles pour travaux et réparations</i>	381	396	865	1.642
Fiscalização de construções clandestinas — <i>Contrôle de constructions clandestines</i>	24	36	31	91

Repressão a candongueiros
Répression des fraudeurs

Recebido do Concelho de Loures — <i>Reçu de l'arrondissement de Loures</i>	150\$00	150\$00	150\$00	450\$00
Recebido do Concelho de Sintra — <i>Reçu de l'arrondissement de Sintra</i>	150\$00	150\$00	150\$00	450\$00
Total recebido — Total reçu	300\$00	300\$00	300\$00	900\$00

Repressão pela Polícia Municipal de comércio ilícito de carnes e produtos animais no 1.º trimestre de 1937

Répression du commerce illicite de viande, poisson et produits animaux exercée par la Police Municipale au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 6

Meses Mois	Carnes verdes <i>Viande fraîche</i>			Carnes fumadas <i>Viande fumée</i>			Ovos <i>Oeufs</i>			Queijo <i>Fromage</i>			Total <i>Total</i>		
	Quilos Kilos	Número de multas aplicadas <i>Nombre d'amendes appliquées</i>	Importância das multas aplicadas <i>Montant des amendes appliquées</i>	Quilos Kilos	Número de multas aplicadas <i>Nombre d'amendes appliquées</i>	Importância das multas aplicadas <i>Montant des amendes appliquées</i>	Quilos Kilos	Número de multas aplicadas <i>Nombre d'amendes appliquées</i>	Importância das multas aplicadas <i>Montant des amendes appliquées</i>	Quilos Kilos	Número de multas aplicadas <i>Nombre d'amendes appliquées</i>	Importância das multas aplicadas <i>Montant des amendes appliquées</i>	Quilos Kilos	Número de multas aplicadas <i>Nombre d'amendes appliquées</i>	Importância das multas aplicadas <i>Montant des amendes appliquées</i>
Janeiro	52,5	2	670\$00	—	—	—	32	1	230\$00	62	1	207\$50	146,5	4	1.107\$50
Janvier															
Fevereiro	52	2	460\$00	231	3	645\$00	179	6	1.357\$50	55	2	460\$00	517	13	2.922\$50
Février															
Março	80	1	395\$00	139	2	415\$00	—	—	—	15	1	207\$50	234	4	1.017\$50
Mars															
Total ..	184,5	5	1.525\$00	370	5	1.060\$00	211	7	1.587\$50	132	4	875\$00	897,5	21	5.047\$50

Licenças emitidas e inscrições efectuadas na Secção de Licenças e Impostos no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Licences émises et inscriptions effectuées à la Section de Licences et Impôts au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 7

Licenças e inscrições	Janeiro Janvier	Fevereiro Février	Março Mars	Total Total	Licences et inscriptions
Licenças para :					Licences pour :
Estabelecimentos	3.534	5.866	5.630	15.080	Établissements.
Casas de espectáculos	102	122	103	327	Salles de spectacle.
Clubs de recreio	70	61	52	183	Sociétés récréatives.
Ocupação de via pública	1.083	1.944	706	3.733	Occupation de la voie publique.
Tributo para serviço de higiene	12	6	11	29	Tribut pour le service d'hygiène.
Placas proibindo afixação de anúncios	163	588	28	779	Plaques défendant d'apposer des affiches.
Registo de cartazes	5	9	10	24	Enregistrement d'affiches.
Vendas ambulantes	1.315	454	73	1.842	Ventes ambulantes.
Diversas indústrias	663	372	348	1.383	Industries diverses.
Veículos de carga	1.016	780	113	1.909	Véhicules de charge.
Carros de mão	54	466	35	555	Charrettes à bras.
Veículos de condução de pessoas ..	2	50	2	54	Véhicules pour transport de personnes.
Velocípedes	13	302	91	406	Vélocipèdes.
Cavalos e éguas de sela e de tração	16	44	1	61	Chevaux et juments de selle et de trait.
Ascensores	1	—	—	1	Ascenseurs.
Ensino e exercício de velocipédia ..	—	14	3	17	Enseignement et exercice de la vélocipédie.
Construção	34	38	33	105	Construction.
Reparações	1.587	1.827	1.890	5.304	Réparations.
Habitações	39	52	47	138	Habitations.
Cabras	31	10	2	43	Chèvres.
Caça	2.019	375	172	2.566	Gibier.
Farões	6	2	—	8	Farets.
Cães de guarda	190	335	319	844	Chiens de garde.
Cães de laxo	800	942	608	2.350	Chiens de laxe.
Cães de caça	534	1.157	815	2.506	Chiens de chasse.
Tratores e máquinas agrícolas	2	1	7	10	Tracteurs et machines agricoles.
Contratadores	39	37	13	89	Revendeurs.
Via pública e obras	86	101	110	297	Voie publique et travaux.
Automóveis de instrução	4	4	2	10	Automobiles d'instruction.
Aprendizagem de <i>chauffeurs</i>	2	7	5	14	Apprentissage de chauffeurs.
Vistorias a casas para alugar	122	126	173	421	Visite de maisons à louer.
Termos de responsabilidade	30	19	20	69	Engagements de responsabilité.
Vistorias de carroças	1.555	276	77	1.908	Visite de charrettes.
Diversas	43	33	49	125	Divers.
Inscrições para :					Inscriptions pour :
Guarda-freios	31	31	47	109	Wattmen.
Construtores civis	1	3	3	7	Constructeurs civils.
Ciclistas	19	27	24	70	Cyclistes.
<i>Chauffeurs</i>	3	3	7	13	Chauffeurs.
Cocheiros	1	5	5	11	Cochers.
Diversos	12	18	29	59	Divers.
Somas	15.239	16.507	11.713	43.459	

Actuação dos Serviços de Aferições no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Action des Services de Vérification au cours
du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 8

Designação dos Serviços <i>Désignation des Services</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Total <i>Total</i>
Aferições de utensílios de pesar e medir — <i>Poinçonnage des ustensiles pour peser et mesurer</i>	1.034	995	847	2.876
Conferições de utensílios de pesar e medir — <i>Vérifications des ustensiles pour peser et mesurer</i>	313	153	84	550
Aferições de taxis — <i>Poinçonnage de taximètres</i>	142	246	110	498
Aferições de contadores de gás — <i>Poinçonnage de compteurs à gaz</i>	1.041	895	639	2.575
Aferições de contadores de água — <i>Poinçonnage de compteurs d'eau</i>	327	157	301	785

Actuação do Serviço de Pavimentação no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Action du service de pavage au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 9

Pavimentação (metros quadrados) <i>Paviments (mètres carrés)</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Total — M. q. <i>Total</i> — M.²
Faixas de rodagem — <i>Bande de roulage</i>				
Pavimentos de basalto — <i>Pavés de basalte</i>	60,50	193,60	235,74	489,84
Pavimentos betuminosos — <i>Pavés bitumineux</i>	—	—	—	—
Pavimentos de granito — <i>Pavés de granit</i>	3.076,99	16.594,26	3.382,11	23.053,36
Total — <i>Total</i>	3.137,49	16.787,86	3.617,85	23.543,21
Passeios — <i>Trottoirs</i>				
De calcáreo — <i>De calcaire</i>	158,65	227,60	491,60	877,85
De mosaico — <i>De mosaïque</i>	—	23,74	114,65	138,39
Total — <i>Total</i>	158,65	251,34	606,25	1.016,24
Total geral — <i>Total général</i>	3.296,14	17.039,20	4.224,10	24.559,45

Actuação do Serviço de Esgôtos e Canalizações no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Action du service des égouts et canalisations, au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 10

Colectores	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Total <i>Total</i>	<i>Collecteurs</i>
Colectores de manilhas de grés <i>(Tipo circular)</i>					Touyaux collecteurs en grés <i>(Type circulaire)</i>
Em substituição					En remplacement
Secções { 0,30	206 ^m ,40	108 ^m ,00	301 ^m ,45	615 ^m ,85	Secções { 0,30. { 0,25.
{ 0,25	—	—	28 ^m ,55	28 ^m ,55	
Novos troços					Nouveaux tronçons
Secções { 0,40	74 ^m ,00	—	—	74 ^m ,00	Secções { 0,40. { 0,30.
{ 0,30	49 ^m ,85	54 ^m ,00	91 ^m ,00	194 ^m ,85	
Em novos arruamentos					Dans les nouvelles rues
Secção - 0,40	—	—	36 ^m ,00	36 ^m ,00	Section - 0,40.
Total	330^m,25	162^m,00	457^m,00	949^m,25	Total.
Colectores de alvenaria <i>(Tipo oval)</i>					Collecteurs en pierre <i>(Type oval)</i>
Em substituição					En remplacement
Secções {	23 ^m ,50	8 ^m ,00	26 ^m ,00	57 ^m ,50	Secções { 1,50 × 1,00. { 1,30 × 0,80. { 1,20 × 0,80.
	3 ^m ,00	—	—	3 ^m ,00	
	95 ^m ,40	12 ^m ,00	—	107 ^m ,40	
Novos troços					Nouveaux tronçons
Secções {	17 ^m ,00	—	—	17 ^m ,00	Secções { 1,50 × 1,00. { 1,20 × 0,80. { 1,00 × 0,65.
	21 ^m ,80	—	20 ^m ,00	41 ^m ,80	
	—	—	5 ^m ,00	5 ^m ,00	
Total	160^m,70	20^m,00	51^m,00	231^m,70	Total.
Total geral . . .	490^m,95	182^m,00	508^m,00	1.180^m,95	Total général.

O mapa n.º 11, referente ao Serviço de Iluminação e Sinalização, não se publica neste número do *Boletim Cultural e Estatístico* por não ter havido movimento algum de carácter estatístico no decorrer do 1.º trimestre de 1937.

Actuação da Secção de Projectos e Licenças
de construções para habitação e ocupação,
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Action de la Section de Projets et Licences
de construction pour habitation et occupation
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 12

Meses Mois	Prédios Immeubles				Superfície (m ²) Superficie (m ²)		Licenças para reparações e limpeza <i>Licences pour réparation et nettoyage</i>
	Quantidade Quantité	Pisos Etages	Fógos Foyers	Comparti- mentos Pièces	Coberta Couverte	Ocupada Occupée	
Janeiro Janvier	26	83	128	889	17.370,00	5.239,15	1.570
Fevereiro Février							
Março Mars	27	97	162	1.035	18.923,00	5.029,60	1.987
<i>Somas</i>							
	81	280	469	2.987	53.343,00	14.745,75	5.466

Actuação da Secção de Fiscalização
de obras particulares e ocupação da via pública,
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Action de la Section de Contrôle
de travaux particuliers et occupation de la voie publique,
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 13

Meses Mois	Fiscalizações de : Contrôle de :			Vistorias sanitárias Visites sanitaires	Total de serviços de fiscalização <i>Total de services de contrôle</i>
	Obras novas Nouveaux travaux	Pequenas reparações e limpeza de prédios <i>Petites réparations et ravale- ment d'immeubles</i>	Ocupação da via pública <i>Occupation de la voie publique</i>		
Janeiro Janvier	36	1.570	1.421	121	3.148
Fevereiro Février					
Março Mars	26	1.987	1.636	172	3.821
<i>Somas</i>					
	97	5.466	4.488	424	10.475

Estudos e projectos effectuados pelo Serviço
da «Planta da Cidade e Expropriações» no decorrer
do 1.º trimestre de 1937

*Etudes et projets établis par le Service
du Plan de la Ville et des Expropriations au cours
du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 14

Meses Mois	De iniciativa da Câmara <i>Sur l'initiative de la Chambre Municipale</i>					Conforme pedido dos munícipes <i>Sur la demande des munícipes</i>				
	Esboços da urbanização <i>Projets d'urbanisme</i>	Projectos de arruamentos <i>Projets d'établissements de rues</i>	Expropriações <i>Expropriations</i>	Levantamentos topográficos <i>Relèvements topographiques</i>	Plantas <i>Plans</i>	Rectificação de alinhamentos <i>Rectification d'alignements</i>	Venda de terrenos <i>Vente de terrains</i>	Permuta de terrenos <i>Echange de terrains</i>	Cedência de terrenos <i>Cession de terrains</i>	Marcação de alinhamentos <i>Pose d'alignements</i>
Janeiro..... <i>Janvier.....</i>	3	2	1	3	18	3	4	1	4	20
Fevereiro..... <i>Février.....</i>	3	—	1	2	8	1	1	1	3	22
Março..... <i>Mars.....</i>	4	2	2	3	15	3	2	1	2	33
Total....	10	4	4	8	41	7	7	3	9	75

Apreciação de projectos e pareceres elaborados pelo Serviço de Arquitectura no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Examen de projets et avis donnés par le Service d'Architecture
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 15

Meses <i>Mois</i>	Entrados <i>Reçus</i>									Projectos que obtiveram parecer favorável <i>Projets ayant obtenu avis favorable</i>										
	Processos de: <i>Dossiers de:</i>						Petições de: <i>Pétitions de:</i>			Diversos <i>Divers</i>										
	Construções <i>Constructions</i>	Alterações <i>Modifications</i>	Jazigos <i>Caveaux</i>	Ossários <i>Ossuaires</i>	Altura de prédios <i>Hauteur d'immeubles</i>	Não especificadas <i>Non spécifiés</i>	Total <i>Total</i>	Alterações <i>Modifications</i>	Não especificadas <i>Non spécifiés</i>	Total <i>Total</i>	Construção de prédios <i>Construction d'immeubles</i>	Alterações <i>Modifications</i>	Ampliações <i>Agrandissements</i>	Cabines <i>Cabines</i>	Vedações <i>Clôtures</i>	Barracões <i>Hangars</i>	Não especificada <i>Non spécifiés</i>	Geral <i>Général</i>	Jazigos <i>Caveaux</i>	Ossários <i>Ossuaires</i>
Janeiro	57	6	12	5	7	5	72	50	9	59	12	52	3	1	3	1	5	77	10	4
<i>Janvier</i>																				
Fevereiro	25	3	5	1	11	7	52	77	14	91	17	45	3	—	1	—	4	70	5	—
<i>Février</i>																				
Março	34	39	11	3	7	10	104	42	36	78	40	62	8	—	5	—	47	162	9	4
<i>Mars</i>																				
<i>Total</i>	96	48	28	9	25	22	228	169	59	228	69	159	14	1	9	1	56	309	24	8

Movimento das Bibliotecas e Museus Municipais de Lisboa no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Mouvement des Bibliothèques et Musées Municipaux de Lisbonne
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 16

Meses Mois	Bibliotecas Bibliothèques												Total mensal Total du mois	Museus — — Musées — — Musées — — Visitants — — Visiteurs
	Central Palácio Galveias Leitura Centrale Palais de Galveias Lecture			2.º Bairro Largo da Escola Municipal Leitura 2ème Arrondissement Place d'École Municipal Lecture			Alcântara Avenida 24 de Julho Leitura Avenue 24 de Julho Lecture			Poço do Bispo Palácio da Mitra Leitura Palais da Mitra Lecture				
	Diurna Diurne	Nocturna Nocturne	Total do mês Total du mois	Diurna Diurne	Nocturna Nocturne	Total do mês Total du mois	Diurna Diurne	Nocturna Nocturne	Total do mês Total du mois	Diurna Diurne	Nocturna Nocturne	Total do mês Total du mois		
Janeiro	1.822	865	2.687	1.602	443	2.045	1.576	671	2.247	682	252	934	7.913	293
Janier	1.787	717	2.504	1.579	375	1.954	1.313	658	1.971	789	336	1.125	7.554	360
Março	2.596	655	3.251	1.777	480	2.257	1.603	698	2.301	872	262	1.134	8.943	382
Mars	2.596	655	3.251	1.777	480	2.257	1.603	698	2.301	872	262	1.134	8.943	382
Totais por leitores ... Total par lecteurs ...	6.205	2.237		4.958	1.298		4.492	2.027		2.343	850			1.065
Totais por bibliotecas Total par bibliothèques	8.442			6.256			6.519			3.193				
Total geral													24.410	
Total général													24.410	

Inumações nos Cemitérios de Lisboa, no decorrer do 1.º

Inhumations faites dans les Cimetières Municipaux de Lisbonne

Idades Âges	Janeiro Janvier							
	Varões Sexe masculin				Fêmeas Sexe féminin			
	S	C	V	D	S	C	V	D
Nado-mortos — <i>Mort-nés</i>	25	—	—	—	31	—	—	—
Até 5 anos — <i>0 à 5 ans</i>	135	—	—	—	120	—	—	—
» 6 a 9 anos — <i>6 à 9 ans</i>	13	—	—	—	6	—	—	—
» 10 a 14 » — <i>10 à 14 »</i>	11	—	—	—	5	—	—	—
» 15 a 19 » — <i>15 à 19 »</i>	18	—	—	—	11	—	—	—
» 20 a 24 » — <i>20 à 24 »</i>	24	1	—	—	15	3	—	—
» 25 a 29 » — <i>25 à 29 »</i>	18	8	—	—	11	15	—	—
» 30 a 34 » — <i>30 à 34 »</i>	12	13	—	—	7	8	—	—
» 35 a 39 » — <i>35 à 39 »</i>	13	17	3	—	7	12	—	—
» 40 a 43 » — <i>40 à 44 »</i>	18	19	1	—	5	3	5	—
» 45 a 49 » — <i>45 à 49 »</i>	10	17	1	—	3	8	7	—
» 50 a 54 » — <i>50 à 54 »</i>	18	15	5	—	1	5	7	1
» 55 a 59 » — <i>55 à 59 »</i>	11	24	2	—	10	12	6	—
» 60 a 64 » — <i>60 à 64 »</i>	5	14	5	—	11	6	6	—
» 65 a 69 » — <i>65 à 69 »</i>	4	25	4	—	10	10	14	—
» 70 a 74 » — <i>70 à 74 »</i>	5	18	8	—	14	9	24	—
» 75 a 79 » — <i>75 à 79 »</i>	9	15	10	—	12	2	30	—
» 80 a 84 » — <i>80 à 84 »</i>	—	4	8	—	10	5	28	—
» 85 a 89 » — <i>85 à 89 »</i>	2	4	12	—	8	—	19	—
» 90 e mais anos — <i>90 et âge supérieur</i>	2	—	—	—	6	—	10	—
Idades ignoradas — <i>Âges inconnu</i>	22	—	—	—	24	—	2	—
Total.....	375	194	59	—	328	98	158	1

trimestre de 1937, segundo idades, sexos e estado civil dos inumados

au cours du 1^{er} trimestre de 1937, suivant les âges, sexes et état civil

Mapa n.º 17

	Fevereiro Février								Março Mars								Total do trimestre Total du trimestre							
	Varões Sexe masculin				Fêmeas Sexe féminin				Varões Sexe masculin				Fêmeas Sexe féminin				Varões Sexe masculin				Fêmeas Sexe féminin			
	S	C	V	D	S	C	V	D	S	C	V	D	S	C	V	D	Solteiros Célibataires	Casados Mariés	Viuvs Veufs	Divorciados Divorcés	Solteiros Célibataires	Casados Mariés	Viuvs Veufs	Divorciados Divorcés
37	—	—	—	19	—	—	—	23	—	—	—	16	—	—	—	85	—	—	—	66	—	—	—	
150	—	—	—	107	—	—	—	110	—	—	—	107	—	—	—	395	—	—	—	334	—	—	—	
10	—	—	—	12	—	—	—	8	—	—	—	6	—	—	—	31	—	—	—	24	—	—	—	
10	—	—	—	7	—	—	—	9	—	—	—	14	—	—	—	30	—	—	—	26	—	—	—	
17	—	—	—	11	1	—	—	16	—	—	—	17	—	—	—	51	—	—	—	39	1	—	—	
20	—	—	—	13	4	—	—	12	1	—	—	9	5	—	—	56	2	—	—	37	12	—	—	
20	9	1	2	8	7	—	1	15	6	—	—	10	10	—	—	53	23	1	2	29	32	—	1	
9	11	—	—	12	11	—	—	15	11	—	—	7	10	1	—	36	35	—	—	26	29	1	—	
15	10	1	—	6	12	2	—	12	8	1	—	7	7	4	—	40	35	5	—	20	31	6	—	
13	23	1	—	1	6	3	—	12	10	4	1	6	6	2	1	43	52	6	1	12	15	10	1	
13	11	4	—	4	11	4	—	12	15	1	—	4	2	9	—	35	43	6	—	11	21	20	—	
7	17	2	—	5	10	6	—	10	14	2	—	1	10	3	—	35	46	9	—	8	25	16	1	
3	24	3	—	5	10	5	—	7	14	1	1	7	6	7	—	21	62	6	1	22	28	18	—	
8	20	8	1	3	11	13	1	12	22	3	1	11	9	9	—	25	56	16	2	25	26	28	1	
4	21	3	1	9	5	22	1	7	21	9	1	6	5	9	1	15	67	16	2	25	20	45	2	
5	11	5	—	8	6	24	—	11	10	9	—	9	6	18	1	21	39	22	—	31	21	66	1	
5	8	8	—	8	2	28	—	7	8	4	—	10	9	19	—	21	31	22	—	30	13	77	—	
6	6	12	—	9	3	27	—	—	9	3	—	5	—	12	—	6	19	23	—	24	8	67	—	
—	2	10	—	6	2	9	—	—	2	5	—	4	—	17	—	2	8	27	—	18	2	45	—	
—	2	1	—	4	—	9	1	1	1	2	—	4	—	5	—	3	3	3	—	14	—	24	1	
32	1	—	—	32	1	—	—	15	—	—	—	35	2	1	—	69	1	—	—	91	3	3	—	
384	176	59	4	289	102	152	4	314	152	44	4	295	87	116	3	1,073	522	162	8	912	287	426	8	

Inumações efectuadas nos Cemitérios Municipais de Lisboa
no decorrer do 1.º trimestre de 1937, segundo causas de morte e sexos

*Inhumations faites dans les cimetières municipaux de Lisbonne, pendant le 1^{er} trimestre 1937
suivant causes de décès et sexes*

Mapa n.º 18

Número de rubrica Número de rubrique	Causas de morte Causes de décès Nomenclatura internacional Nomenclature internationale	Janeiro Janvier		Fevereiro Février		Março Mars		Total Total	
		Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes
		1	Febres tifoides e paratífoides	4	2	2	1	1	—
2	Tifo exantemático	—	—	—	1	—	—	—	1
3	Variola	—	—	—	—	—	—	—	—
4	Sarampo	—	—	—	2	1	—	1	2
5	Escarlatina	—	—	—	—	—	—	—	—
6	Tosse convulsa ou coqueluche	2	1	1	2	1	2	4	5
7	Diftéria	3	—	3	2	2	1	8	5
8	Gripe ou influenza	12	8	9	13	3	6	24	27
9	Peste	—	—	—	—	—	—	—	—
10	Taberculose do aparelho respiratório	125	64	94	76	101	77	320	217
11	Todas as outras taberculoses	9	12	23	13	26	24	58	49
12	Sífilis	8	8	10	7	9	7	27	22
13	Paludismo (malaria ou sezonismo)	2	—	2	—	—	—	4	—
14	Outras doenças infecciosas ou parasitárias	—	—	3	2	—	—	5	2
15	Cancro e outros tumores malignos	32	31	24	23	15	22	71	76
16	Tumores não malignos ou cujo carácter maligno não foi especificado	5	8	21	10	9	14	55	52
17	Reumatismo crónico e gôta	2	2	2	2	—	—	4	4
18	Diabetes	4	3	4	6	3	3	11	12
19	Alcoolismo crónico ou agudo	—	—	2	1	—	—	2	1
20	Outras doenças gerais e envenenamentos crónicos	1	—	2	2	—	—	3	2
21	Ataxia locomotriz progressiva (tabes dorsal) e paralisia geral	9	8	5	3	10	5	24	16
22	Hemorragia cerebral embolia ou trombose cerebral	31	43	31	40	18	39	80	124
23	Outras doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos (até 5 anos)	10	9	6	6	10	5	26	20
	<i>A transportar</i>	259	201	244	212	209	203	712	618

Número de rubrica Numero de rubrique	Causas de morte Causes de décès Nomenclatura internacional Nomenclature internationale	Janeiro Janvier		Fevereiro Février		Março Mars		Total Total	
		Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes
	<i>Transporte</i>	259	201	244	212	209	205	712	618
25-b	Outras doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos (mais de 5 anos).....	10	5	6	14	5	8	21	27
24	Doenças do coração.....	66	88	67	74	75	74	208	256
23	Outras doenças do aparelho circulatório.....	11	9	4	4	—	—	15	13
26	Bronquite.....	17	23	34	13	10	9	61	45
27	Pneumonias.....	85	63	77	74	54	63	216	200
28	Outras doenças do aparelho respiratório, excepto tuberculose.....	2	1	1	—	16	8	19	9
29	Diarreia e enterite (menos de 2 anos).....	8	12	10	9	7	8	25	29
29-b	Diarreia e enterite (2 e mais anos).....	2	2	3	—	—	2	5	4
30	Apendicite.....	1	—	1	1	1	1	5	2
31	Doenças do fígado e das vias biliares.....	5	4	10	7	13	6	28	17
32	Outras doenças do aparelho digestivo.....	10	13	11	8	15	10	36	31
33	Nefrites (até 10 anos).....	2	—	4	—	—	1	6	1
33-b	Nefrites (mais de 10 anos).....	6	4	6	4	3	3	15	11
34	Outras doenças dos aparelhos urinário e genital.....	12	13	12	12	8	13	32	38
35	Septicémia e infecções puerperais.....	8	11	7	4	8	6	23	21
36	Outras doenças da gravidez, do parto e do estado puerperal.....	—	—	—	4	—	4	—	8
37	Doenças da pele, do tecido celular, dos ossos e dos órgãos da locomoção.....	8	11	2	2	6	5	16	18
38	Debilidade congénita, vícios de conformação congénitos, nascimento prematuro, etc.....	41	52	49	33	35	25	125	110
39	Senilidade.....	19	40	23	35	13	24	55	99
40	Suicídio.....	—	—	4	1	8	5	12	6
41	Homicídio.....	—	—	—	—	—	—	—	—
42	Morte violenta ou acidental (excepto suicídio e homicídio).....	18	5	17	6	14	9	49	20
43	Causas não especificadas ou mal definidas.....	38	28	31	30	14	12	85	70
	Total — <i>Totaux</i>	628	585	623	547	514	501	1.765	1.633
		1.213		1.170		1.015		3.398	
		} Por sexos — <i>Par sexes</i>		} Por sexos — <i>Par sexes</i>		} Por sexos — <i>Par sexes</i>		} Por sexos — <i>Par sexes</i>	
		} Por meses — <i>Par mois</i>		} Por meses — <i>Par mois</i>		} Por meses — <i>Par mois</i>		} Por meses — <i>Par mois</i>	

**Movimento de Plantações nos Parques e Jardins Municipais
e em Arruamentos e Praças
no decorrer do 1.º trimestre de 1937**

*Mouvement des plantations dans les parcs et jardins municipaux,
les rues et les places
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 19

Movimento	Janeiro Janvier		Fevereiro Février		Março Mars		Total Total		Mouvement
	Arbustos Arbustes	Árvores Arbres	Arbustos Arbustes	Árvores Arbres	Arbustos Arbustes	Árvores Arbres	Arbustos Arbustes	Árvores Arbres	
Nos Parques e Jardins									
<i>Dans les parcs et jardins</i>									
Arbustos plantados	2.273	—	497	—	1.602	—	4.372	—	<i>Arbustes plantés.</i>
Árvores..... {									<i>Arbres..... { Plantations nouvelles. Remplacements.</i>
{ Plantação nova ...	—	64	—	—	—	—	—	64	
{ Retanche.....	—	27	—	15	—	—	—	40	
Nos Arruamentos e Praças									
<i>Dans les rues et places</i>									
No 1.º Bairro.. {									<i>Dans le 1^{er} arron- dissement. { Plantations nouvelles. Remplacements.</i>
{ Plantação nova ...	—	68	—	—	—	—	—	68	
{ Retanche.....	—	113	—	—	—	—	—	113	
No 2.º Bairro.. {									<i>Dans le 2^{ème} arron- dissement. { Plantations nouvelles. Remplacements.</i>
{ Plantação nova ...	155	—	—	—	—	—	155	—	
{ Retanche.....	—	5	—	—	15	—	15	5	
No 3.º Bairro.. {									<i>Dans le 3^{ème} arron- dissement. { Plantations nouvelles. Remplacements.</i>
{ Plantação nova ...	—	—	—	—	—	—	—	—	
{ Retanche.....	—	—	—	2	—	—	—	2	
<i>Total</i>	2.428	277	497	15	1.617	—	4.542	292	

Actuação dos Serviços Técnicos e de Via Pública, da Limpeza Urbana, no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Action des Services techniques et de la voirie, du Nettoyement urbain,
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 20

Designações <i>Désignations</i>	Unidade <i>Unité</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Médias mensais <i>Moyenne mensuelle</i>		
Áreas das zonas de limpeza — <i>Aires des zones de nettoyage</i>	M. q.	4.485.995,04	5.028.023,94	5.028.023,94	—		
Meios de acção — <i>Moyens d'action</i>	Número	Bôcas de rega — <i>Bouches</i> { Comuns — <i>Comuns</i> ..	2.504	2.652	2.701	—	
		Para autos de rega — <i>Pour arroseuses automobiles</i>	"	19	21	21	—
		Carrinhos de cantoneiro — <i>Brouettes de cantonniers</i>	"	245	245	245	—
		Cantoneiros ao serviço — <i>Cantonniers en service</i>	"	7.394	544	541	—
		Vias públicas — <i>Voies publiques</i>	"	1.932	1.931	1.931	—
		Praças de veículos — <i>Lieux de stationnement de véhicules</i>	"	60	60	60	—
		Vazadouros — <i>Voirie</i>	"	10	10	10	—
		Depósitos de lixo — <i>Depôts d'ordure</i>	"	2	2	2	—
		Fossas — <i>Fosses</i>	"	67	67	67	—
		Sarjetas — <i>Ruisseaux</i>	"	13.421	13.421	13.421	—
Locais de actuação — <i>Lieux de l'action</i>	Número	Sentinhas — <i>Latrines</i>	29	29	29	—	
		Chalés retrêtes — <i>Chalets de nécessités</i>	11	12	12	—	
		Sabterrâneos — <i>Souterrains</i>	4	4	4	—	
		Tipo francês { 3 lugares — <i>3 places</i>	1	1	1	—	
		— <i>Type</i> { 5 " — <i>5</i> "	20	20	20	—	
		francês { 4 " — <i>4</i> "	—	—	—	—	
		" { 2 " — <i>2</i> "	—	—	—	—	
		Ardósia { 3 " — <i>3</i> "	6	6	6	—	
		— <i>Ardoise</i> { 4 " — <i>4</i> "	2	2	2	—	
		" { 5 " — <i>5</i> "	3	3	3	—	
		" { 6 " — <i>6</i> "	1	1	1	—	
		" { 2 " — <i>2</i> "	3	3	3	—	
		Mármore { 3 " — <i>3</i> "	1	1	1	—	
		— <i>Marbre</i> { 4 " — <i>4</i> "	13	13	13	—	
" { 6 " — <i>6</i> "	6	6	6	—			
Guarita — <i>Quérite</i>	39	39	39	—			
Comuns — <i>Communs</i>	26	26	26	—			
Varreduras e lixos produzidos — <i>Balayures et ordures</i>	M. c.	698,200	699,90	754,200	717,666		
Varreduras e lixos removidas por cada cantoneiro — <i>Balayures et ordures transportées par cantonnier</i>	M. c.	1,900	1,920	1,910	1,910		
Área percorrida por cada cantoneiro — <i>Aire de parcours par cantonnier</i>	M. q.	25,700	25,700	25,700	25,700		

Actuação dos Serviços Estacionários da Limpeza Urbana no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Action des Services stationnaires du Nettoyement urbain au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 21

Produção aproximada de lixos e varreduras, removidos diáriamente <i>Production approximative des ordures et balayures enlevées journellement</i>	Unidade <i>Unité</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Total <i>Total</i>
Para as fragatas <i>Pour les gabares</i>	Tonelada (<i>Tonne</i>) "	3.658,500	3.385,000	3.050,750	10.094,250
{ Lixo de habitações — <i>Ordures ménagères</i>		562,500	521,250	256,000	999,750
Conduzido para diversas quintas <i>Conduites dans différentes propriétés</i>	"	5.470,000	5.278,746	6.360,667	17.109,413
{ Lixo de habitações — <i>Ordures ménagères</i>	"	1.445,825	894,973	943,436	3.282,234
{ Varreduras — <i>Balayures</i>	"	1.329,325	1.241,070	1.153,120	3.723,515
{ Limpeza de mercados — <i>Nettoyement des marchés</i>	"	418,000	435,000	531,000	1.382,000
Para as celas Bécari <i>Pour les cellules Bécari</i>	"	122,000	101,000	95,000	318,000
{ Lixo de habitações — <i>Ordures ménagères</i>	"	122,000	101,000	95,000	318,000
{ Varreduras — <i>Balayures</i>	"	122,000	101,000	95,000	318,000
		12.804,150	11.655,059	12.389,975	36.849,162

Reses rejeitadas, por haverem sido reprovadas para consumo,
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Animaux refusés à la consommation, au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 22

Reses <i>Animaux</i>	Janeiro <i>Janvier</i>		Fevereiro <i>Février</i>		Março <i>Mars</i>		Total <i>Total</i>	
	N.º <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	N.º <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	N.º <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	N.º <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Bovinas adultas	106	—	60	—	92	—	258	—
<i>Bovins adultes</i>	—	21.788	—	12.696	—	19.672	—	54.150
Bovinas adolescentes	4	—	—	—	1	—	5	—
<i>Bovins adolescents</i>	—	132	—	—	—	26	—	158
Ovinas e caprinas	328	—	241	—	311	—	880	—
<i>Ovins e caprins</i>	—	3.167	—	2.069	—	2.952	—	8.188
Suínas	39	—	31	—	30	—	100	—
<i>Porcins</i>	—	3.136	—	2.686	—	2.937	—	8.759
Equídeas	5	—	9	—	2	—	16	—
<i>Equidés</i>	—	968	—	1.442	—	361	—	2.771
Soma — <i>Somme</i>	—	29.191	—	18.893	—	25.948	1.259	74.032

Reses abatidas no Matadouro Municipal, no decorrer
do 1.º trimestre de 1937

*Animaux abattus aux Abattoirs Municipaux
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 23

Reses <i>Animaux</i>	Janeiro <i>Janvier</i>		Fevereiro <i>Février</i>		Março <i>Mars</i>		Total <i>Total</i>	
	N.º <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	N.º <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	N.º <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	N.º <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Bovinas adultas	2.060	—	2.016	—	2.650	—	6.726	—
<i>Bovins adultes</i>	—	452.094	—	464.122	—	605.839	—	1.522.055
Bovinas adolescentes ...	1.473	—	1.367	—	1.561	—	4.401	—
<i>Bovins adolescents</i>	—	71.732	—	60.350	—	65.901	—	197.983
Ovinas e caprinas	14.000	—	18.035	—	23.489	—	55.524	—
<i>Ovins et caprins</i>	—	174.244	—	209.836	—	253.674	—	637.754
Suínas	4.113	—	5.039	—	5.016	—	14.168	—
<i>Porcins</i>	—	501.757	—	626.455	—	658.161	—	1.786.373
Equídeas	91	—	109	—	140	—	340	—
<i>Equidés</i>	—	18.174	—	22.379	—	28.002	—	68.555
Soma — <i>Somme</i>	—	1.218.001	—	1.383.142	—	1.611.577	81.159	4.212.720

Preparação de várias espécies de sebo, tripa e sangue
no Matadouro Municipal,
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Preparation des différentes espèces de suifs, tripes et sangs
aux Abattoirs Municipaux
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 24

Meses Mois	Sebo — Quilos Suifs (Kilos)								Tripa — maços Tripes (paquets)		Sangue — Quilos Sangs — Kilos
	Vaca Bœuf		Vitela Veau		Carneiro Mouton		Totais Totaux		De vaca De bœuf	De vitela De veau	
	Rama Brut	Fundido Fondu	Rama Brut	Fundido Fondu	Rama Brut	Fundido Fondu	Rama Brut	Fundido Fondu			
Janeiro	9.364	—	—	—	5.976	—	15.340	—	3.188	379	—
Janvier	—	6.619	—	—	—	3.580	—	10.199	—	—	—
Fevereiro	12.219	—	—	—	8.404	—	20.623	—	3.091	245	10.290
Février	—	8.513	—	—	—	4.963	—	13.476	—	—	—
Março	13.592	—	—	—	7.017	—	20.609	—	4.038	201	10.076
Mars	—	9.202	—	—	—	4.165	—	13.367	—	—	—
Total — Total...	35.175	24.334	—	—	21.397	12.708	56.572	37.042	10.317	825	20.366

Fornecimentos efectuados aos talhos municipais,
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Fournitures faites aux boucheries municipales
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 25

Designação Designation	Janeiro Janvier		Fevereiro Février		Março Mars		Totais Totaux	
	N.º Nombre	Quilos Kilos	N.º Nombre	Quilos Kilos	N.º Nombre	Quilos Kilos	N.º Nombre	Quilos Kilos
Bovinas adultas — <i>Bovins adultes</i>	97	20.199	101	22.129	97	21.314	295	63.642
Bovinas adolescentes — <i>Bovins adolescents</i>	51	2.500	52	2.305	40	2.237	143	7.042
Ovinas — <i>Ovins</i>	602	7.295	689	8.037,5	716	7.909	2.007	23.241,5
Suínas — <i>Porcins</i>	60	5.583,5	73	6.929	51	4.989	184	17.451,5
Fressaras de porco — <i>Abats de porcs</i>	59	142,25	73	190	51	127,5	183	459,75
Miadezas de vitela — <i>Abats de veaux</i>	51	—	52	—	50	—	153	—

Tabela da venda de carnes verdes e miudezas, em vigor nos Talhos Municipais, no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Tarif de vente de viandes fraîches et abats, en vigueur dans les boucheries municipales au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 26

Designação <i>Désignation</i>		Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	
Vaca <i>Boeuf</i>	1.ª categoria... <i>1^{ère} catégorie</i>	Lombo limpo — <i>Aloyau-filet net</i>	15\$20	16\$00	16\$00
		Pojadouro limpo — <i>Quasi</i>	12\$00	12\$00	12\$00
		Rim limpo — <i>Rognons nettoyés</i>	12\$00	12\$00	12\$00
		Língua — <i>Langue</i>	8\$40	8\$40	8\$40
		Rosbife — <i>Rosbif</i>	8\$40	8\$40	8\$40
		Alcatara — <i>Rumsteck</i>	8\$40	8\$40	8\$40
	2.ª categoria... <i>2^{ème} catégorie</i>	Vasia — <i>Poitrine</i>	7\$60	8\$00	8\$00
		Chã de fóra — <i>Gîte à la noir</i>	7\$60	8\$00	8\$00
		Rabadilha — <i>Trumeau</i>	7\$60	8\$00	8\$00
	3.ª categoria... <i>3^{ème} catégorie</i>	Assem — <i>Faux-filet</i>	6\$40	6\$80	6\$80
		Pá — <i>Boîte à moelle</i>	6\$40	6\$80	6\$80
	4.ª categoria... <i>4^{ème} catégorie</i>	Peito — <i>Poitrine</i>	4\$40	4\$80	4\$80
		Abas — <i>Bavette</i>	4\$40	4\$80	4\$80
		Chãbã — <i>Crosse</i>	4\$40	4\$80	4\$80
		Cachaço — <i>Talon du collier</i>	4\$40	4\$80	4\$80
	Sêbo para podim — <i>Suif pour podding</i>	2\$40	2\$30	2\$40	
Osso — <i>Os</i>	1\$20	1\$40	1\$40		
Vitela <i>Veau</i>	1.ª categoria... <i>1^{ère} catégorie</i>	Perna limpa — <i>Jambe nette</i>	16\$60	16\$60	16\$60
		Perna — <i>Jambe</i>	11\$00	11\$00	11\$00
		Costeletas — <i>Côtes</i>	9\$60	9\$60	9\$60
		Pá — <i>Boîte à moelle</i>	8\$80	8\$80	8\$80
	2.ª categoria... <i>2^{ème} catégorie</i>	Peito — <i>2^{ème} catégorie — Poitrine</i>	7\$20	7\$20	7\$20
Carneiro <i>Mouton</i>	1.ª categoria... <i>1^{ère} catégorie</i>	Perna — <i>1^{ère} catégorie — Jambe</i>	7\$20	7\$20	7\$20
		Costeletas e pá — <i>2^{ème} catégorie — Côtes et boîte à moelle</i>	6\$00	6\$00	6\$00
	3.ª categoria... <i>3^{ème} catégorie</i>	Peito e cachaço — <i>3^{ème} catégorie — Poitrine et talon du collier</i>	4\$20	4\$20	4\$20
Porco <i>Porc</i>	Carne limpa — <i>Viande nette</i>	12\$00	12\$00	12\$00	
	Perna, rosbife e rim — <i>Jambe, rosbif et rognons</i>	8\$80	8\$80	8\$80	
	Costeletas e pá — <i>Côtes et boîte à moelle</i>	8\$80	8\$80	8\$80	
	Toucinho — <i>Lard</i>	5\$80	5\$80	5\$80	
	Banha — <i>Saindoux</i>	6\$40	6\$40	6\$40	
	Entrecôsto (peito) — <i>Entrecôtes-pateron</i>	6\$00	6\$00	6\$00	
	Chispe — <i>Pieds de porc</i>	6\$60	6\$60	6\$60	
	Cabeça — <i>Tête</i>	5\$20	5\$20	5\$20	
	Fressura — <i>Tripes (fraise)</i>	7\$00	7\$00	7\$00	
	Osso — <i>Os</i>	2\$50	2\$60	2\$60	

Preço médio de caça, criação e ovos nos Mercados de Lisboa, no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Prix moyens du gibier, de la volaille et des œufs sur les Marchés de Lisbonne au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 27

Designação <i>Désignation</i>	Unidade <i>Unité</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Borracho — <i>Pigeonneau</i>	Cada <i>(Chacun)</i>	3\$00	3\$00	3\$00
Cabrito — <i>Chevreau</i>	»	25\$00	24\$00	26\$00
Borrego — <i>Agneau</i>	»	30\$00	24\$00	22\$00
Coelho bravo — <i>Lapin de garenne</i>	»	6\$00	—\$—	—\$—
Coelho manso — <i>Lapin de choux</i>	»	8\$00	9\$00	9\$00
Galinha — <i>Poule</i>	»	13\$00	15\$00	15\$00
Galo — <i>Coq</i>	»	18\$00	13\$00	14\$00
Pato bravo — <i>Canard sauvage</i>	»	8\$00	—\$—	—\$—
Pato manso — <i>Canard domestique</i>	»	10\$00	10\$00	10\$00
Codorniz — <i>Caille</i>	»	5\$00	—\$—	—\$—
Galinhola — <i>Bécasse</i>	»	4\$00	—\$—	—\$—
Lebre — <i>Lièvre</i>	»	10\$00	—\$—	—\$—
Perdiz — <i>Perdrix</i>	»	5\$00	—\$—	—\$—
Pombo manso — <i>Pigeon domestique</i>	»	3\$50	5\$00	5\$00
Pombo bravo — <i>Pigeon sauvage</i>	»	4\$00	—\$—	—\$—
Perás — <i>Dindons</i>	Casal <i>(Couple)</i>	60\$00	65\$00	55\$00
Calhandras — <i>Alouettes</i>	Dúzia <i>(Douzaine)</i>	5\$00	—\$—	—\$—
Ovos d'água acima — <i>Oeufs</i>	Cento <i>(Cent)</i>	48\$00	32\$00	30\$00
Ovos saloios — <i>Oeufs des environs</i>	»	52\$00	35\$00	35\$00
Ovos refago — <i>Oeufs, rebut</i>	»	30\$00	20\$00	20\$00

Preço médio de frutos nos Mercados de Lisboa, no decorrer do 1.º trimestre de 1937

Prix moyens de fruits sur les marchés de Lisbonne au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 28

Designação <i>Désignation</i>	Unidade <i>Unité</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Castanha verde — <i>Châtaignes vertes</i>	Quilo <i>(Kilo)</i>	1\$20	1\$00	1\$20
Castanha seca — <i>Châtaignes sèches</i>	»	—\$—	3\$00	3\$00
Nós — <i>Noix</i>	»	—\$—	4\$00	3\$00
Amêndoas — <i>Amandes</i>	»	—\$—	2\$50	2\$50
Avelã — <i>Noisettes</i>	»	—\$—	2\$00	2\$00
Figo passado — <i>Figues sèches</i>	»	—\$—	1\$80	1\$80
Azeitona cartida, grossa — <i>Olives confites (grosse)</i>	»	3\$00	3\$00	3\$00
Azeitona cartida, miáda — <i>Olives confites (petite)</i>	»	1\$80	2\$00	2\$00
Melão — <i>Melons</i>	»	2\$00	—\$—	—\$—
Laranja — <i>Oranges</i>	Cento <i>(Cent)</i>	24\$00	45\$00	30\$00
Tangerina — <i>Mandarines</i>	»	30\$00	50\$00	35\$00
Limão — <i>Citrons</i>	»	40\$00	40\$00	30\$00
Maçã — <i>Pommes</i>	»	22\$00	70\$00	—\$—
Pero — <i>Pommes douces</i>	»	45\$00	40\$00	—\$—
Romã — <i>Grenades</i>	»	80\$00	—\$—	—\$—

Preço médio de legumes e hortaliças
nos Mercados de Lisboa,
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Prix moyens des légumes dans les Marchés de Lisbonne
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 29

Designação <i>Designation</i>	Unidade <i>Unité</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Feijão verde — <i>Haricots verts</i>	Quilo <i>(Kilo)</i>	6\$00	-\$-	-\$-
Fava verde — <i>Fèves vertes</i>	»	-\$-	1\$50	\$80
Ervilha verde — <i>Petit-pois verts</i>	»	2\$50	2\$50	2\$40
Batata — <i>Pommes de terre</i>	»	\$65	1\$00	\$75
Tomate — <i>Tomates</i>	»	2\$20	4\$00	4\$00
Cebola — <i>Oignons</i>	»	1\$00	1\$20	1\$40
Alhos — <i>Aulx</i>	»	2\$50	2\$00	2\$50
Coave galega — <i>Choux galicien</i>	Cento <i>(Centaine)</i>	20\$00	40\$00	45\$00
Coave merceana — <i>Choux de Murcie</i>	»	-\$-	60\$00	60\$00
Coave repolho — <i>Choux pommés</i>	»	60\$00	70\$00	70\$00
Coave flôr — <i>Choux-fleurs</i>	»	120\$00	70\$00	70\$00
Coave lombarda — <i>Choux lombarde</i>	»	60\$00	60\$00	80\$00
Coave portuguesa — <i>Choux portugais</i>	»	40\$00	50\$00	50\$00
Alface — <i>Laitue</i>	»	48\$00	45\$00	50\$00
Abóbora menina — <i>Giraumont</i>	»	120\$00	-\$-	300\$00
Abóbora gila — <i>Courge</i>	»	160\$00	200\$00	150\$00
Abóbora carneira — <i>Citrouille</i>	»	220\$00	-\$-	-\$-
Abóbora porqueira — <i>Potiron</i>	»	60\$00	-\$-	-\$-
Pimentos — <i>Poivrons</i>	»	30\$00	-\$-	-\$-
Cenoura — <i>Carottes</i>	Molho <i>(Botte)</i>	1\$00	1\$50	1\$50
Chicória de mesa — <i>Chicorée de table</i>	»	3\$00	-\$-	-\$-
Espinafres — <i>Epinards</i>	»	2\$50	2\$00	2\$00
Espargos bravos — <i>Asperges sauvages</i>	»	6\$00	1\$50	-\$-
Espargos cultivados — <i>Asperges de culture</i> ...	»	-\$-	8\$00	-\$-
Nabos — <i>Navets</i>	Mão <i>(Botte)</i>	1\$00	1\$00	1\$50

**Produtos de origem animal entrados na cidade pelos postos sanitários
e aprovados para consumo no decorrer do 1.º trimestre de 1937**

*Produits d'origine animale, entrés dans la ville par les postes sanitaires et reconnus bons pour la consommation,
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 30

Designação <i>Désignation</i>	Janeiro <i>Janvier</i>		Fevereiro <i>Fevrier</i>		Março <i>Mars</i>		Total <i>Total</i>	
	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Animais completos — Animaux entiers								
Caça — <i>Gibier</i>	17.598	—	9.151	—	—	—	26.749	
Cabritos — <i>Chevreaux</i>	5.970	18.684	5.643	16.893	8.133	24.625	19.746	60.202
Carneiros — <i>Moutons</i>	66	807	210	2.189	241	2.285	517	5.281
Vitelas — <i>Veaux</i>	1	30	—	—	—	—	1	30
Porcos — <i>Porcs</i>	104	6.710	101	7.529	120	7.223	325	21.462
Leitões — <i>Cochons de lait</i>	43	198	58	286	60	260	161	744
Carne em peças e derivados — Viandes dépécées et dérivés								
Conservas — <i>Conserves</i>	—	52	—	108	—	7	—	167
Fressura de carneiro — <i>Abats de mouton</i>	—	346	—	308	—	462	—	1.116
Miudezas de vaca — <i>Abats de bœuf</i>	—	2.313	—	2.317	—	2.171	—	6.801
Carne salgada — <i>Viande salée</i>	—	2.303	—	2.284	—	5.337	—	9.924
Carne fresca — <i>Viande fraîche</i>	—	23.669	—	35.682	—	34.065	—	93.416
Miudezas de porco — <i>Abats de porc</i>	—	95.145	—	120.182	—	108.767	—	324.094
Toucinho — <i>Lard</i>	—	12.210	—	21.395	—	20.156	—	53.761
Carne fumada — <i>Viande fumée</i>	—	86.287	—	125.328	—	155.264	—	366.879
Banha — <i>Saindoux</i>	—	15.837	—	16.178	—	19.968	—	51.983
Tripa — <i>Tripe</i>	—	12.316	—	5.415	—	5.244	—	22.975
Carne congelada — <i>Viande congelée</i>	—	—	—	20.429	—	—	—	20.429
Peixe — Poisson								
Bacalhau — <i>Morue</i>	—	555.240	—	573.200	—	503.330	—	1.631.770
Peixe grosso — <i>Gros poisson</i>	—	2.194.506	—	2.196.173	—	2.851.423	—	7.242.102
Peixe miúdo — <i>Petit poisson</i>	—	584.590	—	739.355	—	523.745	—	1.847.690
Conservas — <i>Conserves</i>	—	20.695	—	47.205	—	43.020	—	110.920
Atum — <i>Thon</i>	—	42.710	—	50.395	—	46.830	—	139.935
Mariscos — <i>Coquillages</i>	—	21.035	—	19.085	—	20.695	—	60.815
Lacticínios e Ovos — Produits laitiers et œufs								
Manteiga — <i>Beurre</i>	—	140.516,5	—	138.901	—	156.957	—	436.374,5
Margarina — <i>Margarine</i>	—	17.474	—	17.253	—	17.852	—	52.579
Queijos — <i>Fromage</i>	—	130.948	—	150.174	—	162.833	—	443.945
Ovos — <i>Œufs</i>	—	288.989	—	302.800	—	350.688	—	942.477
Total quilos — <i>Total kilos</i> ...		4.273.610,5		4.611.064		5.063.197		13.947.871,5

Produtos de origem animal reprovados para consumo
nos Postos e Zonas Sanitárias,
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Produits d'origine animale refusés à la consommation
dans les postes et zones sanitaires,
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 31

Designação <i>Désignation</i>	Janeiro <i>Janvier</i>		Fevereiro <i>Février</i>		Março <i>Mars</i>		Total <i>Total</i>	
	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Animais completos — <i>Animaux entières</i>								
Caça — <i>Gibier</i>	65	—	52	—	—	—	117	—
Criação — <i>Volaille</i>	14	—	8	—	28	—	50	—
Cabritos — <i>Chevreaux</i>	62	144	75	230	74	231	211	605
Carneiros — <i>Moutons</i>	4	49	1	20	1	52	6	121
Carne em peças — <i>Viandes dépecées</i>								
Vaca — <i>Bœuf</i>	—	25	—	37	—	64	—	126
Vitela — <i>Veau</i>	—	1	—	1	—	—	—	2
Carneiro — <i>Mouton</i>	—	1	—	6	—	5	—	12
Cavalo — <i>Cheval</i>	—	1	—	1	—	2	—	4
Fressuras de carneiro — <i>Abats de mouton</i>	—	15	—	48	—	1	—	64
Miudesas de vaca — <i>Abats de bœuf</i>	—	2	—	13	—	14	—	29
Carne de porco — <i>Viande de porc</i>								
Carne fresca — <i>Viande fraîche</i>	—	26	—	89	—	19	—	134
Carne salgada — <i>Viande salée</i>	—	28	—	12	—	1	—	41
Miudesas — <i>Abats</i>	—	455	—	533	—	73	—	1.061
Banha — <i>Saindoux</i>	—	5	—	—	—	—	—	5
Toucinho — <i>Lard</i>	—	33	—	16	—	38	—	87
Carne fumada — <i>Viande fumée</i>	—	45	—	43	—	117	—	205
Tripa em salmoura — <i>Tripes en saumure</i>	—	—	—	—	—	9	—	9
Peixe — <i>Poisson</i>								
Bacalhau — <i>Morue</i>	—	13	—	10	—	51	—	74
Peixe grosso — <i>Gros poisson</i>	—	651.247	—	509.588	—	502.480	—	1.663.315
Peixe miúdo — <i>Petit poisson</i>	—	245	—	121	—	61	—	427
Conservas — <i>Conserves</i>	—	30	—	212	—	147	—	389
Marisco — <i>Coquiliages</i>	—	360	—	48	—	46	—	454
Lacticínios e ovos — <i>Produits laitiers et œufs</i>								
Queijos — <i>Fromage</i>	—	106	—	13	—	25	—	144
Ovos — <i>Oeufs</i>	—	1	—	9	—	6	—	16
Total em quilos — <i>Total en kilos</i> ..		652.832		511.050		503.442		1.667.324

Produtos reprovados para consumo,
nas Zonas Sanitárias
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Produits refusés à la consommation
dans les Zones Sanitaires
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 32

Designação <i>Designation</i>	Janeiro <i>Janvier</i>		Fevereiro <i>Février</i>		Março <i>Mars</i>		Total <i>Total</i>	
	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>	Número <i>Nombre</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Carnes e seus derivados — <i>Viande et ses dérivés</i>	—	241	—	189	—	245	—	675
Peixe, moluscos e crustáceos — <i>Poissons, mollusques et crustacés</i>	—	512	—	588	—	411	—	1.511
Criação — <i>Volaille</i>	2	3	8	19	14	20	24	42
Caça — <i>Gibier</i>	47	18	15	13	4	4	66	35
Queijo — <i>Fromage</i>	—	35	—	13	—	25	—	73
Fruta e produtos hortícolas — <i>Fruits et produits potagers</i>	—	793	—	4.311	—	1.644	—	6.748
Ovos — <i>Oeufs</i>	16	1	103	9	92	6	211	16
Comida — <i>Nourriture</i>	—	—	—	11	—	5	—	16
Bolos — <i>Gateaux</i>	—	—	—	2	—	—	—	2
Totais — <i>Totaux</i> {								
Número — <i>Nombre</i>	65	—	126	—	110	—	301	—
Quilos — <i>Kilos</i>	—	1.603	—	5.155	—	2.360	—	9.118

Número de contribuintes e concessionários
dos mercados de Lisboa
no decorrer do 1.º trimestre de 1937

*Nombre des contribuants et concessionnaires
des marchés de Lisbonne
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 33

Mercados <i>Marchés</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Média mensal <i>Moyenne mensuelle</i>
Municipais — Municipaux				
Praça da Figueira — <i>de Praça da Figueira</i>	850	845	846	847
24 de Julho — <i>du 24 juillet</i>	641	639	638	639
Abastecedor de Peixe Grosso — <i>de gros poisson</i>	179	177	178	178
Abastecedor de Peixe Miúdo — <i>de petit poisson</i>	150	145	145	147
Abastecedor de Fruta e Criação — <i>de fruits et volaille</i>	342	343	347	344
Peixe avalso — <i>de poisson divers</i>	384	381	376	380
31 de Janeiro — <i>du 31 janvier</i>	614	615	615	615
Belém — <i>de Belem</i>	135	159	168	154
S. Bento — <i>de S. Bento</i>	211	211	210	211
Poço dos Mouros — <i>de Poço dos Mouros</i>	302	305	307	305
Santa Clara — <i>de Santa Clara</i>	145	144	145	145
Xabregas — <i>de Xabregas</i>	45	47	46	46
Poço do Bispo — <i>de Poço do Bispo</i>	19	24	20	21
Concessionários — Concessionnaires				
Alcântara — <i>d'Alcantara</i>	67	67	67	67
Benfica — <i>de Bemfica</i>	12	12	12	12
Primeiro de Dezembro — <i>du Premier Décembre</i>	78	76	77	77
Campolide — <i>de Campolide</i>	22	23	24	23
Campo de Ourique — <i>de Campo d'Ourique</i> ..	143	142	141	142
Soma geral — <i>Somme générale</i>	4.339	4.355	4.362	—

**Contribuintes e concessionários
dos diversos Mercados Municipais de Lisboa,
no decorrer do 1.º trimestre de 1937,
segundo mistéres e lugares que ocupam**

*Contribuants et concessionnaires
des différents marchés municipaux de Lisbonne
selon les branches et les places qu'ils occupent,
au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 34

Meses Mois	Lojas Boutiques	Lugares de terrado <i>Places sur le carreau</i>		Bancas de peixe <i>Banes de poisson</i>		Vendedores de carradas <i>Vendeurs de voitures</i>	Vendedores de peixe <i>Vendeurs de poisson</i>	Mandatários <i>Mandataires</i>	Vejosos <i>Cricurs</i>	Comissários <i>Commissaires</i>	Vendedores de conta própria <i>Vendeurs à leur compte</i>	Meços particulares <i>Porteurs privés</i>	Intermediários <i>Intermédiaires</i>	Exportadores <i>Exportateurs</i>	Totals <i>Totaux</i>
		A título permanente <i>A titre permanent</i>	A título precário <i>A titre précaire</i>	A título permanente <i>A titre permanent</i>	A título precário <i>A titre précaire</i>										
Janeiro..... <i>Janvier</i>	368	1.610	216	655	229	310	41	80	6	34	22	752	24	12	4.339
Fevereiro..... <i>Février</i>															
Março..... <i>Mars</i>	367	1.618	212	651	257	311	41	80	6	33	24	746	24	12	4.362
<i>Soma</i>															
	1.105	4.845	640	1.898	740	929	123	240	18	101	69	2.242	72	36	13.056

Actuação da Ouvidoria no 1.º trimestre de 1937 na parte que respeita aos seus serviços técnicos

*Action du Contentieux au cours du 1^{er} trimestre 1937
dans la partie qui concerne ses services techniques*

Mapa n.º 35

Designação dos serviços <i>Designation des services</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Total <i>Total</i>
Serviço de consultas jurídicas e de «Pareceres» sobre: <i>Service de consultations juridiques et d'avis sur:</i>				
Contratos de transportes, arrendamentos, etc. — <i>Contrats de transports, baux, etc.</i>	28	5	—	33
Expropriações, demolições, arruamentos, etc. — <i>Expropriations, démolitions, établissement de rues, etc.</i>	5	21	17	43
Jazigos— <i>Caveaux</i>	17	17	26	60
Vencimentos em dívida — <i>Traitements dette</i>	5	7	9	21
Opções de naturalização — <i>Options de naturalisation</i>	13	10	8	31
Licenças, concursos e aposentação de pessoal — <i>Congés, concours et retraites du personnel</i>	17	20	27	64
Empreitadas e fornecimentos — <i>Travaux à forfait et fournitures</i>	—	2	4	6
Mercados: averbamento de lugares, rendas, etc. — <i>Marchés: enregistrement de places, loyers, etc.</i>	9	6	4	19
Isenção de impostos — <i>Exemption d'impôts</i>	2	—	1	3
Danos e indemnizações — <i>Dommages et intérêts</i>	1	2	3	6
Trespases, inquilinato, etc. — <i>Cessions, loyers, etc.</i>	2	1	1	4
Questões com Companhias, reclamações, etc. — <i>Litiges avec Compagnies, réclamations, etc.</i>	1	1	—	2
Licenças, alvarás, taxas e impostos — <i>Licences, arrêtés taxes et impôts</i>	7	7	8	22
Património: encargos e cedências — <i>Patrimoine: charges et cessions</i>	7	12	—	19
Execuções fiscais — <i>Exécutions fiscales</i>	1	5	—	6
Diversos — <i>Divers</i>	12	15	21	48
Serviços judiciais <i>Services judiciaires</i>				
Processos de contencioso administrativo <i>Procès de contentieux administratif</i>				
Nos termos da Lei 1.670 — <i>Aux termes de la loi n.º 1670</i>	1	—	—	1
Em processos disciplinares — <i>Procès disciplinaires</i>	1	2	1	4
Diversos — <i>Divers</i>	1	—	1	2
Ações especiais <i>Actions spéciales</i>				
Decreto n.º 902 — <i>Décret n.º 902</i>	6	—	—	6
Diversos — <i>Divers</i>	1	—	2	3
Expropriações — <i>Expropriations</i>	6	10	—	16
Processos fiscais — Procès fiscaux	—	—	—	—
Processos dos tribunais de trabalho — Procès des tribunaux du travail	1	4	1	6
Serviços especiais de inquéritos <i>Services spéciaux d'enquête</i>				
Por infracções disciplinares de funcionários — <i>Pour infractions disciplinaires de fonctionnaires</i>	1	1	2	4
Por infracções disciplinares de contribuintes — <i>Pour infractions disciplinaires de contribuants</i>	9	7	13	29
Processos saídos com relatório final — <i>Procès pourvus de rapport final</i>	—	2	9	11
Ofícios — <i>Lettres</i>	147	—	192	339

Actuação da Ouvidoria no 1.º trimestre de 1937,
na parte que respeita aos seus serviços de Notariado

*Action du Contentieux au cours du 1^{er} trimestre 1937
dans la partie qui concerne les Services de Notariat*

Mapa n.º 36

Designação de serviços <i>Désignation des services</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Total <i>Total</i>
Escrituras de: <i>Écritures de :</i>				
Concessão de terrenos para jazigos e sepulturas — <i>Concession de terrains pour caveaux et sépultures</i>	11	26	28	65
Acórdos para expropriações — <i>Accords pour expropriations</i>	4	2	5	11
Cedências gratuitas — <i>Cessions gratuites</i>	2	1	2	5
Compra e venda — <i>Achat et vente</i>	—	1	1	2
Trocas — <i>Echanges</i>	—	—	1	1
Concessão para aproveitamento de domínio público — <i>Concession pour mise à profit du domaine public</i>	—	1	—	1
Empreitadas — <i>Travaux à forfait</i>	1	—	—	1
Fornecimentos — <i>Fournitures</i>	3	—	2	5
Arrendamentos — <i>Baux</i>	—	—	3	3
Certidões: <i>Certificats :</i>				
Parciais — <i>Partiels</i>	—	—	2	2
Totais — <i>Totaux</i>	28	23	30	81
Diversos: <i>Divers :</i>				
Informações — <i>Informations</i>	—	57	—	57
Procurações — <i>Procurations</i>	—	7	18	25
Abertura de sinais — <i>Dépôt de signatures</i>	37	39	76	152
Cópia de contratos de serviços internos — <i>Copie de contrats de services internes</i>	—	—	1	1
Registo de actas notariais — <i>Enregistrement d'actes notariés</i>	61	59	89	209
Minutas — <i>Minutes</i>	—	31	15	46
Inscrição de números de jazigos e sepulturas — <i>Inscription de numéros de caveaux et de sépultures</i>	11	26	28	65
Mapas: <i>Tableaux :</i>				
Para o Conselho Superior Judiciário — <i>Pour le Conseil Supérieur Judiciaire</i>	1	1	1	3
Para o Distribuidor Geral da Boa-Hora — <i>Pour le Distributeur Général du Tribunal de Boa-Hora</i>	1	1	1	3
Para pagamento de imposto de selo — <i>Pour le paiement de l'impôt du timbre</i>	4	2	2	8
Para pagamento na Caixa Geral de Depósitos — <i>Pour paiement à la Caisse Générale de Dépôts</i>	1	1	1	3
Para a Repartição de Finanças — <i>Pour le Département des Finances</i>	—	4	7	11
Para o Instituto Nacional de Estatística — <i>Pour l'Institut National de Statistique</i>	—	—	2	2

II

ESTATÍSTICA GERAL

Elaborada e fornecida
pelo Instituto Nacional de Estatística

Como referente às actividades extra-camarárias exercidas
no limite do Município de Lisboa

Índices-números do custo da vida

Nombres-indices du coût de la vie

Índice-número do custo da vida, do Instituto Nacional de Estatística

Nombre-indice du coût de la vie, de l'Institut National de Statistique

Mapa n.º 37

Anos <i>Années</i> Meses <i>Mois</i>	Índice-número total do custo da vida na cidade de Lisboa <i>Nombre-índice total du coût de la vie à Lisbonne</i>	Contínente <i>Continent</i>			Índice-número total do custo da vida <i>Nombre-índice total du coût de la vie</i>	
		Produtos alimentares de origem vegetal <i>Produits alimentaires d'origine végétale</i>	Produtos alimentares de origem animal <i>Produits alimentaires d'origine animale</i>	Produtos empregados no aquecimento e higiene doméstica <i>Produits employés dans le chauffage et l'hygiène domestique</i>		
1914	100	100	100	100	100	
1929	2.465	2.242	2.534	2.084	2.361	
1930	2.317	2.162	2.354	2.088	2.243	
1931	2.001	1.927	2.071	1.931	1.990	
1932	1.957	1.914	1.998	1.865	1.949	
1933	1.914	1.911	2.000	1.867	1.948	
1934	1.994	1.925	2.032	1.846	1.968	
1935	1.977	1.912	2.078	1.851	1.982	
1936	1.998	2.011	2.051	1.877	2.022	
1937 {	15 de Janeiro — 15 Janvier..	2.314	2.427	2.762	1.852	2.535
	15 de Fevereiro — 15 Février	2.302	2.340	2.532	1.836	2.400
	15 de Março — 15 Mars.....	2.431	2.373	2.539	1.875	2.422

Índices-números da Bôlsa de Lisboa

Nombres-indices de la Bourse de Lisbonne

1929 — Janeiro

(*Janvier*) = 100

Mapa n.º 38

Grupos — Acções <i>Groupes — Actions</i>	1937		
	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
I — Estabelecimentos de crédito — <i>Etablissements de crédit</i>	80,89	83,34	79,93
II — Sociedades extractivas e transformadoras — <i>Sociétés extractives et de transformation</i>	120,75	117,48	100,14
III — Transportes — <i>Transports</i>	25,04	25,31	25,51
IV — Companhias de seguros — <i>Assurances</i>	70,53	135,49	150,91
V — Companhias coloniais — <i>Sociétés coloniales</i>	96,14	99,22	96,38

Índices-números das cotações dos géneros coloniais na cidade de Lisboa

Nombres-indices des cours des denrées coloniales à Lisbonne (ville)

Mapa n.º 39

1914 — Julho <i>Juillet</i>	Índices-números médios <i>Nombres-indices moyens</i>				1936 — Março <i>Mars</i>	Índice-número <i>Nombre-indice</i>		
	1933	1934	1935	1936		1937		
						Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
100.....	1.304	1.303	1.275	1.352	1.218	1.999	1.903	2.011

Nascimentos, óbitos, casamentos e divórcios na Cidade de Lisboa

Naissances, décès, mariages et divorces dans la ville de Lisbonne

Mapa n.º 40

Ano Année — Meses Mois	Nascimentos <i>Naissances</i>			Nado-mortos <i>Mort-nés</i>	Óbitos (exc'luindo os nado-mortos) <i>Décès</i> (des mort-nés exclus)			Excesso dos nascimentos (só nado-vivos) sobre os óbitos <i>Excédent</i> <i>des</i> <i>naissances</i> <i>d'enfants</i> <i>vivants</i> <i>sur</i> <i>les décès</i>	Casamentos <i>Mariages</i>	Divórcios <i>Divorces</i>
	Nado-vivos <i>Naissances d'enfants</i> <i>vivants</i>				Varões <i>Sexe masculin</i>	Fêmeas <i>Sexe féminin</i>	Total			
	Varões <i>Sexe masculin</i>	Fêmeas <i>Sexe féminin</i>	Total							
1937 { Janeiro — <i>Janvier</i>	496	462	958	74	567	542	1.109	151	478	25
{ Fevereiro — <i>Février</i>	509	460	969	66	580	543	1.123	154	267	43
{ Março — <i>Mars</i>	—	—	—	—	459	474	933	—	351	22
Total	—	—	—	—	1.606	1.559	3.165	—	1.116	90
<i>Total no Continente</i>	—	—	—	—	14.059	13.385	27.444	—	10.995	210
<i>Total sur le Continent</i>	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Óbitos por causas, segundo a nomenclatura internacional, idade e sexos na cidade de Lisboa

Décès par causes, d'après la nomenclature internationale, par âges et par sexes, dans la ville de Lisbonne

1.º trimestre de 1937

1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 41

Número de rubrica Numero de rubrique	Causas de morte Causes de décès	0 a 23 meses 0 à 23 mois		2 a 5 anos 2 à 5 ans				6 a 19 anos 6 à 19 ans		20 a 49 anos 20 à 49 ans		50 a 79 anos 50 à 79 ans		80 e mais anos 80 ans et au-dessus		Idade ignorada Âge inconnu		Total Total				
		Legítimos Légitimes		Illegítimos Illegitimes		Legítimos Légitimes		Illegítimos Illegitimes										Por sexos Par sexes		Geral Général		
		Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes			
		Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas		Varões	Fêmeas
1	Febres tifoides e paratífoides	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	5	2	1	—	—	—	—	—	8	2	10
2	Tifo exantemático	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	Variola	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1
4	Sarampo	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1
5	Escarlatina	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	2
6	Tosse convulsa ou coqueluche	2	5	2	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	6	11
7	Diftéria	1	—	1	—	2	2	—	1	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	5	4	9
8	Gripe ou influenza	4	4	1	4	4	2	—	1	2	1	6	6	18	19	7	14	—	—	42	51	93
9	Peste	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
10	Tuberculose do aparelho respiratório	5	3	3	—	2	6	2	2	26	37	203	141	49	29	1	—	—	—	201	218	509
11	Todas as outras tuberculoses	9	10	4	10	6	10	5	5	20	13	10	11	5	5	—	—	—	—	59	64	123
12	Sifilis	6	8	10	8	1	1	—	2	2	—	5	2	5	1	—	1	—	—	29	23	52
13	Paludismo (malaria ou sezonismo)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1	—	1
14	Outras doenças infecciosas e parasitárias	4	4	3	1	2	—	—	1	6	2	10	4	10	3	—	1	—	—	35	16	51
15	Cancro e outros tumores malignos	—	—	—	—	—	—	1	—	2	—	16	26	41	59	4	8	—	—	64	93	157
16	Tumores não malignos ou cujo carácter maligno não foi especificado	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	7	7	14	17	1	—	—	—	24	24	48
17	Reumatismo crónico e gôta	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	2	—	—	—	—	—	1	2	3
18	Diabetes	—	—	—	—	—	—	—	1	—	2	2	5	8	—	1	—	—	—	8	11	19
19	Alcoclismo crónico ou agudo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	3	—	—	—	—	—	—	3	1	4
20	Outras doenças gerais e envenenamentos crónicos	2	1	4	—	1	1	2	1	2	2	2	6	2	5	—	—	—	—	15	16	31
21	Ataxia locomotriz progressiva (tabes dorsal) e paralisia geral	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	5	4	—	—	—	—	7	4	11
22	Hemorragia cerebral, embolia ou trombose cerebral	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	7	6	68	90	11	41	—	—	87	137	224
23	Outras doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos (até 5 anos)	19	13	9	5	5	8	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	35	26	61
	<i>A transportar</i>	52	49	38	28	26	30	13	14	65	56	275	214	228	243	24	66	—	—	721	700	1.421

Número de rubrica N ^o de rubrique	Causas de morte Causes de décès	0 a 23 meses 0 à 23 mois		2 a 5 anos 2 à 5 ans				6 a 19 anos 6 à 19 ans		20 a 49 anos 20 à 49 ans		50 a 79 anos 50 à 79 ans		80 e mais anos 80 ans et au-dessus		Idade ignorada Âge inconnu		Total Total				
		Legítimos Légitimes		Ilegítimos Illégitimes		Legítimos Légitimes		Ilegítimos Illégitimes										Por sexos Par sexes		G ^{eral} Général		
		Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes	Varões Hommes	Fêmeas Femmes		Total	
																						Varões Hommes
	<i>Transporte</i>	52	49	38	28	26	30	13	14	65	56	275	214	228	243	24	66	—	—	721	700	1.421
23-b	Outras doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos (mais de 5 anos)	—	—	—	—	—	—	—	—	4	7	10	4	3	9	—	1	—	—	17	21	38
24	Doenças do coração	1	—	—	—	3	—	—	—	5	7	44	35	91	136	20	37	1	—	165	215	380
25	Outras doenças do aparelho circulatório	1	—	—	—	—	—	—	—	—	1	11	—	35	27	13	19	—	—	60	47	107
26	Bronquite.....	5	3	4	3	—	—	1	—	1	—	3	1	6	7	3	6	—	—	23	20	43
27	Pneumonias.....	76	55	66	49	14	16	7	9	7	4	27	14	34	35	2	18	—	—	233	200	433
28	Outras doenças do aparelho respiratório, excepto tuberculose	—	1	1	—	1	—	—	—	2	1	9	7	15	12	—	—	—	—	28	21	49
29	Diarreia e enterite (menos de 2 anos).....	15	21	17	13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	32	34	66
29-b	Diarreia e enterite (2 e mais anos)	—	—	—	—	1	—	1	3	—	3	1	—	1	—	—	2	—	—	3	9	12
30	Apendicite.....	—	—	—	—	—	—	—	—	2	1	3	—	1	1	—	—	—	—	6	2	8
31	Doenças do fígado e das vias biliares	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	9	4	14	6	—	—	—	—	23	11	34
32	Outras doenças do aparelho digestivo	—	—	—	1	—	—	—	—	3	2	19	7	23	11	3	1	—	—	48	23	71
33	Nefrites (até 10 anos).....	2	—	—	—	1	—	—	1	1	2	—	—	—	—	—	—	—	—	4	3	7
33-b	Nefrites (mais de 10 anos)	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	10	4	16	25	3	5	—	—	30	35	65
34	Outras doenças dos aparelhos urinário e genital.....	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	3	9	3	—	1	—	—	10	8	18
35	Septicémia e infecções puerperais	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	11	—	—	—	—	—	—	—	11	11
36	Outras doenças da gravidez, do parto e do estado puerperal	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	—	8	—	—	—	—	—	—	—	11	11
37	Doenças da pele, do tecido celular, dos ossos e dos órgãos da locomoção.....	1	—	—	1	—	2	—	—	3	1	7	3	4	2	1	1	—	—	16	10	26
38	Debilidade congénita, vícios de conformação congénitos, nascimento prematuro, etc...	31	33	33	20	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	64	53	117
39	Senilidade	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	18	29	29	59	—	—	48	88	136
40	Suicídio.....	—	—	—	—	—	—	—	—	1	2	2	1	10	1	—	—	—	—	15	4	17
41	Homicídio.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	2	—	2
42	Morte violenta ou acidental (excepto suicídio e homicídio)	1	1	—	—	2	—	1	4	7	3	20	4	15	4	—	2	1	—	47	18	65
43	Causas não especificadas ou mal definidas ..	3	—	—	1	—	—	—	—	1	—	3	6	4	8	1	—	—	—	13	15	28
	<i>Total</i> { Por sexos (Par sexes) ..	188	164	159	116	49	49	23	32	103	94	457	326	526	550	99	218	2	—	1.608	1.559	3.165
	{ Por idade (Par âges) ...	627				153				197		783		1.086		317		2		3.165		

Óbitos, por freguesias, na cidade de Lisboa

Décès, par «freguesias», dans la ville de Lisbonne

1.º trimestre de 1937

1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 42

Freguesias	Número de Óbitos			Causas de morte (discriminando-se as principais)																
	Total	Varões	Fêmeas	Febres tifoides e paratífoides	Variola	Sarampo	Tosse convulsa	Gripe	Tuberculose do aparelho respiratório	Outras tuberculoses	Sifilis	Cancro e outros tumores malignos	Congestões e hemorragias cerebrais	Doenças do coração	Bronquites	Pneumonias	Diarréia e enterite (até dois anos)	Suicídios	Debilidade congénita	Outras causas
Ajuda	103	38	65	—	—	—	—	3	15	9	3	5	3	14	1	16	5	—	5	24
Alcântara	121	56	65	—	—	—	1	3	31	3	3	5	8	17	5	16	3	—	1	23
Ameixoeira... ..	4	3	1	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2
Anjos	122	48	74	1	—	—	—	7	18	3	1	9	16	21	2	17	1	—	2	24
Beato	60	35	25	—	—	—	—	5	10	1	3	1	1	6	1	10	4	—	—	18
Belém	57	26	31	—	—	—	—	5	8	4	1	3	3	11	—	3	2	—	2	15
Benfica	52	25	27	—	—	—	—	4	7	1	—	3	4	10	2	9	—	—	—	12
Camões	57	24	33	—	—	—	—	—	6	2	—	6	15	8	—	2	—	1	—	16
Campo Grande	32	12	20	—	—	—	1	1	3	1	2	—	—	3	—	9	1	—	—	7
Carnide	17	5	12	—	—	—	—	—	2	1	—	1	2	5	—	—	1	—	1	4
Castelo	10	5	5	—	—	—	—	—	4	—	—	—	—	1	—	1	—	—	2	2
Charneca	11	6	5	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	1	—	1	1	—	2	3
Conceição	5	3	2	—	—	—	—	—	—	—	—	1	2	—	—	1	—	—	—	1
Encarnação	48	21	27	—	—	—	1	2	7	2	—	3	6	6	1	8	—	—	2	10
Escolas Gerais	31	13	18	—	—	—	—	—	8	1	—	—	2	4	1	6	—	—	2	7
Graça	12	8	4	—	—	—	—	—	2	1	—	—	—	4	—	2	—	—	—	3
Lapa	43	19	24	—	—	—	—	1	3	1	1	1	3	9	—	9	1	—	1	13
Lumiar	16	8	8	—	—	—	1	—	3	—	—	—	1	2	—	4	—	—	1	4
Madalena	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Marquês de Pombal	26	11	15	—	—	—	—	—	2	4	1	1	4	4	1	4	—	—	1	4
Mártires	27	10	17	—	—	—	—	1	4	—	—	2	4	3	—	—	—	—	—	13
<i>A transportar ...</i>	855	377	478	1	—	—	4	32	139	34	17	43	75	129	14	118	19	1	123	206

Freguesias	Número de óbito			Causas do morte (discriminando-se as principais)																
	Total	Variós	Fêmeas	Fébris tifóides e paratífóides	Variola	Sarampo	Tosse convulsa	Gripe	Tuberculose do aparelho respiratório	Outras tuberculosas	Sifilis	Cancro e outros tumores malignos	Congestões e hemorragias cerebrais	Doenças do coração	Bronquites	Pneumonias	Diarreja e enterite (até dois anos)	Suicídios	Debilidade congenita	Outras causas
<i>Transporte</i>	855	377	478	1	—	—	4	32	139	34	17	45	75	129	14	118	19	1	25	205
Mercês	52	25	27	—	—	—	—	2	6	1	—	3	1	8	2	7	1	—	—	21
Monte Pedral	146	70	76	—	—	—	1	2	19	7	3	8	16	18	4	21	6	—	4	37
Olivais	53	22	31	—	1	—	—	1	3	3	1	—	5	7	3	13	—	—	—	16
Pena	31	10	21	—	—	—	—	4	6	1	1	—	2	2	—	6	—	—	—	9
Penha de França	110	49	61	—	—	—	—	1	15	5	—	5	12	10	1	20	4	—	6	31
Restauradores	18	8	10	—	—	—	—	—	1	—	—	3	3	5	—	2	—	—	—	4
Sacramento	9	8	1	—	—	—	—	—	2	—	—	1	2	1	—	1	—	—	—	2
Santa Catarina	48	25	21	—	—	—	—	1	10	2	2	2	3	10	—	3	1	—	—	12
Santa Isabel	277	139	138	—	—	—	2	8	32	11	15	9	23	34	11	57	13	1	9	50
Santiago	18	8	10	—	—	—	—	2	—	—	—	—	1	7	1	5	—	—	—	2
Santo Estêvam	23	13	10	—	—	—	—	1	5	4	—	—	2	2	—	4	1	—	1	3
Santos-o-Velho	99	56	43	—	—	—	—	6	7	7	1	4	5	16	2	15	5	1	2	28
S. Cristóvão e S. Lourenço	22	13	9	—	—	—	—	1	3	—	—	—	2	4	1	6	3	—	—	2
S. Jorge de Arrolos	111	46	65	—	—	—	1	12	12	3	—	7	13	13	—	15	1	—	2	32
S. José	36	18	18	—	—	—	—	1	6	1	1	2	4	7	—	3	1	—	—	10
S. Julião	4	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	1	—	—	—	—	—	1
S. Mamede	33	16	17	—	—	—	—	—	6	1	—	2	6	3	—	3	—	1	2	9
S. Miguel	11	4	7	—	—	—	—	—	1	—	—	—	2	—	—	2	1	—	1	4
S. Nicolau	9	2	7	—	—	—	—	1	1	—	—	1	2	1	—	—	—	—	—	3
S. Sebastião da Pedreira	138	55	83	1	—	1	2	3	11	3	2	7	11	18	3	24	3	—	3	44
Sé e S. João da Praça	22	7	15	—	—	—	—	1	2	—	—	2	2	4	—	4	—	—	1	6
Socorro	34	16	18	—	—	—	—	1	5	4	—	1	2	2	—	6	2	—	—	11
Hospitais, Asilos e Misericórdias....	1.008	615	393	8	—	—	1	13	217	36	9	55	28	78	1	98	5	13	61	383
<i>Total</i>	3.165	1.608	1.559	10	1	1	11	93	509	123	52	157	224	380	43	433	66	17	117	828

Movimento geral de doentes, nos Hospitais Cíveis e Militares da cidade de Lisboa, em 1937 (1.º trimestre)

Mouvement général de malades, dans les Hôpitaux Cívils et Militaires de ville de Lisbonne en 1937 (1^{er} trimestre)

Mapa n.º 43

Meses Mois	Designação dos hospitais Classification des hôpitaux	Doentes em tratamento Malades en traitement						Doentes saídos Malades sortis						Doentes que ficaram em tratamento para o mês seguinte Malades qui sont restés hospitalisés	
		Total		Vindos do mês anterior		Admitidos durante o mês		Total		Curados ou melhorados		Falecidos			
		Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas		
	Total Geral	14.658	11.273	7.339	5.872	7.319	5.401	7.006	5.299	6.497	4.977	509	322	7.652	5.974
	Hospitais Cívils — Total	10.884	11.220	5.994	5.861	4.890	5.359	4.817	5.262	4.329	4.940	488	322	6.067	5.958
	Hospitais Militares — Total ..	3.774	53	1.345	11	2.429	42	2.189	37	2.168	37	21	—	1.585	16
Janeiro	Hospitais Cívils	3.675	3.720	1.926	1.867	1.749	1.853	1.643	1.716	1.475	1.596	168	120	2.032	2.004
	Hospitais Militares	1.028	15	363	2	665	13	525	12	518	12	7	—	503	3
Fevereiro	Hospitais Cívils	3.588	3.641	2.032	2.004	1.556	1.637	1.552	1.651	1.383	1.553	169	98	2.036	1.990
	Hospitais Militares	1.021	12	503	3	518	9	542	6	536	6	6	—	479	6
Março	Hospitais Cívils	3.621	3.859	2.036	1.990	1.585	1.869	1.622	1.895	1.471	1.791	151	104	1.999	1.964
	Hospitais Militares	1.725	28	479	6	1.246	20	1.122	19	1.114	19	8	—	603	7

Observações. — Estes elementos são respeitantes aos seguintes hospitais: Hospital Escolar, S. José, Destêrro, D. Estefânia, Arroios, Santo António dos Capuchos, Curry Cabral, Misericórdia — Enfermaria de adultos e crianças, Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, Venerável Ordem Terceira da Penitência de S. Francisco a Jesus, da Marinha, Militar Principal e Auxiliar de Belém.

Movimento comercial do Pôrto de Lisboa segundo os elementos da Estatística Comercial

Mouvement commercial du port de Lisbonne, suivant les éléments de la «Estatística Comercial»

1.º trimestre de 1937

1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 44

Classes da nomenclatura pautal	Importação <i>Importation</i>		Exportação <i>Exportation</i>		Classes de la nomenclature douanière
	Toneladas <i>Tonnes</i>	1.000 escudos	Toneladas <i>Tonnes</i>	1.000 escudos	
I — Animais vivos	504	596	1	13	I — Animaux vivants.
II — Matérias primas	293.108	130.684	82.149	59.532	II — Matières premières.
III — Fios, tecidos, feltros e respectivas obras	674	7.253	218	4.204	III — Fils, tissus, feutres e leurs ouvrages.
IV — Substâncias alimentícias	29.322	33.964	16.144	40.040	IV — Substances alimentaires.
V — Máquinas, aparelhos, ferramentas, etc. Navios. Veículos	2.697	39.481	115	855	V — Machines, appareils, outils, etc. Bateaux. Véhicules.
VI — Manufacturas diversas	7.242	32.527	4.554	14.431	VI — Manufactures diverses.
<i>Total</i>	333.547	246.505	103.181	119.075	
Movimento total no continente e ilhas	495.975	408.350	355.856	271.328	Mouvement total sur le continent et dans les îles.

Movimento de produtos coloniais nos entrepostos do Pôrto de Lisboa

Janeiro a Março de 1937 — Janvier-Mars 1937

Mapa n.º 45

Designação dos produtos Unidade: o quilograma	Existências em 1 de Janeiro de 1937	Entradas durante o 1.º trimestre de 1937	Saídas durante o 1.º trimestre de 1937	Existências em 31 de Março de 1937	Designation des produits Unité: le kilogramme
Total	10.245.789	18.938.111	20.910.869	8.273.031	
Açúcar.....	2.095	6.447	7.561	981	Sucre.
Aguardante	360	—	—	360	Eau-de-vie.
Algodão.....	—	7.799	7.799	—	Coton.
Amendoim	6.629	11.009	11.009	6.629	Arachides.
Arroz.....	39.539	133.351	171.648	1.242	Riz.
Atum em salmoura	—	27.683	13.445	14.238	Thon en saumure.
Banana seca	53.447	21.554	37.664	39.337	Banane sèche.
Banha.....	—	1.060	1.060	—	Saindoax.
Barris vazios	100	—	—	100	Barils vides.
Borracha	8	—	8	—	Caoutchouc.
Cacaó	1.936.293	1.732.093	2.472.736	1.195.650	Cacao.
Café	5.390.749	4.443.822	6.953.423	2.881.148	Café.
Café fino (S. Tomé)	50.685	63.229	66.242	47.672	Café fin (St. Thomé).
Café (resíduos)	73.677	66.447	68.240	73.884	Café (résidus).
Canela	166	210	210	166	Cannelle.
Capim	1.098	—	648	450	«Capim».
Cêra	122.736	249.777	331.959	40.554	Cire.
Chá	4.149	2.546	1.017	5.678	Thé.
Coconote	411.177	961.390	1.004.124	368.443	Coconote.
Côco ralado	229	—	229	—	Coco râpé.
Cola	2.708	11.980	8.051	6.637	Kola.
Conservas.....	527.854	248.532	629.305	147.091	Conserves.
Copra	66.960	278.750	319.827	25.883	Coprah.
Codros	110.832	384.523	425.983	69.372	Cairs.
Diversos	3.976	26.780	17.998	12.758	Divers.
Farinha de milho	16.008	—	16.008	—	Farine de maïs.

Designação dos produtos Unidade: o quilograma	Existências em 1 de Janeiro de 1937	Entradas durante o 1.º trimestre de 1937	Saídas durante o 1.º trimestre de 1937	Existências em 31 de Março de 1937	Désignation des produits Unité: le kilogramme
Farinha de peixe	11.500	7.600	7.600	11.500	Farine de poisson.
Feijão.....	844.605	221.836	334.078	732.363	Haricots.
Feno.....	2.864	—	—	2.864	Foin.
Fôlha de abacate	1.967	—	517	1.650	Feuilles d'avocatier.
Fôlha de macerão.....	498	—	—	498	Feuilles de macaron.
Fôlhas medicinaes.....	676	—	—	676	Feuilles médicinales.
Frutas	411	900	1.511	—	Fruits.
Gergelim	32.755	36.544	12.310	6.989	Sésame.
Ginguba	1.065	23.186	12.938	11.313	Arachides.
Goma	41.494	26.116	19.326	48.287	Gomme.
Guano de peixe	580	—	—	580	Guano de poisson.
Lã.....	640	—	640	—	Laine.
Madeira.....	5.018	40.267	28.160	16.825	Bois.
Mandioca.....	6.169	9.240	9.207	6.112	Manioc.
Mateba	12.600	—	12.600	—	Doamier.
Mel.....	3.378	—	—	3.378	Miel.
Melaço.....	7.544	—	—	7.544	Mélasse,
Milho	13.500	7.861.469	6.071.981	1.802.988	Maïs.
Óleo de baleia	86	12.919	12.919	86	Huile de baleine.
Óleo de palma	106.274	486.085	440.808	151.551	Huile de palme.
Óleo de peixe.....	28.654	4.594	32.657	611	Huile de poisson.
Ovos	400	—	400	—	Oeufs.
Peixe	—	6.240	—	6.240	Poisson.
Pargueira	15.481	435.044	175.759	294.766	Parghère.
Quina	15.296	1.149	7.472	8.973	Quinquina.
Rícino.....	135.289	398.305	409.596	125.998	Ricin.
Sementes de algodão	5.100	336.436	365.952	27.584	Graines de coton.
Sisal.....	120.458	281.108	334.587	66.979	Sisal.
Sumadma	655	—	515	140	Kapok.
Tabaco.....	495	91	323	265	Tabac.
Urzela	4.849	—	4.849	—	Orseille.

Portugueses embarcados nos portos das colónias portuguesas

Passagers partis des ports des colonies portugaises

Naturalidades	Total	Sexo e estado civil Sexe et état civil									
		Varões Hommes					Fêmeas Femmes				
		Total	Solteiros	Casados	Viuuos	Divorciados	Total	Solteiras	Casadas	Viuvas	Divorciadas
Portugueses nascidos no continente.....	585	362	167	135	6	6	223	82	123	12	6
Portugueses nascidos nas ilhas.....	5	3	—	3	—	—	2	1	1	—	—
Portugueses nascidos nas colónias.....	187	110	88	20	1	1	77	64	13	—	—
Portugueses nascidos no estrangeiro.....	2	—	—	—	—	—	2	—	2	—	—
Estrangeiros.....	14	8	1	6	1	1	6	1	4	—	1
Total	793	483	256	212	8	8	310	148	143	12	7

Passageiros embarcados no Pôrto de Lisboa com destino

Passagers partis du port de Lisbonne vers les colonies

Naturalidades	Total	Sexo e estado civil Sexe et état civil									
		Varões Hommes					Fêmeas Femmes				
		Total	Solteiros	Casados	Viuuos	Divorciados	Total	Solteiras	Casadas	Viuvas	Divorciadas
Portugueses nascidos no continente.....	1.062	640	300	330	8	2	422	147	256	16	3
Portugueses nascidos nas ilhas.....	9	8	3	5	—	—	1	—	1	—	—
Portugueses nascidos nas colónias.....	194	111	94	15	2	—	83	66	15	2	—
Portugueses nascidos no estrangeiro.....	7	3	3	—	—	—	4	—	4	—	—
Estrangeiros.....	23	21	13	8	—	—	2	1	1	—	—
Total	1.295	783	413	358	10	2	512	214	277	18	3

de Africa com destino ao pôrto de Lisboa em 1937 (1.º trimestre)

d'Afrique vers le port de Lisbonne en 1937 (1^{er} trimestre)

Mapa n.º 46

Naturalidades	Sexo e idades Sexe et âge										Sexo e procedência Sexe et provenance													
	Varões Hommes					Fêmeas Femmes					Varões Hommes					Fêmeas Femmes								
	Total	Até 14 anos	Dos 15 aos 20 anos	Dos 21 aos 40 anos	Mais de 40 anos	Idade ignorada	Total	Até 14 anos	Dos 15 aos 20 anos	Dos 21 aos 40 anos	Mais de 40 anos	Idade ignorada	Total	Cabo Verde	Guiné	S. Tomé e Príncipe	Angola	Moçambique	Total	Cabo Verde	Guiné	S. Tomé e Príncipe	Angola	Moçambique
Portugueses nascidos no continente.....	362	37	17	216	92	—	223	52	13	114	44	—	362	14	13	10	220	96	223	7	6	3	129	78
Portugueses nascidos nas ilhas.....	3	—	—	2	1	—	2	—	—	2	—	—	3	—	—	1	—	2	2	—	—	—	—	2
Portugueses nascidos nas colónias.....	110	65	7	22	16	—	77	53	7	17	—	—	110	24	4	—	52	30	77	5	4	1	38	29
Portugueses nascidos no estrangeiro.....	—	—	—	—	—	—	2	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	1	1
Estrangeiros.....	8	—	—	5	3	—	6	—	—	4	2	—	8	1	3	—	4	—	6	—	—	1	5	—
Total	483	102	24	245	112	—	310	105	20	138	47	—	483	39	20	11	285	128	310	12	10	5	173	110

às colónias portuguesas de Africa em 1937 (1.º trimestre)

portugaises d'Afrique en 1937 (1^{er} trimestre)

Mapa n.º 46-A

Naturalidades	Sexo e idades Sexe et âge										Sexo e destino Sexe et destination													
	Varões Hommes					Fêmeas Femmes					Varões Hommes					Fêmeas Femmes								
	Total	Até 14 anos	Dos 15 aos 20 anos	Dos 21 aos 40 anos	Mais de 40 anos	Idade ignorada	Total	Até 14 anos	Dos 15 aos 20 anos	Dos 21 aos 40 anos	Mais de 40 anos	Idade ignorada	Total	Cabo Verde	Guiné	S. Tomé e Príncipe	Angola	Moçambique	Total	Cabo Verde	Guiné	S. Tomé e Príncipe	Angola	Moçambique
Portugueses nascidos no continente.....	640	65	46	377	141	11	422	87	38	218	65	14	640	18	35	27	295	265	422	16	13	13	187	193
Portugueses nascidos nas ilhas.....	8	—	—	5	3	—	1	—	1	—	—	—	8	2	—	—	4	2	1	—	—	—	1	—
Portugueses nascidos nas colónias.....	111	57	15	28	10	1	83	44	10	21	8	—	111	20	3	1	47	40	83	7	5	4	33	34
Portugueses nascidos no estrangeiro.....	3	—	—	2	1	—	4	—	1	3	—	—	3	2	—	—	1	—	4	—	1	—	1	2
Estrangeiros.....	21	—	—	17	4	—	2	1	—	1	—	—	21	—	3	—	17	1	2	—	1	—	1	—
Total	783	122	61	429	159	12	512	132	50	243	73	14	783	42	41	28	364	308	512	23	20	17	223	229

Acidentes de viação na Cidade de Lisboa, em 1937
(1.º trimestre)

*Accidents de circulation dans la ville de Lisbonne, en 1937
(1^{er} trimestre)*

Mapa n.º 47

Meses <i>Mois</i>	Número de acidentes <i>Nombre d'accidents</i>	Consequências <i>Conséquences</i>			Sinistrados <i>Victimes</i>						Veículos <i>Véhicules</i>								
		Total <i>Total</i>	Feridos <i>Blessés</i>	Mortos <i>Morts</i>	Adultos <i>Adultes</i>	Crianças <i>Enfants</i>	Condutores <i>Conducteurs</i>	Passageiros <i>Passagers</i>	Peões <i>Piétons</i>	Total <i>Total</i>	Automóveis <i>Automobiles</i>				Motociclos <i>Motocyclettes</i>	Bicicletas <i>Bicyclettes</i>	Eléctricos <i>Tramways</i>	Carrinhos <i>Trains</i>	Outros <i>Autres</i>
											Ligeiros <i>Légers</i>	Pesados <i>Pesants</i>	Serviço público <i>Service public</i>	Outros <i>Autres</i>					
Janeiro..... <i>Janvier.....</i>	530	199	196	3	164	35	11	36	145	445	213	65	2	43	3	17	79	—	22
Fevereiro..... <i>Février.....</i>	355	202	201	1	145	57	12	31	152	458	225	57	—	33	8	15	86	1	35
Março..... <i>Mars.....</i>	528	209	207	2	162	47	11	41	149	451	213	65	2	36	5	15	80	2	39
<i>Total....</i>	993	610	604	6	471	139	34	108	446	1,354	651	186	4	112	14	45	245	3	96

Embarcações entradas no Pôrto de Lisboa, segundo a tonelagem e nacionalidade

Embarcations entrées dans le port de Lisbonne, suivant tonnage et nationalité

Mapa n.º 48

Nacionalidade das embarcações entradas <i>Nationalité des embarcations entrées</i>	Ano de 1937 <i>Année 1937</i>						
	Número de embarcações e sua tonelagem <i>Nombre et tonnage des embarcations</i>						
	Janeiro <i>Janvier</i>		Fevereiro <i>Février</i>		Março <i>Mars</i>		
	Número <i>Nombre</i>	Tonelagem <i>Tonnage</i>	Número <i>Nombre</i>	Tonelagem <i>Tonnage</i>	Número <i>Nombre</i>	Tonelagem <i>Tonnage</i>	
Portuguesa	{ Longo curso, pesca longínqua — <i>Long cours, pêche lointaine</i> Cabotagem, pesca do alto — <i>Cabotage, pêche en haute mer</i> Navegação costeira nacional — <i>Navigation côtière nationale</i> Navegação costeira internacional — <i>Navigation côtière internationale</i>	22	79.497	24	76.854	22	71.079
		9	8.020	4	6.189	4	6.187
		19	6.659	22	7.511	17	5.249
		43	12.957	28	9.510	34	11.753
Alemã	34	244.412	(b) 47	242.296	33	214.928	
Americana	1	5.065	3	16.589	1	5.091	
Belga	2	1.251	—	—	—	—	
Brasileira	2	1.227	5	32.727	4	27.207	
Dinamarquesa	10	29.624	15	27.862	14	26.274	
Espanhola	—	—	—	—	4	5.215	
Estoniana	—	—	2	3.756	3	4.665	
Finlandesa	1	2.245	4	8.776	3	6.079	
Francesa	7	70.208	(c) 12	77.503	10	80.621	
Grega	—	—	3	10.097	2	6.587	
Holandesa	(a) 16	89.642	19	77.921	(e) 22	73.546	
Inglesa	41	305.550	(d) 49	347.970	51	359.132	
Italiana	9	79.071	8	69.188	6	66.020	
Japonesa	1	6.988	—	—	1	7.061	
Jago-Eslava	1	1.608	—	—	—	—	
Letoniana	—	—	—	—	—	—	
Norueguesa	24	72.543	35	81.540	29	76.813	
Sueca	7	12.257	12	23.644	9	14.616	
Outra	—	—	2	12.102	1	2.880	
Total	249	1.028.824	294	1.132.015	270	1.070.803	
Total nos portos do Continente <i>Total dans les ports du Continent</i>	455	1.713.287	502	1.391.538	485	1.329.846	

(a) — Incluindo um navio de guerra com 6.000 toneladas.
 (b) — Incluindo um navio de guerra com 5.815 toneladas.
 (c) — Incluindo três navios de guerra com 4.503 toneladas.
 (d) — Incluindo um navio de guerra com 31.500 toneladas.
 (e) — Não incluindo um navio de guerra com 2.818 toneladas.

Telégrafos — Cidade de Lisboa

Télégraphes — Ville de Lisbonne

Número de telegramas nacionais e internacionais
de transmissão, recepção e trânsito, no 1.º trimestre de 1937

*Nombre de télégrammes nationaux et internationaux transmis,
reçus et en transit au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 49

Meses <i>Mois</i>	Número de telegramas <i>Nombre de télégrammes</i>			
	Total <i>Total</i>	De transmissão <i>Transmis</i>	De recepção <i>Reçus</i>	De trânsito <i>En transit</i>
Janeiro — <i>Janvier</i>	167.303	57.697	65.302	44.304
Fevereiro — <i>Février</i>	144.035	48.284	54.597	41.204
Março — <i>Mars</i>	168.241	58.129	62.202	47.910
Total — <i>Total</i>	479.629	164.110	182.101	133.418
Total do Continente (1937).....	1.552.087	476.214	549.633	526.240
<i>Total du Continent (1937)</i>				

Correios — Cidade de Lisboa

Postes — Ville de Lisbonne

Correspondência registada e encomendas postais no 1.º trimestre de 1937

Correspondance recommandée et colis postaux au cours du 1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 50

Correspondência <i>Correspondance</i>	Meses <i>Mois</i>	Cartas registadas e com valor declarado <i>Lettres recommandées et lettres chargées</i>			Encomendas postais <i>Colis postaux</i>			
		Registados <i>Recommandées</i>	Número <i>Nombre</i>	Com valor declarado <i>Lettres chargées</i>		Número <i>Nombre</i>	Com valor declarado <i>Avec valeur déclarée</i>	Importância <i>Importance</i>
				Número <i>Nombre</i>	Importância <i>Valeur</i>			
Recebida <i>Reçue</i>	Janeiro — <i>Janvier</i>	12.763	963.832\$55	114.403\$88	
	Fevereiro — <i>Février</i>	15.575	850.657\$29	178.671\$79	
	Março — <i>Mars</i>	15.050	1.067.553\$89	212.274\$25	
	Total — <i>Total</i>	41.368	2.862.043\$73	505.439\$92	
Total no Continente (1937)	154.801	3.896.890\$41	3.156.153\$56	
<i>Total pour le Continent (1937)</i>					
Expedida <i>Expédiée</i>	Janeiro — <i>Janvier</i>	16.011	22.077\$70	443.801\$63	
	Fevereiro — <i>Février</i>	16.413	24.103\$05	527.527\$03	
	Março — <i>Mars</i>	20.713	30.295\$41	516.264\$33	
	Total — <i>Total</i>	53.137	76.476\$16	1.487.593\$01	
Total no Continente (1937)	161.576	296.203\$60	3.081.269\$46	
<i>Total pour le Continent (1937)</i>					

Preços dos produtos alimentares de origem vegetal

Prix des produits alimentaires d'origine végétale

1937 1.º trimestre — 1937 1.º trimestre

Mapa n.º 51

Produtos	Unidade	Cidade de Lisboa Ville de Lisbonne			Continente Continent			Unité	Produits
		Janeiro Janvier	Fevereiro Février	Março Mars	Janeiro Janvier	Fevereiro Février	Março Mars		
Açúcar:									
Amarelo escuro	Quilo	3\$90	4\$10	3\$90	3\$92	3\$92	3\$95	Kilo	Sacré: Jaune foncé.
Amarelo claro	"	4\$20	4\$20	4\$20	4\$09	4\$09	4\$10	"	Jaune clair.
Branco	"	4\$40	4\$40	4\$30	4\$31	4\$35	4\$35	"	Blanc.
Arroz:									Riz:
Nacional de 1.ª	"	2\$70	3\$00	3\$00	2\$95	3\$00	2\$95	"	National de 1.ère.
Nacional de 2.ª	"	2\$40	2\$80	2\$80	2\$71	2\$72	2\$70	"	National de 2.ème.
Estrangeiro de 1.ª	"	2\$90	2\$90	3\$30	3\$11	3\$02	3\$11	"	Etranger de 1.ère.
Estrangeiro de 2.ª	"	-\$-	-\$-	-\$-	2\$90	2\$90	2\$91	"	Etranger de 2.ème.
Azeite:									Huile:
Extra — Acidez até 1 grau	Litro	8\$20	8\$40	8\$30	8\$41	8\$45	8\$47	Litre	Extra — acidité jusqu'à 1°.
Fino — acidez de 1 a 2,5 graus ...	"	7\$80	7\$60	7\$90	8\$07	8\$13	8\$09	"	Fin — acidité de 1° à 2°.
Consumo — Acidez de 2,5 a 5 graus	"	7\$50	7\$50	7\$70	7\$95	7\$86	7\$79	Kilo	Consommation — acidité de 2°,5 à 5°.
Azeitonas curtidas	Quilo	2\$40	2\$40	2\$40	2\$26	2\$70	2\$24	"	Olives confites.
Batatas	"	\$65	1\$00	\$75	\$77	\$87	\$75	"	Pommes de terre.
Café:									Café:
Fino	"	12\$00	12\$00	12\$00	14\$03	14\$86	14\$23	"	Fin.
Moído lotado	"	10\$00	8\$00	7\$00	9\$25	9\$63	9\$11	"	Moulu mélangé.
Cacaa	"	12\$00	12\$00	12\$00	13\$47	12\$30	15\$00	"	Cacao.
Chá:									Thé:
Nacional	"	24\$00	24\$00	24\$00	30\$40	30\$71	29\$95	"	National.
Estrangeiro	"	50\$00	50\$00	50\$00	50\$93	50\$06	50\$12	"	Etranger.
Feijão:									Haricots:
Amarelo	Litro	1\$60	1\$55	1\$60	1\$45	1\$50	1\$58	Litre	Jaunes.
Branco	"	1\$80	1\$80	2\$00	1\$65	1\$48	1\$71	"	Blancs.
Frade	"	1\$80	1\$45	1\$90	1\$10	1\$17	1\$15	"	«Frade».
Manteiga	"	2\$00	2\$00	2\$00	1\$90	1\$91	1\$86	"	«Manteiga».
Vermelho	"	1\$40	1\$40	1\$40	1\$30	1\$54	1\$52	"	Rougs.
Grão:									Pois chiche:
Espanhol	"	3\$60	3\$40	3\$60	2\$25	2\$23	2\$15	"	Espagne.
Nacional	"	2\$30	1\$90	2\$35	1\$51	1\$55	1\$55	"	National
Massas:									Pâtes:
Bambus	Quilo	5\$20	4\$80	5\$00	5\$15	5\$68	4\$77	Kilo	«Bambus».
Cortada e miúdos	"	3\$60	4\$00	4\$00	3\$91	3\$75	3\$77	"	Cassée et menue.
Inteira	"	3\$90	3\$90	3\$90	3\$99	4\$07	4\$18	"	Entière.
Italiana	"	6\$80	6\$80	7\$20	6\$92	6\$68	6\$13	"	Italienne.

Produtos	Unidade	Cidade de Lisboa Ville de Lisbonne			Continente Continent			Unité	Produits
		Janeiro Janvier	Fevereiro Février	Março Mars	Janeiro Janvier	Fevereiro Février	Março Mars		
Laxo, em pacotes.....	Quilo	4\$80	4\$80	5\$00	5\$57	5\$55	5\$44	Kilo	Luxe, en paquets.
Míddá.....	"	3\$80	3\$80	4\$00	3\$74	3\$78	3\$86	"	Ménué.
Nacional.....	"	3\$20	5\$00	5\$00	4\$81	5\$24	5\$10	"	Nationale.
Legumes verdes:									Légumes verts:
Brócolos.....	Molho	2\$00	1\$50	2\$50	1\$49	\$72	1\$27	Botte	Brocoll.
Cebola.....	Quilo	1\$00	1\$20	1\$40	1\$00	1\$12	1\$17	Kilo	Oignons.
Cenoara.....	Molho	1\$00	1\$50	1\$50	\$40	\$46	\$53	Botte	Carottes.
Coave-flor.....	Cada	1\$50	-\$-	1\$50	1\$45	-\$-	\$80	Pièce	Choax-fleurs.
Coave portuguesa ou penca.....	"	\$40	\$45	\$30	\$41	\$37	\$38	"	Choax portugais.
Ervilha verde.....	Quilo	2\$50	-\$-	2\$40	3\$00	4\$00	3\$56	Kilo	Pois vers.
Grelos.....	Molho	\$50	\$50	\$70	\$70	\$46	\$47	Botte	Choax montés.
Nabos.....	Mão	1\$00	1\$00	1\$50	\$65	\$48	\$61	"	Navets.
Tomates.....	Quilo	2\$20	4\$00	4\$00	2\$00	2\$00	3\$50	Kilo	Tomates.
Frutos verdes:									Fruits verts:
Ameixa.....	Dúzia	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	Dozaine	Pranes.
Castanha.....	Quilo	1\$20	1\$00	-\$-	1\$05	1\$08	1\$18	Kilo	Châtaignes.
Laranja.....	Dúzia	2\$00	3\$00	2\$00	1\$85	2\$07	1\$97	Dozaine	Oranges.
Limão.....	"	5\$00	3\$00	2\$50	3\$92	3\$56	3\$88	"	Citrons.
Maçã.....	"	8\$00	10\$00	8\$00	2\$76	3\$33	3\$72	"	Pommes.
Nêspera ou magnório.....	"	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	"	Nêfles.
Pêssego.....	"	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	11\$00	"	Pêches.
Pêra.....	"	10\$00	10\$00	10\$00	5\$50	10\$50	4\$43	"	Poires.
Pêro.....	"	4\$00	3\$00	-\$-	2\$54	2\$65	-\$-	"	Pommes douces.
Tangerina.....	"	2\$00	2\$50	3\$50	1\$75	1\$72	2\$08	"	Mandarines.
Uva.....	Quilo	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	Kilo	Raisins.
Pão:									Pain:
Milho ou centeio.....	"	1\$60	1\$60	1\$60	1\$15	1\$22	1\$18	Kilo	Mais ou seigle.
Trigo de 1.ª qualidade.....	"	3\$10	3\$10	3\$10	2\$94	2\$85	2\$87	"	Blé de 1ère qualité.
Trigo de 2.ª qualidade.....	"	1\$90	1\$90	1\$90	1\$84	1\$79	1\$86	"	Blé de 2ème qualité.
Trigo de 3.ª qualidade.....	"	1\$60	1\$60	1\$60	1\$62	1\$62	1\$48	"	Blé de 3ème qualité.
Farinha:									Farine:
De milho.....	"	1\$60	1\$60	1\$60	1\$33	1\$35	1\$46	"	De maïs.
De trigo.....	"	2\$40	2\$40	2\$20	2\$52	2\$34	2\$24	"	De blé.
Temperos:									Assaisonnements:
Pimenta em pó.....	"	18\$00	18\$00	20\$00	20\$00	17\$83	19\$38		Poivre en poudre.
Sal.....	Litro	\$30	\$25	\$30	\$27	\$27	\$31	Litre	Sel.
Vinhos:									Vins:
Branco.....	"	1\$70	1\$70	1\$70	1\$92	1\$91	1\$91	"	Blanc.
Tinto.....	"	1\$60	1\$60	1\$60	1\$84	1\$87	1\$84	"	Rouge.
Vinagre.....	"	1\$00	1\$00	1\$00	1\$56	1\$63	1\$57	"	Vinaigre.

Preços dos produtos alimentares de origem animal

Prix des produits alimentaires d'origine animale

1937 1.º trimestre — 1937 1.º trimestre

Mapa n.º 52

Produtos	Unidade	Cidade de Lisboa Ville de Lisbonne			Continente Continent			Unité	Produits
		Janeiro Janvier	Fevereiro Février	Março Mars	Janeiro Janvier	Fevereiro Février	Março Mars		
Ovos									Oeufs
Ovos	Dúzia	5\$00	4\$60	4\$00	4\$05	3\$60	3\$40	Dozaine	Oeufs.
Leite									Lait
Leite de vaca	Litro	1\$60	1\$40	1\$40	1\$26	1\$27	1\$28	Litre	De vache.
Manteiga									Bourre
Com sal	Quilo	16\$00	16\$00	16\$00	17\$64	17\$52	18\$11	Kilo	Salé
Sem sal	"	20\$00	20\$00	20\$00	21\$75	19\$72	20\$00	"	Frais.
Queijo									Fromage
Da Serra da Estréla	Quilo	14\$00	12\$00	12\$00	13\$76	14\$52	13\$82	Kilo	De la «Serra da Estréla».
Tipo flamengo, nacional..	"	14\$00	14\$00	14\$00	17\$58	17\$73	17\$88	"	Type de Hollande (national).
Tipo flamengo, estrang.º	"	22\$00	22\$00	22\$00	23\$00	23\$33	23\$56	"	Type de Hollande (étranger).
Mariscos									Coquillages
Amêijoia	Quilo	4\$50	2\$00	3\$00	4\$61	2\$90	3\$53	Kilo	Coques.
Berbigão	"	2\$00	1\$50	1\$00	1\$74	1\$45	1\$55	"	Palourdes.
Camarão	"	10\$00	10\$00	15\$00	13\$90	13\$60	13\$84	"	Crevettes.
Mixilhão	"	\$80	\$50	—\$—	1\$48	1\$18	1\$25	"	Moules.
Ostra	Dúzia	3\$00	2\$60	2\$50	2\$00	1\$82	2\$07	Dozaine	Haitres.
Santola	Cada	1\$00	\$80	2\$50	1\$94	1\$58	2\$28	Pièce	Araignée de mer.
Peixe fresco									Poisson frais
Besugo	Dúzia	6\$00	5\$00	5\$00	6\$83	5\$07	5\$86	Dozaine	Daurade commune.
Cachucho	"	6\$00	6\$00	12\$00	7\$34	5\$58	6\$96	"	Sorte de brime.
Carapau	"	2\$00	1\$50	2\$00	1\$76	1\$80	1\$81	"	Épinoche.
Cherne	Cada	12\$00	15\$00	—\$—	13\$36	11\$30	16\$35	Pièce	Cernier.
Chicharro	"	\$50	\$70	\$70	\$77	\$99	\$96	"	Chinchard.
Chôco	"	1\$00	1\$50	5\$00	1\$00	1\$95	2\$45	"	Sèche.
Corvina	"	30\$00	25\$00	25\$00	28\$96	22\$61	25\$14	"	Ombrine.
Doorada	Dúzia	36\$00	24\$50	48\$00	33\$68	29\$53	31\$75	Dozaine	Daurade.
Eirós ou enguia	"	5\$00	4\$00	10\$00	4\$85	4\$47	6\$87	"	Anguille.
Goraz	Cada	4\$00	3\$50	4\$20	3\$65	3\$82	3\$68	Pièce	Brème.
Linguado	"	3\$00	3\$00	5\$00	3\$75	4\$50	4\$17	"	Sole.
Lula	Dúzia	10\$00	7\$00	—\$—	11\$37	10\$02	10\$44	Dozaine	Sépiole.
Pargo	Cada	3\$00	2\$50	4\$50	3\$40	3\$73	3\$95	Pièce	Pagre.
Peixe-espada	"	4\$00	4\$00	10\$00	5\$84	7\$03	10\$86	"	Espadon.
Pescada	"	5\$00	12\$00	27\$00	17\$44	16\$75	18\$00	"	Merlan.
Pescadinhas	Dúzia	3\$00	3\$00	6\$00	5\$86	6\$06	6\$83	Dozaine	Petit merlan.
Pólvo	Cada	3\$00	3\$00	5\$00	3\$50	3\$60	3\$50	Pièce	Poulpe.
Raia ou arraia	"	5\$00	3\$50	3\$00	4\$77	3\$80	3\$33	"	Raie.
Raivo	"	1\$00	1\$50	3\$00	2\$00	2\$57	2\$86	"	Grondin.
Safo ou congro	Quilo	6\$00	5\$80	—\$—	4\$07	4\$62	4\$28	Kilo	Congre.
Sardinha	Dúzia	1\$50	1\$00	\$70	\$95	1\$01	1\$12	Dozaine	Sardine.
Sável	Cada	10\$00	8\$50	10\$00	13\$33	12\$80	13\$00	Pièce	Alose.
Peixe salgado									Poisson salé
Atam em salmoura	Quilo	7\$00	6\$40	7\$00	7\$53	7\$26	7\$10	Kilo	Thon en saumure.
Sardo	Dúzia	16\$00	18\$00	—\$—	12\$61	11\$83	6\$30	Dozaine	Maquereau.
Bacalhau									Morue
Português	Quilo	4\$40	4\$00	4\$55	4\$64	4\$49	4\$48	Kilo	Portugaise.
Sueco	"	4\$76	4\$40	4\$75	4\$43	4\$36	4\$31	"	Saédois.
Francês	"	3\$60	—\$—	—\$—	3\$83	3\$65	3\$53	"	Français.
Inglês	"	4\$50	4\$70	5\$50	5\$23	5\$25	5\$22	"	Anglais.

Observação. — Os preços apresentados representam a média aritmética simples dos preços notados directamente pelo Instituto Nacional de Estatística no dia 15 do mês a que se referem. — *Les prix indiqués représentent la moyenne arithmétique simple des prix notés directement par l'Institut National de Statistique le 15ème jour du mois auquel ils se rapportent.*

Preços dos produtos empregados no aquecimento e na higiene doméstica

Prix des produits employés dans le chauffage et l'hygiène domestique

1.º trimestre de 1937

1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 53

Géneros	Unidade <i>Unité</i>	Cidade de Lisboa <i>Ville de Lisbonne</i>			Continentes <i>Continent</i>			Articles
		Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	
		Carvão de coque.....	Quilo	\$40	\$40	\$40	\$38	
Carvão de sôbro.....	Quilo	\$60	\$60	\$60	\$54	\$57	\$56	Charbon de bois.
Electricidade.....	Kw.	1\$89,6	1\$89,6	1\$89,6	1\$93	2\$11	2\$14	Electricité.
Gás.....	M. c.	1\$10	1\$10	1\$10	2\$10	1\$93	2\$10	Gaz.
Lenha.....	M. c.	\$30	\$25	\$25	\$16	\$16	\$15	Bois à bruler.
Petróleo.....	Quilo	1\$30	1\$30	1\$40	1\$53	1\$54	1\$55	Pétrole.
Água.....	M. c.	2\$00	2\$00	2\$00	3\$07	2\$88	2\$88	Eau.
Potassa.....	Quilo	1\$60	1\$60	1\$60	1\$74	1\$84	1\$90	Potasse.
Sabão para lavagem de roupa ...	Quilo	2\$40	2\$30	2\$20	2\$70	2\$60	2\$65	Savon bleu et blanc.
Sabão amendoa para esfregar ...	Quilo	1\$00	1\$00	1\$00	1\$41	1\$32	1\$36	Savon amande.

Protesto de letras na cidade de Lisboa

Protêt de effets dans la ville de Lisbonne

1.º trimestre de 1937

1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 54

		Meses <i>Mois</i>			Total <i>Total</i>	
		Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>		
Escudos.....	{ Número ..	595	496	517	1.608	
	{ Valor	1.478.491	1.123.086	1.637.445	4.239.022	
Libras.....	{ Número ..	13	6	2	21	
	{ Valor	2.910-12-7	1.079-0-5	138-11-1	4.128-4-1	
Francos franceses ..	{ Número ..	—	—	1	1	
	{ Valor	—	—	153,50	153,5	
Número e valor das letras protestadas.....	{ Reichsmark.....	{ Número ..	8	10	4	22
	{ Valor	1.683,79	7.342,05	592,50	9.618,34	
<i>Nombre et valeur des traites protestés.....</i>	{ Pesetas.....	{ Número ..	2	—	—	2
	{ Valor	2.751,40	—	—	2.751,40	
Dolares.....	{ Número ..	1	—	—	1	
	{ Valor	840,43	—	—	840,43	
Corôas checas.....	{ Número ..	1	—	—	1	
	{ Valor	4.648,95	—	—	4.648,95	

Protesto de letras segundo o seu valor

Protêt d'effets d'après leur montant

Mapa n.º 56

Valores em escudos <i>Valeurs en escudos</i>	Ano de 1937 <i>Année 1937</i>		
	Número de letras <i>Nombre de traites</i>		
	Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Até 500	181	157	..
De 500 a 1.000	142	116	..
De 1.000 a 2.500	144	110	..
De 2.500 a 5.000	64	66	..
De 5.000 a 7.500	23	24	..
De 7.500 a 10.000	8	8	..
De 10.000 a 15.000	14	2	..
De 15.000 a 20.000	11	6	..
De 20.000 a 30.000	4	5	..
De 30.000 a 50.000	3	2	..
De 50.000 a 100.000	1	—	..
De 100.000 a 250.000	—	—	..
De 250.000 a 500.000	—	—	..
De 500.000 a 1.000.000	—	—	..
De mais de 1.000.000	—	—	..
<i>Total</i>	595	496	..
Total no continente e ilhas	2.795	2.598	..
<i>Total pour le continent et les îles</i>			

**Cotações e número de títulos transaccionados
na Bôlsa de Lisboa
no 1.º trimestre de 1937**

*Cours et nombre des valeurs mobilières négociées
à la Bourse de Lisbonne au cours du 1^{er} trimestre 1937*

Mapa n.º 57

Designação dos títulos e sua classificação <i>Désignation et classification des valeurs</i>	Valor nominal dos títulos <i>Valeur nominale des titres</i>	Cotações dos títulos (efectuado) <i>Cours comptant</i> Última cotação de Março	Número de títulos transaccionados <i>Quantité de valeurs vendues</i>		
			Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
I série — Fundos de Estado					
I grupo — Fundos do Estado Português					
			(a)	(b)	(c)
6 1/2 0/0, ouro, convertido em 4 3/4 0/0, 1934.....	1.100\$00	-\$-	875	1.172	1.125
Consolidado, 5 1/2 0/0, 1933	1.000\$00	1.100\$00	4.490	2.757	3.562
Consolidado, 4 1/2 0/0, 1933	1.000\$00	1.035\$00	1.328	689	2.342
Consolidado, 4 0/0, 1934.....	1.000\$00	1.000\$00	7.195	3.805	3.462
Consolidado, 3 3/4 0/0, 1936	1.000\$00	979\$00	21.895	12.597	7.161
Externo, 3 0/0, 1.ª série	90\$00	1.753\$00	1.805	2.007	1.310
Externo, 3 0/0, 1.ª série (carimbado)	90\$00	1.790\$00	5.493	1.455	1.773
Externo, 3 0/0, 2.ª série	90\$00	1.926\$00	308	56	48
Externo, 3 0/0, 2.ª série (carimbado)	90\$00	1.940\$00	235	61	305
Externo, 3 0/0, 3.ª série	90\$00	1.756\$00	325	640	193
Externo, 3 0/0, 3.ª série (carimbado)	90\$00	1.800\$00	401	232	389
Externo (cautelas) sem jaro	30\$00	183\$00	6.486	4.163	4.102
Externo (cautelas) sem jaro (carimbado).....	30\$00	184\$50	16	247	22
Empréstimo de 4 1/2 0/0, 1912, ouro, ass.	90\$00	-\$-	—	—	—
Empréstimo de 4 1/2 0/0, 1912, ouro, cap.....	90\$00	2.225\$00	144	23	13
Empréstimo de 4 1/2 0/0, 1912, ouro, (carimbado) ..	90\$00	-\$-	—	—	—
Empréstimo de 5 0/0, 1917, ass.	80\$00	-\$-	—	—	—
Empréstimo de 5 0/0, 1917, cap.	80\$00	85\$00	338	136	193
Empréstimo de 6 1/2 0/0, 1930, Consolidação	500\$00	-\$00	—	—	—
II grupo — Fundos de Estados estrangeiros					
Fundos brasileiros					
Empréstimo de 5 0/0, 1895, t. £ 100	-\$-	3.150\$00	103	88	50
Empréstimo de 5 0/0, 1895, t. £ 500	-\$-	3.400\$00	2	—	—
Empréstimo de 5 0/0, 1895, t. £ 1.000	-\$-	-\$-	—	1	—
Empréstimo de 5 0/0, 1903 (Pôrto-Rio), t. £ 100 ...	-\$-	4.550\$00	71	93	102
Empréstimo de 5 0/0, 1903 (Pôrto-Rio), t. £ 500 ...	-\$-	4.500\$00	4	5	11
Empréstimo de 5 0/0, 1903 (Pôrto-Rio), t. £ 1.000..	-\$-	-\$-	—	3	—
Empréstimo de 5 0/0, 1913, t. £ 100.....	-\$-	3.300\$00	64	84	169
Empréstimo de 5 0/0, 1913, t. £ 500.....	-\$-	3.300\$00	4	—	6
Empréstimo de 5 0/0, 1913, t. £ 1.000	-\$-	3.270\$00	4	1	—
Empréstimo de 5 0/0, 1914 (<i>Funding</i>), t. £ 20	-\$-	9.400\$00	303	138	83

Designação dos títulos e sua classificação <i>Désignation et classification des valeurs</i>	Valor nominal dos títulos <i>Valeur nominale des titres</i>	Cotações dos títulos (efectuado) <i>Cours comptant</i> Última cotação de Março	Número de títulos transaccionados <i>Quantité de valeurs vendues</i>		
			Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Empréstimo de 5 0/0, 1914 (<i>Funding</i>), t. £ 100	-\$-	9.400\$00	50	28	18
Empréstimo de 5 0/0, 1914 (<i>Funding</i>), t. £ 500	-\$-	9.550\$00	—	—	1
Empréstimo de 5 0/0, 1914 (<i>Funding</i>), t. £ 1.000	-\$-	9.550\$00	2	—	2
II série — Acções					
I grupo — Acções de estabelecimentos de crédito					
Banco do Alentejo, port.	50\$00	38\$00	275	30	95
Banco Aliança, port.	60\$00	-\$-	—	—	—
Banco Comercial de Lisboa, ass.	100\$00	485\$00	72	10	5
Banco Comercial de Lisboa, port.	100\$00	480\$00	77	110	112
Banco Espírito Santo, ass.	90\$00	-\$-	—	—	—
Banco Espírito Santo, cap.	90\$00	745\$00	30	190	80
Banco Lisboa & Açores, ass.	100\$00	370\$00	15	40	15
Banco Lisboa & Açores, port.	100\$00	372\$00	57	180	159
Banco Nacional Ultramarino, ass.	90\$00	37\$00	2.942	1.410	1.118
Banco Nacional Ultramarino, cap.	90\$00	41\$00	7.022	3.830	2.958
Banco Pinto & Soto Maior	1.000\$00	-\$-	—	—	—
Banco de Portugal, ass.	750\$00	1.145\$00	31	136	10
Banco de Portugal, port.	750\$00	1.143\$00	91	56	133
Banco Português do Continente e Ilhas	500\$00	180\$00	—	165	179
Crédito Predial (Geral), port.	22\$50	19\$50	9.993	3.021	4.302
II grupo — Acções de sociedades extractivas e transformadoras					
Águas da Curia	5\$00	3\$55	—	990	500
Águas de Lisboa, ass. (antigas)	100\$00	-\$-	5	10	—
Águas de Lisboa, port. (antigas)	100\$00	-\$-	339	312	120
Águas de Lisboa, 1934, ass.	100\$00	-\$-	—	—	—
Águas de Lisboa, 1934, port.	100\$00	149\$00	1.578	900	384
Águas de Lisboa, 1936, ass.	100\$00	150\$00	—	1.665	1.307
Águas do Luso	12\$00	-\$-	—	50	—
Cerâmica de Lisboa (Empresa)	25\$00	55\$00	—	188	—
Cervejas Estréla	90\$00	440\$00	170	677	873
Cimento Tejo	100\$00	415\$00	206	510	712
Cimentos de Leiria t. p.	100\$00	500\$00	336	191	130
Fábrica Portugal	1.000\$00	-\$-	—	10	—
Fiação e Tecidos do Pôrto	100\$00	-\$-	—	—	—
Gás e Electricidade, cap.	45\$00	342\$00	17.549	18.311	18.128
Hidro-Eléctrica Alto Alentejo, 1.ª, 2.ª e 3.ª emissões	100\$00	300\$00	86	186	60
Industrial Aliança (Sociedade)	£ 5-0-0	64\$00	1.889	619	1.450
Industrial de Portugal e Colónias	90\$00	77\$30	34.427	57.816	59.777
Lezírias do Tejo e Sado	500\$00	17.800\$00	2	—	2
Moagem Lisbonense	100\$00	-\$-	—	25	216
Papel do Prado	100\$00	-\$-	—	—	—
Portuguesa de Pesca, t. p.	80\$00	291\$00	225	115	782

Designação dos títulos e sua classificação <i>Désignation et classification des valeurs</i>	Valor nominal dos títulos <i>Valeur nominale des titres</i>	Cotações dos títulos (efectuado) <i>Cours comptant</i> Última cotação de Março	Número de títulos transaccionados <i>Quantité de valeurs vendues</i>		
			Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Prestamista Portuguesa	100\$00	195\$00	—	150	240
Sociedade Industrial Farmacêutica	100\$00	310\$00	215	130	130
Tabacos (Companhia Portuguesa de), ass.	£ 1-0-0	-\$-	—	—	—
Tabacos (Companhia Portuguesa de), cap. s/d.	£ 1-0-0	402\$50	4.832	2.977	6.907
Tabacos de Portugal, ass.	90\$00	-\$-	—	—	—
Tabacos de Portugal, cap.	90\$00	378\$00	338	322	615
Tabaqueira (A), ass.	£ 5-0-0	-\$-	—	—	—
Tabaqueira (A), cap.	£ 5-0-0	520\$00	—	—	71
União Eléctrica Portuguesa	100\$00	210\$00	60	145	110
União Fabril	200\$00	3.000\$00	—	—	1
União Fabril Portuense	60\$00	-\$-	—	—	—
Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas	100\$00	300\$00	40	125	474
III grupo — Acções de sociedades transportadoras					
Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal	100\$00	23\$00	—	—	12.006
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, 1932 (ordinárias)	Frs. 500	-\$-	—	—	95
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (privilegiadas)	Frs. 100	17\$00	4.929	4.158	2.856
Companhia Colonial de Navegação	100\$00	20\$00	—	1.095	433
Companhia Nacional de Navegação, t. p.	100\$00	107\$50	5.664	13.595	10.284
Companhia Nacional de Viação e Electricidade ...	25\$00	19\$00	464	50	130
IV grupo — Acções de companhias de seguros					
Bonança, liberadas	200\$00	-\$-	61	50	40
Fidelidade, liberadas	1.000\$00	16.000\$00	—	—	10
Garantia, liberadas	100\$00	-\$-	—	35	1
Mundial, liberadas	100\$00	226\$00	433	461	808
Nacional, liberadas	50\$00	780\$00	—	110	10
Sagres, liberadas	200\$00	1.150\$00	—	25	43
Tagas, liberadas	100\$00	1.020\$00	—	1	15
Tranquilidade	100\$00	-\$-	—	—	—
Ultramarina	100\$00	570\$00	—	10	10
União dos Proprietários	60\$00	168\$00	86	—	139
V grupo — Acções de sociedades coloniais					
Agrícola das Neves	100\$00	290\$00	255	410	585
Agrícola Ultramarina	100\$00	118\$00	200	25	190
Agricultura Colonial (Sociedade)	100\$00	255\$00	227	55	15
Açúcar de Angola s/d.	100\$00	378\$00	4.861	3.188	2.207
Amboim	-\$-	-\$-	—	—	3.350
Boror	18\$00	179\$00	705	907	691
Cabinda	£ 1-0-0	24\$50	2.556	1.098	3.036
Cassequel	-\$-	-\$-	—	—	350

Designação dos títulos e sua classificação <i>Désignation et classification des valeurs</i>	Valor nominal dos títulos <i>Valeur nominale des titres</i>	Cotações dos títulos (efectuado) <i>Cours comptant</i> — Última cotação de Março	Número de títulos transaccionados <i>Quantité de valeurs vendues</i>		
			Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Cazengo	-\$-	-\$-	—	—	596
Colonial do Bazi, 1. ^a emissão.....	4\$50	55\$00	5.500	9.682	8.552
Colonial do Bazi, 2. ^a emissão	4\$50	55\$30	925	2.353	1.110
Ilha do Príncipe, port.....	100\$00	468\$00	2.170	1.394	2.230
Roça Vista Alegre	100\$00	125\$00	373	270	45
Zambézia	4\$50	29\$50	4.390	1.050	950
III série — Obrigações					
I grupo — Obrigações de estabelecimentos de crédito					
Banco Nacional Ultramarino, 4 1/2 0/0, ass.....	90\$00	60\$00	—	—	—
Banco Nacional Ultramarino, 4 1/2 0/0, cup., ouro..	90\$00	75\$00	—	—	17
Banco Nacional Ultramarino, 6 0/0, (hipotecárias)..	90\$00	-\$-	—	—	—
Crédito Predial, 6 0/0, série A	90\$00	-\$-	—	—	—
Crédito Predial, 6 0/0, 1932, 1. ^a e 2. ^a séries.....	90\$00	91\$30	1.880	605	335
Crédito Predial, 6 0/0, 1934, 1. ^a à 6. ^a séries	90\$00	91\$00	1.456	908	1.581
Crédito Predial, 7 0/0.....	100\$00	108\$00	2.366	1.623	1.510
Crédito Predial, 5 0/0, 1935	90\$00	86\$00	1.600	1.301	1.420
Crédito Predial, 5 0/0 (antigas).....	90\$00	-\$-	—	15	102
II grupo — Sociedades extractivas e transformadoras					
Águas de Lisboa, 4 1/2 0/0, ass.	90\$00	-\$-	20	—	—
Águas de Lisboa, 4 1/2 0/0, cup.....	90\$00	85\$50	203	48	484
Diário de Notícias, (Emp.), 5 0/0	100\$00	-\$-	—	—	—
Gás e Electricidade, 4 0/0.....	90\$00	-\$-	—	—	—
Industrial de Portugal e Colónias, 6 0/0, 1922	90\$00	92\$00	386	476	1.186
Industrial de Portugal e Colónias, 6 0/0, 1933 tit. de 1	90\$00	91\$00	909	969	1.057
Papel do Prado, 4 1/2 0/0.....	90\$00	-\$-	—	—	—
Tinoca, 8 0/0, (hipotecárias)	100\$00	86\$50	—	—	31
União Vinicultores de Portugal (Soc. coop.), 5 0/0..	5\$00	-\$-	798	—	—
União Fabril, 7 0/0	£ 1-0-0	125\$00	63	184	405
União Eléctrica Portuguesa, 7 1/2 0/0.....	£ 1-0-0	117\$50	1.661	744	906
União Eléctrica Portuguesa, 6 1/2 0/0	£ 1-0-0	128\$00	55	285	282
União Eléctrica Portuguesa, 5 0/0	-\$-	108\$50	—	—	55
Vidado, Melgaço & Pedras Salgadas, 7 1/2 0/0.....	100\$00	118\$50	—	—	45
III grupo — Sociedades transportadoras					
Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, 3 0/0, 1. ^o grau	90\$00	180\$00	—	128	275
Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, 3 0/0, 2. ^o grau	90\$00	-\$-	—	—	—
Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, 5 0/0, ouro	90\$00	1.600\$00	103	180	42
Minho e Douro e Sal e Saeste, 7 3/4 0/0	100\$00	-\$-	95	25	—

Designação dos títulos e sua classificação <i>Désignation et classification des valeurs</i>	Valor nominal dos títulos <i>Valeur nominale des titres</i>	Cotações dos títulos (efectuado) <i>Cours comptant</i> — Última cotação de Março	Número de títulos transaccionados <i>Quantité de valeurs vendues</i>		
			Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4 1/2 0/0, 1.ª e 2.ª séries, cup.	90\$00	-\$-	159	218	—
Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, 9 0/0 (De 1 a 55.000).....	100\$00	104\$50	703	624	1.698
Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, 7 1/2 0/0 (Trofa) 2.ª série. Conversão de 5 0/0.....	100\$00	102\$50	1.591	1.141	1.120
Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, 7 1/2 0/0 (Boavista à Trindade), 1.ª e 2.ª séries.....	100\$00	104\$00	1.235	845	1.023
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, 6 0/0.....	Frs. 500	310\$00	1.350	1.592	1.046
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, 6 0/0, 347.411 a 378.118 — T. do Tejo	Frs. 500	340\$00	98	14	1
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, 6 0/0, 378.119 a 403.043.....	Frs. 500	319\$00	30	680	557
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, 6 0/0, (Beira Baixa).....	Frs. 500	342\$00	1.652	2.207	729
Setil a Vendas Novas, 8 0/0	100\$00	-\$-	—	—	—
IV grupo — Companhias coloniais					
Boror, 7 0/0.....	£ 10-0 0	-\$-	42	—	—
Cabinda, 6 0/0	100\$00	-\$-	—	—	—
Colonial do Buzi, 9 0/0, tit. pequenos	£ 1-0-0	117\$50	1.175	740	2.155
Colonial do Buzi, 6 1/2 0/0, tit. pequenos.....	£ 1-0-0	122\$00	999	1.085	909

Observações. — Foram ainda transaccionados: (a) Fundos do Estado Brasileiro: Empréstimo Funding, 40 anos, tit. £ 100,1; Empréstimo Brasil 1902, Rescission, tit. £ 20,5. Acções: Banco da Agricultura, 944; Empresa Cerâmica de Lisboa, 75; Viação e Electricidade, 100; Agrícola do Cazengo, 90; Amboim, 1.580; Cassequel, 25; Ilha do Príncipe, ass., 6. Obrigações: Crédito Predial, 4 1/2 0/0, série A, 55. (b) Acções: Banco Nacional Ultramarino, port., 52; Banco da Agricultura, 1.970; Eléctricos, 900; Companhia de Seguros Comércio e Indústria, liberadas, 3; Cassequel, 110; Amboim, 1.627. Obrigações: Crédito Predial, 6 0/0, série A, 5 e 5 0/0, série A, 42; Municípios distritais, 45; União Eléctrica Portuguesa, 5 0/0, 137. Fundos estrangeiros: Empréstimo 1913, tit. 20,8. (c) Consolidado 1934, 4 3/4 0/0, certificado de D. L., 40; Acções: Cerâmica de Lisboa, 184; Banco da Agricultura, 1.055; Banco Português do Continente e Ilhas, 55; Funding, 20 anos, tit. £ 20,3; War-Loan, 3 1/2 0/0, tit. £ 100,2; Eléctricos de Lisboa, 240. Obrigações: Crédito Predial, 4 1/2 0/0, série A, 6 e 5 0/0, série A, 4; Ambaca, 52; Caminhos de Ferro através de África, 150; Companhia Portuguesa para Construção e Exploração de Caminhos de Ferro, 12.

Valor total das transacções efectuadas	{ (a) Na Bôlsa de Lisboa	74.058.470\$50
	{ (b) Na Bôlsa de Lisboa	60.993.258\$75
	{ (c) Na Bôlsa de Lisboa	58.630.994\$00

Bôlsa de mercadorias de Lisboa — Cotações efectuadas

Bourse de marchandises de Lisbonne — Cours pratiqués

Mapa n.º 58

		Gêneros <i>Denrées</i>	Unidade <i>Unité</i>	Cotação na última semana de cada mês <i>Cours la dernière semaine de chaque mois</i>		
				Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Produtos alimentícios <i>Produits alimentaires</i>	Nacionais <i>Nationales</i>	Aveia — <i>Avoine</i>	Quilo	\$85	\$82	\$84
		Fava { Ratinha	»	1\$12	1\$05	1\$05
		Fêve { Meã	»	—	—	1\$21
		Azeite extra — <i>Huile extra-acidité jusqu'à 1º</i>	100 quilos	—	905\$50	—
		Azeite fino até 2º — <i>Huile fin-acidité jusqu'à 2º</i>	»	—	—	910\$00
		Batata — <i>Pomme de terre</i>	Quilo	—	—	—
		Feijão..... { Branco — <i>Blanc</i>	»	1\$50	—	—
		<i>Haricots</i> { Vermelho — <i>Rouge</i>	»	1\$59	—	—
		Açúcar { Amarelo — <i>Jaune</i>	100 quilos	370\$00	—	—
		<i>Sucre</i> { Branco — <i>Blanc</i>	»	387\$00	—	—
	Grão Branco — <i>Pois chiche blanc</i>	Quilo	1\$39	—	—	
	Vinho tinto — <i>Vin rouge</i>	Litro	1\$40	—	—	
	Estrangeiros <i>E'trangers</i>	Açúcar cristal inglês — <i>Sucre cristal anglais</i>	100 quilos	—	77\$14	82\$26
		Amendoim da África Inglesa — <i>Arachides de l'Afrique Anglaise</i>	Quilo	1\$00	1\$00	—
		Amendoim da Índia Inglesa — <i>Arachides de l'Inde Anglaise</i>	»	—	—	1\$40
		Amendoim da China — <i>Arachides de Chine</i>	»	—	1\$60	—
		Café do Brasil... { n.º 1	15 quilos	77\$50	78\$00	79\$50
{ n.º 2		»	70\$00	60\$90	—	
<i>Café du Brésil</i> ... { n.º 7		»	—	75\$00	—	
Produtos diversos <i>Produits divers</i>	Nacionais <i>Nationaux</i>	Óleos lubrificantes — <i>Huiles lubrifiantes</i>	Quilo	—	2\$77	—
		Palha de trigo — <i>Paille de blé</i>	1,000 quilos	230\$00	198\$00	188\$00
		Coiros por arrobação — <i>Cuir par «arrobação»</i>	15 quilos	11\$60	—	10\$60
		Prata fina — <i>Argent fin</i>	Quilo	—	—	341\$50
	Estrangeiros <i>E'trangers</i>	Cimento Portland — <i>Ciment Portland</i>	Saco	—	12\$50	12\$20
		Carvão estrangeiro — <i>Charbon étranger</i>	1,000 quilos	205\$00	250\$00	222\$00
		Semente de linhaça da Índia Inglesa — <i>Graine de lin de l'Inde Anglaise</i>	Quilo	—	—	1\$00
		Cânhamo chinês — <i>Chanvre chinois</i>	»	—	—	1\$25
		Goma do Egipto — <i>Gomme de Egipte</i>	»	5\$13	—	—
		Algodão..... { América	»	—	7\$10	7\$47
{ Índia Holandesa	»	—	—	5\$95		
<i>Coton</i> { Egipto	»	6\$00	9\$94	8\$00		
{ Índia Inglesa	»	—	5\$27	4\$32		

Produtos diversos
Produits divers
 Coloniais
Coloniaux

Géneros <i>Denrées</i>	Unidade <i>Unité</i>	Cotação na última semana de cada mês <i>Cours la dernière semaine de chaque mois</i>			
		Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>	
Ricino { Angola.....	15 quilos	20\$00	20\$00	20\$00	
<i>Ricin</i> { Cabo Verde	"	20\$00	20\$00	20\$00	
Amendoim { Em casca — <i>En écorce</i>	"	9\$00	—\$—	9\$00	
<i>Arachides</i> { Descascado — <i>Ecorcé</i>	"	32\$50	34\$00	25\$00	
Coiros {	Quilo	Canoas — <i>«Canoas»</i> ..	9\$00	9\$05	9\$40
		Salgados — <i>Salés</i> ..	7\$50	7\$75	8\$20
		Angola { Sêcos — <i>Secs</i>	7\$00	7\$30	7\$70
		Bichos — <i>«Bichos»</i> ...	3\$80	4\$00	4\$20
<i>Cuir</i> s	"	Pequenos — <i>Petits</i> ...	—\$—	6\$25	6\$70
		Gainé	8\$50	—\$—	9\$00
Cabo Verde	"	6\$00	—\$—	—\$—	
Copra..... { S. Tomé	15 quilos	33\$00	33\$00	33\$00	
<i>Coprah</i> { Moçambique	"	33\$00	33\$00	33\$00	
Coconote { Angola	"	30\$00	27\$00	26\$00	
<i>Coconote</i> {	"	Gainé	—\$—	30\$00	27\$00
		S. Tomé	30\$50	27\$50	26\$50
Óleo de palma... { Angola.....	"	30\$00	42\$00	30\$00	
<i>Huile de palme</i> .. {	"	Gainé.....	—\$—	42\$00	42\$00
		S. Tomé.....	—\$—	42\$00	42\$00
Pargueira { Cabo Verde	Quilo	\$65	\$68	\$68	
<i>Purghère</i> { Gainé.....	"	\$68	—\$—	—\$—	
Gergelim { Gainé.....	15 quilos	21\$50	—\$—	—\$—	
<i>Sésame</i> { Angola.....	"	26\$00	26\$00	26\$00	
Canela de S. Tomé — <i>Cannelle de «S. Tomé»</i>	Quilo	—\$—	3\$00	—\$—	

Câmbios correntes

Changes courants

1.º trimestre de 1937

1^{er} trimestre 1937

Mapa n.º 59

Meses <i>Mois</i>		Praças <i>Places</i>		
		Londres s/Lisboa	Berlim s/Lisboa	New-York s/Lisboa
		Estabelecimento do câmbio <i>Etablissement du change</i>		
		Escudos por £ 1	Reichsmark por 100 escudos	Dólar por 1 escudo
Janeiro <i>Janvier</i>	6	110\$37 (5)	11,115	0,04451
	13	110\$37 (5)	11,105	0,044491
	20	110\$37 (5)	11,10	0,04452
	27	110\$37 (5)	11,08	0,04445
Fevereiro <i>Février</i>	3	110\$37 (5)	11,08	0,044475
	10	110\$37 (5)	11,07	0,04445
	17	110\$37 (5)	11,07	0,044466
	24	110\$37 (5)	11,06	0,044466
Março <i>Mars</i>	3	110\$37 (5)	11,06	0,044483
	10	110\$37 (5)	11,05	0,044387
	17	110\$37 (5)	11,05	0,04442
	24	110\$37 (5)	11,05	0,044437
	31	110\$37 (5)	11,06	0,044429

Compra de cambiais, segundo os fins a que se destinam, na cidade de Lisboa

Achat de devises, suivant leur emploi, à Lisbonne

Mapa n.º 60

Rubricas <i>Rubriques</i>		Em esterlinas — Libras <i>En Livres sterling</i>		
		Ano de 1937 <i>Année de 1937</i>		
		Janeiro <i>Janvier</i>	Fevereiro <i>Février</i>	Março <i>Mars</i>
Matérias primas para as artes e indústrias <i>Matières premières pour arts et industries</i>	Algodão — <i>Coton</i>	9.577	21.901	13.072
	Carvão — <i>Charbon</i>	59.871	63.992	84.360
	Cimento — <i>Ciment</i>		308	175
	Gasolina — <i>Essence</i>	12.367	11.746	8.249
	Lã — <i>Laine</i>	7.512	14.020	14.666
	Metais e suas ligas (em bruto) — <i>Métaux et leurs alliages (bruts)</i>	78.418	58.132	77.333
	Oleos pesados — <i>Huiles lourdes</i>	6.219	2.260	7.679
	Peles — <i>Peaux</i>	479	1.435	1.559
	Petróleo — <i>Pétroles</i>	10.353	751	9.766
	Produtos químicos, substâncias medicinais e perfumarias — <i>Produits chimiques, matières médicales et articles de parfumerie</i>	35.464	26.563	65.489
Tabaco em folha — <i>Tabac en feuilles</i>	1.495	2.144	1.903	
Fios, tecidos e respectivas obras <i>Fils, tissus et leurs ouvrages</i>	Algodão em fio e em tecidos — <i>Coton en fil et en tissus</i>	1.135	2.008	2.073
	Lã em fio e em tecidos — <i>Laine en fil et en tissus</i>	417	207	—
	Linho em fio e em tecidos — <i>Lin en fil et en tissus</i>	326	1.918	361
	Seda em fio e em tecidos — <i>Soie en fil et en tissus</i>	160	524	—
	Tecidos diversos e respectivas obras — <i>Tissus divers et leurs ouvrages</i>	366	331	3.015
Substâncias alimentícias <i>Sustances alimentaires</i>	Açúcar — <i>Sucre</i>	18.955	23.050	24.380
	Bacalhau — <i>Morue salée</i>	31.754	35.816	23.949
	Batatas — <i>Pommes de terre</i>	2.985	1.633	1.113
	Café — <i>Café</i>	—	1.519	2.942
	Cereais — <i>Céréales</i>	—	—	135
	Chá — <i>Thé</i>	998	956	1.038
Farinhas — <i>Farines</i>	107	—	—	
Máquinas, veículos, produtos farmacêuticos e tabacos manipulados <i>Machines, véhicules, produits pharmaceutiques et tabacs manufacturés</i>	Automóveis e seus pertences — <i>Automobiles et accessoires</i>	11.571	6.068	16.404
	Máquinismos — <i>Machinerie</i>	18.978	19.104	24.862
	Medicamentos — <i>Médicaments</i>	806	3.320	450
	Tabacos manipulados — <i>Tabac manufacturés</i>	134	450	502
	Tractores e máquinas agrícolas — <i>Tracteurs et machines agricoles</i>	200	285	91
Diversos <i>Divers</i>	Mercadorias diversas — <i>Marchandises diverses</i>	97.086	143.552	154.732
		<i>A transporter</i>	407.735	442.003

Rubricas Rubriques		Janeiro Janvier	Fevereiro Février	Março Mars	
<i>Transporte</i>		407.733	442.003	540.348	
Utilizações motivadas pelo art. 15.º do Decreto n.º 10.071 e importações para as Colónias <i>Emplois motivés par l'article 15 du décret n.º 10.071 et importation pour les Colonies</i>	Bens e rendimentos ou subsídios a residentes no estrangeiro — <i>Biens et revenus ou subventions aux habitants à l'étranger</i>	—	1.700	2.000	
	Cambiais em contra-partida (art. 31.º do Decreto n.º 10.071) — <i>Devises en contrepartie (article du Décret n.º 10.071)</i>	20.041	21.298	34.188	
	Comissões, peso e diferenças de peso — <i>Comissions, poids et différences de poids</i>	—	—	—	
	Despesas de viagem — <i>Frais de voyage</i>	1.100	650	—	
	importações para as Colónias — <i>Importations pour les Colonies</i> ...	8.171	3.450	307	
	Jaros, dividendos, cupões, etc. — <i>Intérêts, dividendes, coupons, etc.</i>	15.879	19.861	46.098	
	Livros, jornais, revistas e direitos de autor — <i>Livres, journaux, revues et droits d'auteur</i>	—	10	39	
	Receitas ou lucros de empresas residentes em Portugal com participação de estrangeiros — <i>Recettes au profits d'entreprises siégeant au Portugal avec participation d'étrangers</i>	46.000	10.000	8.000	
	Seguros — <i>Assurances</i>	1.068	450	3.600	
	Transportes e despesas de navios — <i>Transports et dépenses des navires</i>	14.111	2.000	211	
	Cheque até 100 libras ... <i>Chèques jusqu'à 100 livres</i>	Cambiais fornecidos ao abrigo do Decreto n.º 21.063 — <i>Devises concédées du fait du Décret n.º 21.063</i>	168.312	182.231	147.820
	Importação de mercadorias de origem alemã. <i>Importation de marchandises d'origine allemande</i>	Cambiais fornecidas ao abrigo do Decreto n.º 24.386 (movimento de Lisboa e Pôrto) — <i>Devises concédées du fait du Décret n.º 24.386 (mouvement du port de Lisbonne et de Porto)</i>	—	—	—
Importação de mercadorias de origem italiana <i>Importation de marchandises d'origine italienne</i>	Cambiais fornecidas ao abrigo do Decreto n.º 27.480 (movimento de Lisboa e Pôrto) — <i>Devises concédées du fait du Décret n.º 27.480 (mouvement du port de Lisbonne et de Porto)</i>	—	—	—	
<i>Total</i>		682.415	683.653	784.611	

Câmara de compensação

Chambre de Compensation

Movimento em 1937

Mouvement en 1937

da Cidade de Lisboa

de la ville de Lisbonne

(1.º trimestre)

(1^{er} trimestre)

Mapa n.º 61

Número de ordem	Meses Mois	Associados Sociétaires ou membres	Efeitos — Entrados Effets — Entrés					
			Apresentados Présentés		Recusados Refusés		Admitidos à compensação Admis à la compensation	
			Quantidade Quantité	Importância Montant	Quantidade Quantité	Importância Montant	Quantidade Quantité	Importância Montant
1	Janeiro Janvier	Banco de Portugal	5.228	109.197.050\$57	3	6.800\$00	5 225	109.190.250\$57
2		Banco Nacional Ultramarino	5.679	72.052.807\$16	7	37.359\$60	5.672	72.015.447\$56
3		Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência	1.128	46.688.222\$46	1	74.912\$27	1.127	46.615.510\$19
4		Banco Lisboa & Açores	10.069	89.443.256\$26	3	18.270\$20	10.066	89.424.986\$06
5		Banco Espírito Santo	8.679	76.552.765\$88	6	14.536\$00	8.673	76.538.229\$88
6		Banco Pinto & Soto Maior ..	4.695	35.616.145\$09	4	2.437\$00	4.691	35.615.708\$09
7		José Henriques Tota, L. ^{da}	2.691	27.293.388\$47	—	—	2.691	27.293.388\$47
8		Fonsecas, Santos & Viana...	6.856	155.453.905\$03	11	481.043\$50	6.845	154.952.861\$53
9		Borges & Irmão (agência) ...	5.662	42.236.926\$85	4	1.882\$20	5.658	42.235.044\$65
10		Total	50.687	652.514.467\$77	39	637.240\$77	50.648	651.877.227\$00
11	Fevereiro Février	Banco de Portugal	5.028	122.119.480\$95	1	1.486\$90	5.027	122.117.994\$05
12		Banco Nacional Ultramarino	5.444	74.958.497\$13	7	77.776\$80	5.437	74.880.720\$33
13		Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência	971	64.451.842\$61	—	—	971	64.451.842\$61
14		Banco Lisboa & Açores	9.396	76.471.788\$95	3	10.670\$53	9.393	76.461.118\$42
15		Banco Espírito Santo	8.179	66.431.791\$66	8	12.282\$65	8.171	66.419.509\$01
16		Banco Pinto & Soto Maior ...	4.542	35.535.549\$54	2	23.472\$15	4.540	35.512.077\$59
17		José Henriques Tota, L. ^{da}	2.563	31.006.186\$25	—	—	2.563	31.006.186\$25
18		Fonsecas, Santos & Viana...	6.597	120.244.596\$63	9	16.605\$30	6.588	120.227.991\$35
19		Borges & Irmão (agência) ...	5.390	38.576.088\$46	7	7.473\$55	5.383	38.568.614\$91
20		Total	47.910	629.795.822\$20	37	149.767\$88	47.873	629.646.054\$32
21	Março Mars	Banco de Portugal	6.003	108.001.994\$85	1	11.000\$00	6.004	107.990.994\$85
22		Banco Nacional Ultramarino	6.351	99.387.820\$64	7	47.351\$82	6.344	99.340.468\$82
23		Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência	1.059	61.884.204\$28	—	—	1.059	61.884.204\$28
24		Banco Lisboa & Açores	10.491	97.414.486\$75	1	12.000\$00	10.490	97.402.486\$75
25		Banco Espírito Santo	9.655	89.177.827\$18	10	34.959\$85	9.645	89.142.867\$33
26		Banco Pinto & Soto Maior ...	5.144	40.407.078\$36	3	1.749\$05	5.141	40.405.329\$31
27		José Henriques Tota, L. ^{da}	3.146	36.382.327\$68	2	3.115\$30	3.144	36.379.212\$18
28		Fonsecas, Santos & Viana ..	7.651	152.235.693\$05	10	149.653\$11	7.641	152.086.039\$94
29		Borges & Irmão (agência) ...	6.282	49.720.429\$79	12	74.761\$16	6.270	49.645.668\$65
30		Total	55.784	734.611.862\$58	46	334.590\$49	55.738	734.277.272\$09
31	Total geral ...	154.381	2.016.922.152\$55	122	1.121.599\$14	154.259	2.015.800.553\$41	

Número de ordem	Meses Mois	Associados Sociétaires ou membres	Efeitos — Saldos Effets — Sortis							
			Sacados Tirés		Recusados Refusés		Liquidados por compensação Régles par compensation		Saldo apurados por compensação Soldes obtenus par compensation	
			Quantidade Quantité	Importância Montant	Quantidade Quantité	Importância Montant	Quantidade Quantité	Importância Montant	Devedores Débiteurs	Credores Créditeurs
1	Janeiro Janvier	Banco de Portugal	4.014	133.836.850\$44	2	1.514\$40	4.012	135.835.536\$04	63.997.612\$00	39.352.526\$53
2		Banco Nacional Ultramarino	8.671	70.524.660\$02	3	38.997\$50	8.668	70.485.662\$52	12.592.818\$78	14.122.603\$82
3		Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência	4.209	80.975.529\$88	8	14.900\$05	4.201	80.960.629\$83	55.310.151\$89	20.962.832\$25
4		Banco Lisboa & Açores	7.791	84.768.440\$39	10	24.895\$40	7.781	84.743.544\$99	12.455.310\$19	17.136.751\$26
5		Banco Espírito Santo	7.578	73.632.972\$83	—	—	7.578	73.632.972\$83	12.227.130\$92	15.132.387\$97
6		Banco Pinto & Soto Maior ...	4.685	40.698.201\$09	7	512.481\$67	4.678	40.185.719\$42	10.024.271\$69	3.452.260\$36
7		José Henriques Tota, L. ^{da}	1.364	21.688.742\$13	6	31.187\$90	1.358	21.657.554\$25	2.262.501\$42	7.898.335\$66
8		Fonsecas, Santos & Viana...	5.613	104.324.117\$11	—	—	5.615	104.324.117\$11	9.756.597\$21	60.385.341\$63
9		Borges & Irmão (agência) ...	6.760	42.064.953\$88	3	13.263\$85	6.757	42.051.690\$03	10.874.561\$49	11.057.916\$11
10		Total	50.687	652.514.467\$77	39	637.240\$77	50.648	6 51.877.227\$00	189.500.955\$59	189.500.955\$59
11	Fevereiro Février	Banco de Portugal	5.817	117.631.085\$90	3	6.470\$53	5.814	117.624.615\$37	51.068.236\$84	55.561.615\$52
12		Banco Nacional Ultramarino	7.829	62.020.866\$53	3	2.670\$55	7.826	62.018.195\$98	9.158.409\$08	22.020.933\$45
13		Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência	3.953	88.325.019\$78	8	29.273\$20	3.945	88.295.746\$58	56.250.977\$35	32.407.073\$38
14		Banco Lisboa & Açores	7.444	86.030.677\$93	5	9.952\$30	7.439	86.020.745\$63	17.982.555\$71	8.422.908\$50
15		Banco Espírito Santo	7.323	74.810.836\$66	—	—	7.323	74.810.836\$66	17.472.222\$09	9.080.894\$44
16		Banco Pinto & Soto Maior ...	4.314	37.778.624\$36	4	81.280\$30	4.310	37.697.344\$06	7.818.566\$96	5.635.300\$29
17		José Henriques Tota, L. ^{da}	1.406	27.215.171\$70	5	3.634\$45	1.401	27.211.537\$25	5.644.803\$51	9.459.452\$51
18		Fonsecas, Santos & Viana...	5.504	97.101.625\$18	—	—	5.504	97.101.625\$18	14.313.867\$03	37.440.233\$20
19		Borges & Irmão (agência) ...	6.320	38.881.914\$16	9	16.506\$55	6.311	38.865.407\$61	8.620.179\$34	8.323.386\$64
20		Total	47.910	629.795.822\$20	37	149.767\$88	47.873	629.646.054\$32	188.329.797\$91	188.329.797\$91
21	Março Mars	Banco de Portugal	4.398	144.171.683\$46	5	50.996\$25	4.393	144.120.687\$21	63.306.586\$18	27.176.893\$82
22		Banco Nacional Ultramarino	9.240	91.721.479\$08	6	50.660\$18	9.234	91.670.818\$90	13.473.588\$12	21.143.238\$04
23		Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência	4.721	84.100.891\$69	20	135.741\$41	4.701	83.965.150\$28	49.541.215\$82	27.460.269\$82
24		Banco Lisboa & Açores	8.855	101.473.032\$04	7	38.980\$16	8.848	101.434.051\$88	19.139.760\$53	15.108.193\$40
25		Banco Espírito Santo	8.551	78.867.661\$13	—	—	8.551	78.867.661\$13	8.993.521\$72	19.268.727\$92
26		Banco Pinto & Soto Maior ...	5.056	50.584.682\$47	1	1.316\$85	5.055	50.583.365\$62	13.882.988\$04	3.704.951\$73
27		José Henriques Tota, L. ^{da}	1.594	22.637.936\$42	3	4.519\$15	1.591	22.633.417\$27	4.406.066\$11	18.151.861\$02
28		Fonsecas, Santos & Viana ..	6.017	116.389.074\$98	—	—	6.017	116.389.074\$98	12.746.072\$45	48.443.037\$41
29		Borges & Irmão (agência) ...	7.352	44.605.421\$31	4	52.376\$49	7.348	44.613.044\$82	7.551.498\$40	12.584.122\$21
30		Total	55.784	754.611.862\$58	46	334.590\$49	55.738	734.277.272\$09	193.041.297\$37	193.041.297\$37
31	Total geral ...	154.381	2.016.922.152\$55	122	1.121.599\$14	154.259	2.015.800.553\$41	570.872.050\$87	570.872.050\$87	

Compra de prédios, segundo o número e valor dos contratos celebrados, em 1937 (1.º trimestre) na cidade de Lisboa

Acquisition d'immeubles, d'après le nombre et le montant des contrats effectués, en 1937 (1^{er} trimestre) dans la ville de Lisbonne

Mapa n.º 63

Valor e número dos contratos e valor e natureza dos prédios Montant et nombre de contrats et valeur et nature des immeubles		Meses Mois			
		Janeiro Janvier	Fevereiro Fevrier	Mars Mars	
Até 1.000 escudos	Número de contratos	11	13	24	
	Valor—Valeur ..	Rústicos	5	4	13
		Urbanos	2	1	—
		Mixtos	—	1	1
	Total ..	7	6	14	
De 1.000 a 5.000 escudos	Número de contratos	37	34	45	
	Valor—Valeur ..	Rústicos	78	73	88
		Urbanos	23	5	17
		Mixtos	2	2	11
	Total ..	103	80	116	
De 5.000 a 10.000 escudos	Número de contratos	17	28	31	
	Valor—Valeur ..	Rústicos	120	151	164
		Urbanos	28	54	77
		Mixtos	10	10	10
	Total ..	158	215	251	
De 10.000 a 50.000 escudos	Número de contratos	46	40	63	
	Valor—Valeur ..	Rústicos	422	503	423
		Urbanos	597	368	897
		Mixtos	119	176	297
	Total ..	1.138	1.047	1.617	
De 50.000 a 100.000 escudos	Número de contratos	23	26	30	
	Valor—Valeur ..	Rústicos	374	538	261
		Urbanos	1.077	1.273	1.807
		Mixtos	140	82	271
	Total ..	1.591	1.893	2.339	
De 100.000 a 500.000 escudos	Número de contratos	43	37	42	
	Valor—Valeur ..	Rústicos	400	299	355
		Urbanos	8.537	6.656	7.632
		Mixtos	—	455	593
	Total ..	8.937	7.410	8.580	
De 500.000 a 1.000.000 escudos, ou mais (a).	Número de contratos	3	8	6	
	Valor—Valeur ..	Rústicos	—	—	—
		Urbanos	1.923	4.516	4.089
		Mixtos	—	1.811	574
	Total ..	1.923	6.327	4.663	
Total geral—Total général	Número de contratos	180	186	241	
	Valor—Valeur ..	Rústicos ..	1.389	1.568	1.304
		Urbanos ..	12.187	12.873	14.519
		Mixtos ..	272	2.537	1.757
	Total ..	13.848	16.978	17.580	
Total geral do Continente e Ilhas — Total général du continent et Iles ..	Número de contratos	6.295	6.170	6.894	
	Valor—Valeur ..	Rústicos ..	14.609	14.838	16.903
		Urbanos ..	22.983	22.184	26.673
		Mixtos ..	4.005	6.149	6.204
	Total ..	41.597	43.171	49.780	

(a) — Inclui um contrato sobre prédios urbanos, no valor de 1.093 contos.

Hipotecas na cidade de Lisboa, em 1937 (1.º trimestre)

Hypothèques dans la ville de Lisbonne, en 1937 (1^{er} trimestre)

Mapa n.º 64

Meses Mois	Dívidas hipotecárias contraídas (em contos) <i>Dettes hypothécaires contractées (em 1.000 «escudos»)</i>	Total das dívidas hipotecárias <i>Total des dettes hypothécai- res</i> — Escudos	Número de prédios hipotecados, segundo <i>Nombre de propriétés hypothéquées, suivant</i>								
			Crédores <i>Créanciers</i>		Juros normais <i>Intérêts normaux</i>		Juros de mora <i>Intérêts moratoires</i>		Natureza dos prédios <i>Nature des propriétés</i>		
			Particulares <i>Particuliers</i>	Estabelecimentos de crédito e Misericórdias <i>Établissements de crédits et «Misericórdias»</i>	Até 6 % <i>Jusqu'à 6 %</i>	De 6 a 8 % <i>De 6 à 8 %</i>	Até 12 % <i>Jusqu'à 12 %</i>	Não declarados <i>Non déclarés</i>	Rústicos <i>Rurales</i>	Urbanos <i>Urbaines</i>	Mixtos <i>Mixtes</i>
Janeiro <i>Janvier</i>	Até 10	97.000	14	3	3	14	4	13	2	15	—
	De 10 a 25	403.600	13	10	11	12	5	18	—	23	—
	De 25 a 50	1.108.438	19	8	8	19	11	16	2	24	1
	De 50 a 100	2.317.345	24	5	7	22	12	17	6	21	2
	De 100 a 1.000	5.508.100	18	5	5	18	13	10	6	13	4
	De mais de 1.000 ...	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Total.....	9.434.483	88	31	34	85	45	74	16	96	7
Fevereiro .. <i>Février.....</i>	Até 10	94.500	7	6	6	7	8	5	1	12	—
	De 10 a 25	611.000	19	12	11	20	17	14	1	30	—
	De 25 a 50	877.000	15	9	10	14	6	18	1	23	—
	De 50 a 100	1.374.000	10	7	9	8	9	8	1	16	—
	De 100 a 1.000	3.530.000	14	3	5	12	8	9	3	13	1
	De mais de 1.000 ...	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Total.....	6.486.500	65	37	41	61	48	54	7	94	1
Março..... <i>Mars</i>	Até 10	112.000	14	3	3	14	9	8	2	15	—
	De 10 a 25	316.700	13	6	7	12	14	5	—	19	—
	De 25 a 50	1.090.000	22	6	8	20	9	19	3	22	3
	De 50 a 100	2.918.000	25	11	11	25	17	19	13	21	2
	De 100 a 1.000	5.310.000	24	1	5	20	8	17	8	16	1
	De mais de mil.....	2.000.000	—	2	2	—	—	2	—	2	—
	Total	11.746.700	98	29	36	91	57	70	26	95	6
	Total geral ..	27.667.683	251	97	111	237	150	198	49	285	14

Prédios que deixaram de estar hipotecados em 1937, (1.º trimestre)
na cidade de Lisboa, e valor das dívidas que garantiam

*Nombre d'immeubles dégrévés d'hypothèques en 1937, (1^{er} trimestre) dans la ville
de Lisbonne, et montant des obligations éteintes*

Mapa n.º 65

Meses Mois	Dívidas garantidas pelos prédios que deixaram de estar hipotecados, (em contos) <i>Obligations hypothécaires éteintes (em 1.000 escudos)</i>	Total das importâncias garantidas pelos prédios que deixaram de estar hipotecados <i>Montant des obligations éteintes</i> Escudos	Número de prédios que deixaram de estar hipotecados segundo <i>Nombre de propriétés dégrévées selon</i>								
			Crédores <i>Créanciers</i>		Juros normais <i>Intérêts normaux</i>		Juros de mora <i>Intérêts moratoires</i>		Natureza dos prédios <i>Nature des propriétés</i>		
			Particulares <i>Particuliers</i>	Estabelecimentos de crédito e misericórdias <i>Établissements de crédit et misericordes</i>	Até 6 % <i>Jusqu'à 6 %</i>	De 6 % a 8 % <i>De 6 à 8 %</i>	Até 12 % <i>Jusqu'à 12 %</i>	Não declarados <i>Non déclarés</i>	Rusticos <i>Rurales</i>	Urbanos <i>Urbanains</i>	Mixtos <i>Mixtes</i>
Janeiro <i>Janvier.....</i>	Até 10	69.143	9	1	3	7	4	6	—	8	2
	De 10 a 25	72.000	4	1	1	4	3	2	—	5	—
	De 25 a 50.....	332.000	6	3	4	5	2	7	—	6	3
	De 50 a 100	757.560	9	1	3	7	—	10	2	7	1
	De 100 a 1.000	2.845.000	15	2	—	17	1	16	—	13	4
	De mais de 1.000...	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total	4.075.703	43	8	11	40	10	41	2	39	10	
Fevereiro .. <i>Février.....</i>	Até 10	28.100	8	—	3	5	1	7	—	7	1
	De 10 a 15	245.494	11	3	3	11	6	8	—	13	1
	De 25 a 50	732.500	14	3	5	12	8	9	—	13	4
	De 50 a 100.....	1.729.605	15	6	4	17	2	19	—	17	4
	De 100 a 1.000	3.451.500	13	5	1	17	2	16	—	13	5
	De mais de 1.000...	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total.....	6.187.199	61	17	16	62	19	59	—	63	15	
Março	Até 10	38.225	9	1	3	7	6	4	2	8	—
	De 10 a 25	146.750	6	2	1	7	3	5	1	6	1
	De 25 a 50.....	617.000	8	7	3	12	4	11	—	12	3
	De 50 a 100	1.796.583	17	6	2	21	9	14	1	19	3
	De 100 a 1.000	3.242.475	10	2	2	10	2	10	1	7	4
	De mais de 1.000...	2.500.000	2	—	—	2	—	2	—	2	—
Total..	8.341.533	52	18	11	59	24	46	5	54	11	
Total geral	18.604 435	156	43	38	161	53	146	7	156	36	

Teatros da Cidade de Lisboa
 — Número de peças representadas,
 segundo o seu género e número de representações,
 em 1937 (1.º trimestre)

Théâtres de la Ville de Lisbonne
 — Nombre de pièces jouées,
 d'après leur genre et le nombre de représentations
 en 1937 (1^{er} trimestre)

Mapa n.º 66

Meses	Género												Originais	
	Total		Altas comédias, comédias e farsas		Dramas		Operetas		Revistas		Outros géneros		Portugueses	Estrangeiros
	Número de peças representadas	Número de representações	Número de peças representadas	Número de representações	Número de peças representadas	Número de representações	Número de peças representadas	Número de representações	Número de peças representadas	Número de representações	Número de peças representadas	Número de representações		
Janeiro.....	28	278	8	85	—	—	15	31	3	146	2	16	9	19
Fevereiro.....	29	221	12	56	2	18	9	29	2	86	4	32	6	23
Março.....	18	141	7	78	5	7	1	23	2	27	3	6	9	9

Teatros da Cidade de Lisboa — Número, lotação, pessoal, espectáculos realizados, bilhetes vendidos e impostos pagos ao Estado em 1937 (1.º trimestre)

Theâtres de la Ville de Lisbonne — Nombre de théâtres, nombre de places, d'employés, de spectacles présentés, de billets vendus et chiffre des impôts payés à l'Etat en 1937 (1^{er} trimestre)

Mapa n.º 67

Meses	Número de teatros que funcionaram	Lotação das casas de espectáculos	Pessoal em serviço								Número de espectáculos realizados	Número de bilhetes vendidos	Importância dos impostos pagos ao Estado
			Actores		Coristas		Outro pessoal de cena		Auxiliar				
			Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas			
Janeiro	8	9.680	69	94	14	113	69	11	484	76	293	82.308	43.683\$50
Fevereiro	(a) 7	8.992	61	79	14	62	51	5	408	64	207	79.737	38.966\$03
Março	(b) 6	3.960	37	33	6	44	42	—	228	35	139	30.363	18.607\$00

(a)—No Coliseu dos Recreios também se realizaram vinte e três espectáculos com uma companhia de circo.

(b)—No Coliseu dos Recreios também se realizaram trinta e um espectáculos com uma companhia de circo e um concerto.

Cinemas da Cidade de Lisboa — Número, lotação, pessoal, sessões realizadas, bilhetes vendidos e impostos pagos ao Estado, em 1937 (1.º trimestre)

Cinémas de la Ville de Lisbonne — Nombre de cinémas, nombre de places, d'employés, de séances, de billets vendus et chiffre des impôts payés à l'Etat, en 1937 (1^{er} trimestre)

Mapa n.º 68

Meses	Número de cinemas que funcionaram	Lotação das casas de espectáculos	Pessoal em serviço			Número de sessões realizadas	Número de bilhetes vendidos	Importância dos impostos pagos ao Estado
			Total	Número de varões	Número de fêmeas			
Janeiro	33	24.386	838	697	141	1.225	345.386	147.834\$00
Fevereiro	33	24.404	847	710	137	1.088	353.334	139.706\$60
Março	34	28.517	881	740	141	1.210	367.971	148.673\$65

SOMMAIRE

JÚLIO DANTAS — *L'ancien Passeio Público.*

ANTÓNIO BAIÃO — Afonso de Albuquerque, le premier Président de la Chambre Municipale de Lisbonne.

ALFREDO DA CUNHA — Gil Vicente et Lisbonne.

FRANCISCO RODRIGUES — Le Collège de Santo Antão de Lisbonne.

ALVARO DA FONTOURA — Le logement des classes ouvrières.

Résumé en français — Résumé en anglais.

STATISTIQUE MUNICIPALE.

STATISTIQUE GÉNÉRALE.